



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

BIANCA RODRIGUES DA SILVA

Mulheres:

Trajetórias, percepções de si e vivências afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens transexuais

JOÃO PESSOA/ RIO TINTO - PB

2018

BIANCA RODRIGUES DA SILVA

Mulheres:

Trajetórias, percepções de si e vivências afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens transexuais

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como etapa para obtenção do Grau em Mestre em Antropologia.
Orientadora: Professora Dra. Mónica Franch.

JOÃO PESSOA/ RIO TINTO – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Bianca Rodrigues da.

Mulheres: Trajetórias, percepções de si e vivências afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens transexuais / Bianca Rodrigues da Silva. - Rio Tinto, 2018.

115 f.

Orientação: Mónica Franch.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CENTRO.

1. Mulheres. 2. Trajetórias. 3. sexualidade. I. Franch, Mónica. II. Título.

UFPB/BC CDU 572



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



BIANCA RODRIGUES DA SILVA

Mulheres:

Trajetórias, percepções de si e vivências afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens transexuais

Dissertação defendida e aprovada no dia 18 de Agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA

Dra. Mônica Franch
(Orientadora/UFPA)

Dr. Adriano de León
(Examinador externo/UFPA)

Dra. Silvana de Souza Nascimento
(Examinadora interna/UFPA/ USP)

Às mulheres subversivas, donas de si.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pois é através da força e do amor deles que me faço aqui presente hoje, e é o que me possibilita seguir nos caminhos que quero trilhar. Diante disso, agradeço ao universo por tudo o que ele vem materializando nas experiências que vivo e pelas pessoas maravilhosas que fui encontrando ao longo deste percurso chamado vida.

Sou grata aos meus familiares e amigos que confiam e acreditam em mim, quando, às vezes, eu ainda vacilo em acreditar. Sou grata à energia do amor, por me ensinar a (re)conhecer tanto a ela quanto a mim, bem como o que abraçar e o que soltar. A todas as pessoas que ela me trouxe e levou, e a que ela fez brotar ao longo desses dois anos, gerando carinho e aprendizado durante esses movimentos.

Sou grata também aos colegas de mestrado, em especial àquelas que se tornaram amigas, compartilharam comigo e me ajudaram a resolver as minhas crises ao longo desse processo solitário que é a escrita da dissertação.

Sou especialmente grata à minha orientadora Mônica Franch, por acreditar em mim e me olhar nos olhos dizendo que tudo daria certo, quando senti o medo e a insegurança me tomava pelo braço, sem saber se daria conta de desenvolver esta dissertação.

Gratidão a todos os mestres que encontrei e têm me auxiliado em meu crescimento. Gratidão a Adriano de León, por topar participar de mais uma etapa do meu processo de crescimento acadêmico, e a Silvana Nascimento, pela leveza e doçura transmitidas ao ensinar as possibilidades de caminhos através das críticas construtivas e por me lembrar o quanto essa dissertação é relevante.

Às colegas do Grupessc e do Guetu, que escutaram e contribuíram com este trabalho, em diversos momentos de sua feitura.

Sou grata a todas as interlocutoras que possibilitaram a existência deste trabalho, bem como ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Paraíba.

À Capes, que deu condições financeiras para a dedicação ao mestrado.

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

RESUMO

Este estudo se propõe pensar as trajetórias afetivo-sexuais de mulheres que se encontram engajadas em relacionamentos com homens transexuais, tendo em vista como elas percebem a si, sua sexualidade, seus desejos, sob o pano de fundo dessa relação. Para tanto, foi realizado o acompanhamento de um grupo (online) composto por mulheres que se relacionam com homens trans, que residem em diferentes regiões do país. Buscando perceber o que partilham entre si no tocante as suas vivências afetivas e sexuais, a partir do grupo e para além dele, foram realizadas conversas formais (entrevistas) e informais de forma individualizada com seis interlocutoras, cujas trajetórias são a base deste estudo.

Palavras-chave: Mulheres; Trajetórias; sexualidade; conjugalidade; homens trans

ABSTRACT

This study proposes to think about the sexual affective trajectories of women who are engaged in relationships with transsexual men, considering how they perceive themselves, their sexuality, their desires, against the backdrop of this relationship. For that, a group (online) was composed of women who are related to trans men, who live in different regions of the country. Seeking to understand what they share with each other regarding their affective and sexual experiences, from the group and beyond, formal (interviews) and informal conversations were conducted in an individualized way with six interlocutors, whose trajectories are the basis of this study.

Keywords: Women; Trajectories; sexuality; conjugality; trans men

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARTE I – SILHUETA DA PESQUISA: MEU TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO.

1 PERCURSO METODOLÓGICO: ENTRE *PRINTSCREEN*, ÁUDIOS, EMOJIS, TEXTÕES E UM DIÁRIO DE CAMPO

2 UM HOMEM NÃO TE DEFINE, SUA CARNE NÃO TE DEFINE, VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR: CONTORNOS E BORRÕES ACERCA DAS SEXUALIDADES E CONJUGALIDADES.

3 ESTADO DA ARTE OU QUEM SE RELACIONA COM HOMENS TRANS?

PARTE II – ETNOGRAFANDO MULHERESQUE SE RELACIONAM COM HOMENS TRANS.

4 ELAS E O “SÓ PARA ELAS”.

5 TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS: “VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO”.

5.1 Flambeau: “A Flambeau liberta”.

5.2 Prepona: “Na verdade permaneci na relação de fato, por ser bi”

5.3 Samuelis: “*Eu sou pan*♥”.

5.4 Restinga: “Acho que sou pan, mas sou heteroafetiva”

5.5 Manacá: “Eu sempre digo que gosto de pessoas”

5.6 Morpho: “Eu acho que eu me apaixono por pessoas”.

RASCUNHANDO (IN)CONCLUSÕES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

*“Quando eu estou contigo eu sou hétero, né?
Porque tu é homem, se eu me separar eu sou lésbica”
(Widdy. In: Olhe pra mim de novo, 2011)*

Eu estava iniciando as minhas leituras sobre gênero e sexualidade, tecendo os primeiros contatos com as trans identidades quando ouvi isso de uma mulher que se relaciona com um homem transexual. A frase me inquietou profundamente, diante de mim estava uma possibilidade completamente nova (aos meus olhos) e um tanto quanto fluida de se perceber e pensar os desejos, corpos e, por que não, identidades.

Isso ocorreu no I Encontro de Homens Trans do Norte e Nordeste, organizado pela Associação Brasileira de Homens Trans, que ocorreu em João Pessoa, em junho de 2013. O encontro tinha como objetivo tratar sobre os direitos e o exercício da cidadania dos homens transexuais, bem como incentivar o protagonismo e a militância. Mesmo tendo como foco os homens trans e sendo um evento feito “por eles e para eles”, aquele não era um encontro fechado, por isso pude me fazer presente ao longo dos três dias. E foi dentro daquele cenário que essa personagem, inserida também naquele contexto, me chamou a atenção pela primeira vez.

A autora da frase é Widdy, e ela se encontra registrada no documentário “Olhe pra mim de novo¹”, protagonizado por seu parceiro, Sillvyo. Pude ouvi-la pela primeira vez durante o segundo dia do encontro, onde ocorreu uma sessão de cine no qual o documentário foi exibido. No decorrer do filme, dentre outras questões, Sillvyo relata sua trajetória de vida como homem trans e o desejo de ter um filho geneticamente seu e de Widdy. Ela, por sua vez, realiza algumas participações e tece algumas falas. Entretanto, ao retratar sua sexualidade, Widdy atraiu o foco do meu olhar para ela, para a fluidez do seu desejo. Deste modo, se no primeiro momento as minhas lentes estavam focadas exclusivamente nos homens trans, após vislumbrar essa possibilidade de fluidez o foco se voltou para ela, ou melhor, para elas.

Essa mudança de enfoque proporcionada pelo evento afetou o meu olhar antropológico, expandiu o meu campo de visão. Me deixando afetar pelas possibilidades de

¹ Filme dirigido por Kiko Goifman e Claudia Priscilla, lançado em 2013.

alargamento do olhar, pude enxergar essas mulheres, para depois, então, refletir sobre elas, sobre suas trajetórias e vivências.

Como aponta Favred-Saada:

[...] quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista do nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento desfazer-se. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então a etnografia é possível. (FAVRED-SAADA, 2005, p. 162)

Deste modo, após a exibição do documentário eu tinha apenas uma certeza: o meu modo de ver as sexualidades jamais voltaria a ser o mesmo. A fala de Widdy me afetou, trouxe luz ao meu olhar antropológico inexperiente, me permitindo enxergar como os desejos e os amores deslizam por entre os corpos.

Percebendo essa fluidez, é importante salientar que vejo o relacionamento entre mulheres e homens trans apenas como umas das possibilidades dentro dos campos dos desejos para ambos, uma vez que não existe causalidade entre sexo/gênero/desejo, como afirma Berenice Bento (2006), inspirada na hoje já clássica análise de Judith Butler.

É sobre essa possibilidade de desejo que esse trabalho detém seu foco: pensar mulheres que se relacionam de forma afetivo-sexual com homens trans. Nesse sentido, a fala de Widdy se apresenta como a primeira possibilidade de trajetória afetivo-sexual com que tive contato dentro desse campo dos desejos. *“Quando eu estou contigo eu sou hétero, né? Porque tu é homem, se eu me separar eu sou lésbica”* (WIDDY, 2013).

Diante dessa frase, a primeira impressão que tive foi despertar para como Widdy percebia e deixava o seu desejo fluir e, com isso, as percepções de si e nomenclaturas para enquadrar a sua sexualidade. Assim, ser, se perceber enquanto heterossexual ou homossexual, se colocam, a princípio, como algo situacional, que dialoga com a identidade/expressão de gênero do parceiro com o qual ela se relaciona.

A partir daí, a primeira hipótese que elaborei e que me levou a campo foi perceber se o trânsito por entre os gêneros dos parceiros influenciava as percepções que essas mulheres tinham de si mesmas, sobretudo no tocante a sua sexualidade. Comecei a indagar se este seria um percurso “comum” entre essas mulheres, se o sentimento de pertença, a “identidade” ou, ainda, se ser ou estar lésbica dependeriam ou não da genitália e/ou expressão de gênero

daquele ou daquela com quem se relacionam. Algumas questões se apresentaram naquele momento, me ajudando a perfilar o que posteriormente viria a ser esta dissertação de mestrado. Quem são as companheiras dos homens trans, como elas vivenciam sua sexualidade na relação afetiva? E, para as mulheres que estabeleceram laços afetivo-sexuais com seus parceiros antes da transição, o que faz essas mulheres permanecerem nessas relações, já que o corpo, muitas vezes principal “fonte” do desejo, já não é mais o mesmo e não mais performa o gênero da forma como se deram inicialmente as interações e laços afetivo-sexuais? Como fica a percepção de si e de sua sexualidade ao longo e diante desse movimento/mudança que não partiria delas?

Ou ainda: que percepções e caminhos percorridos ao longo de suas trajetórias lhes possibilitam, hoje, estar em uma relação com um homem trans? E o que essas experiências podem nos ensinar a respeito da sexualidade, do desejo e das percepções “identitárias”, para além das próprias mulheres que se relacionam com homens trans? Até que ponto o corpo, a performance e as experiências dessas mulheres também transicionam – novos roteiros sexuais, novas corporalidades, novas performances sexuais e de gênero? Ou, pelo contrário, a transição dos companheiros impacta menos nas questões relativas à intimidade do que nos aspectos públicos e políticos da sexualidade, enquanto certo “deslizamento à (hetero)normalidade”? Tudo isso levando também em consideração que as experiências sexuais dessas mulheres, em suas diversas parcerias afetivo-sexuais, não podem ser compreendidas de forma homogênea. Tendo essas interrogações iniciais em vista, me propus a pensar a partir das trajetórias de mulheres que se encontram atualmente em relacionamentos com homens trans, como elas percebem a si, sua sexualidade e desejos, tendo como pano de fundo essa relação.

Pensar os homens trans e as transmasculinidades ainda é um trabalho bastante recente. Ávila e Grossi (2010) constatam que a produção de estudos no Brasil é praticamente inexistente, de forma que estes parecem ter menos visibilidade que as mulheres transexuais. Dentro dessa pouca, mas, sobretudo, crescente produção² que vem sendo desenvolvida ao longo dos anos recentes sobre a transexualidade masculina, parece existir uma lacuna com relação às suas parcerias afetivas, parcerias estas, por sua vez, que se fazem presentes nas transições e trajetórias desses homens. Deste modo, assim como a visibilidade das produções sobre

² Para citar algumas das produções: Grossi (2010); Nery e Maranhão (2013); Robalo (2014); Rego (2014, 2015); Oliveira (2015); Cortez (2015), Silva (2015); Almeida (2016), Ávila e Silva (2016); Amorin (2016), Brandão (2016), Pedrini (2017), Oliveira (2017),

peças transexuais recai sobre as mulheres, as produções acerca da afetividade, das relações afetivo-sexuais giram em torno delas também.

Com isso, a intenção deste trabalho é apontar à ausência de pesquisas acerca das pessoas que se relacionam com os homens trans. Seu intuito é compreender as vivências afetivo-sexuais das mulheres aqui presentes, até as quais cheguei pelo fato de estarem em relacionamentos que me inquietaram, por serem relacionamentos com homens trans. Assim, as questões que circunscrevem esses engajamentos afetivo-sexuais se fazem presentes aqui justamente por ser o meio pelo qual chego até elas. Entretanto, buscou-se compreender as suas trajetórias, ou seja, suas carreiras amorosas e sexuais para além desse relacionamento, mesmo que ele apareça como central em algumas falas, uma vez que essa foi a temática sobre a qual eu me aproximei e teci as primeiras interações com elas.

Dito isso, através deste trabalho buscou-se contribuir para o preenchimento da lacuna analítica, bem como romper com o silêncio e a invisibilidade e fazer ecoar as vozes de mulheres que estão em relações afetivo-sexuais com homens transexuais. Para tanto, realizei o acompanhamento de um grupo (online), o “Só para elas”, composto por mulheres que se encontram engajadas nesses relacionamentos, e que residem em diferentes regiões do país. Querer me debruçar sobre um grupo parte do desejo de perceber como essas mulheres dialogam, o que partilham, como se colocam, o que confessam quando estão entre si.

Essa prática, realizar pesquisas online e estudar o e no ciberespaço, é um movimento que vêm ganhando força e legitimidade na antropologia (RIFIOTIS, 2016). Várias produções estão sendo realizadas neste sentido, como as de Éverton de Lima Silva (2017), Carolina Parreiras Silva (2008), ou ainda a vasta produção realizada pelo GrupCiber³. Isto evidencia não só a viabilidade do meu campo e estudo como também o torna um fruto desse campo de diálogo entre antropologia e o ciberespaço.

A partir do acompanhamento do grupo, foram realizados diálogos e conversas formais (entrevistas) e informais de forma individualizada com quatro interlocutoras. Para além do grupo, dialoguei com uma mulher, ainda de forma online, que conheci através do I Encontro Paraibano de Homens Trans, que ocorreu em 2016 em João Pessoa. E, ainda, realizei uma entrevista presencial com uma mulher que já se fazia presente em minha vida, antes do início deste trabalho, mas que só se tornou interlocutora no momento da escrita desta dissertação.

³ Grupo de Pesquisa em Antropologia do Ciberespaço, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Desse modo, o desejo por este trabalho começou a surgir e ganhar espaço timidamente ao longo dos anos, assim como o meu despertar para essas mulheres. Entre os meus percursos acadêmicos ou não, elas foram se tornando presenças marcantes. Presença que agora se faz corpo e, finalmente, possui algumas de suas curvas e percursos delineados aqui neste texto.

A fim de ilustrar isso, esta dissertação se estrutura em duas partes: uma mais teórica, ou que trata mais das minhas aproximações com o campo, e outra onde a teoria e o vivenciado em campo dialogam, ou seja, as questões acerca da etnografia. Como afirma Mariza Peirano (2014), na etnografia prática e teoria andam de mãos dadas, fato já apontado por Evans-Pritchard (1978, p. 244) quando afirmou que “o que se traz de um estudo de campo depende muito daquilo que se levou para ele”.

Deste modo, a primeira parte do corpo que é esse trabalho é a silhueta da pesquisa, onde será exposto o percurso metodológico realizado ao longo do desenvolvimento desta dissertação e as teorias que poderiam me ajudar a compreender como a antropologia dialoga e percebe as sexualidades e conjugalidades, meio por onde me aproximo das mulheres aqui presentes. Para além disso, a seção busca situar as produções acadêmicas nacionais que dialogam sobre e com pessoas que tecem relações com homens transexuais, no intuito, sobretudo, de encontrar as mulheres nessas produções.

Na segunda parte deste corpo, estão as impressões que tive e os principais diálogos e trocas realizados no grupo “Só para elas”, que foi o meio pelo qual cheguei à maior parte das interlocutoras que compõem este trabalho. A partir disso, se tem as trajetórias e vivências afetivo-sexuais dessas mulheres, onde se encontram registradas as experiências que as interlocutoras compartilharam comigo, sobre suas percepções de si, de sua sexualidade e os caminhos e roteiros sexuais percorridos até estarem em seu atual relacionamento. Acerca desse relacionamento, exploro brevemente as reflexões sobre a “identidade” social do casal no tocante às questões relativas à vida sexual como também aos aspectos mais externos, como a percepção da família, ou ainda o olhar do social. Isso é feito com base nas vozes das mulheres, ou seja, tendo como fonte as vivências e experiências que as interlocutoras passaram a ter ao se engajarem nesses relacionamentos com seus parceiros.

PARTE I – SILHUETA DA PESQUISA: MEU TRAJETO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A primeira seção tem como foco os caminhos que foram sendo percorridos para se construir esta dissertação. Deste modo, aqui se encontram os trajetos que realizei até chegar ao campo de pesquisa, bem como as teorias que me auxiliaram a compreender e trilhar os percursos ao longo dessa jornada que é o fazer antropológico dentro de um programa de pós-graduação.

1 PERCURSO METODOLÓGICO: ENTRE *PRINT SCREENS*, ÁUDIOS, EMOJIS, TEXTÕES E UM DIÁRIO DE CAMPO

Aqui trato dos caminhos que percorri até encontrar as mulheres que vieram a compor este estudo. Além disso, aponto algumas reflexões sobre como se deu o reconhecimento dessas mulheres e a possibilidade de estudá-las, esboçando, assim, de forma breve, os meios, espaços, ferramentas e possibilidades do que veio a ser o percurso que trilhei até elas.

Ao mencionar o início do trajeto percorrido ao longo deste trabalho, mais do que narrar os primeiros passos que me levaram às mulheres aqui retratadas, faço uma reflexão a partir do movimento de olhar para trás e perceber que o caminho que trilhei até elas começou antes mesmo que eu decidisse pensar sobre elas.

Ao repousar os olhos sobre o meu diário de campo, é nítido perceber que nele existe uma descontinuidade de escrita logo no início, um conjunto de folhas presas por um clipe de papel junto à credencial de um evento. De longe, isso pode parecer uma experiência que não deu certo, o encerramento abrupto de uma investigação antropológica. Mas, esse não é o caso: a descontinuidade ilustra o movimento do meu caminho enquanto pesquisadora, ao longo do mestrado em antropologia social, e esse espaço simboliza o meu trânsito por entre as temáticas que me propus estudar.

A proposta de pesquisa para o ingresso no programa de pós-graduação se delineava a partir do desejo de compreender como se dava a (re)produção de masculinidades entre os homens trans⁴, na cidade de João Pessoa – PB. A proposta inicial era acompanhar um coletivo

⁴ Opto, neste trabalho, por utilizar a categoria homens transexuais, homens trans, por ter sido a categoria acionada nos espaços da pesquisa, bem como na fala das interlocutoras. Entretanto, tenho ciência e já utilizei em outro lugar a categoria transhomem, desenvolvida por Simone Nunes Ávila (2014).

de homens trans que realizava encontros mensais na cidade e, a partir disso, entender que dinâmicas eram estabelecidas no grupo, o que se discutia ali, a que era reservado aquele espaço, visando identificar como e que performances de masculinidades ali eram (re)produzidas.

Entretanto, como o desejo é um fluxo, ele pode tomar caminhos outros. Quando um caminho parece se interromper, ele busca vazão por outras vias. Em meio às mudanças que ocorreram ao longo do primeiro ano, antigas inquietações se reacenderam nas discussões com os colegas de turma. Estas, acrescidas à dificuldade em adentrar ao campo para dialogar com esses homens, fizeram com que o foco, a temática e o desejo da/pela pesquisa mudassem das transmasculinidades para as trajetórias e vivências afetivo-sexuais de mulheres que se relacionam com homens trans.

Ressalto aqui que não vejo nem trato essas mulheres como “mulheres de alguém”, que não delas mesmas. Porém, o meio pelo qual tive acesso a elas foram seus relacionamentos. Desta forma, chego até elas por estarem inseridas em relações que me intrigaram e me instigaram a conhecer e refletir sobre como elas se percebem e percebem a sua sexualidade, sobretudo, quando a “questão da transexualidade” surge após a consolidação do relacionamento.

Com isso, não vejo a sequência de páginas em branco como quebra ou rompimento, e sim como um ajuste de rota e de foco, que possibilitou o aflorar de um desejo antigo. Rer ler as primeiras páginas me assegurou isso. Mesmo nelas, quando o foco eram os homens trans, este trabalho já pulsava.

Ali está registrada a vivência que tive no Primeiro Encontro Paraibano de Homens Trans, organizado pelo PETRIS Coletivo de Homens Trans do Estado da Paraíba. O evento ocorreu no Centro de Atividades e Lazer do Aposentado e Pensionista “Padre Juarez Benício” – CEJUBE, localizado na região metropolitana de João Pessoa. O local, por ser um espaço de atividades e lazer, como sugerido pelo nome, possui alojamentos, auditório, piscina e um grande salão. Com essa estrutura, grande parte dos inscritos para o evento, nos quais eu me incluo, pôde ficar alojada nas dependências do local durante os três dias.

Estar ali em tempo integral me proporcionou uma vivência de imersão não apenas com as temáticas discutidas, como também com algumas das pessoas ali presentes. Os espaços extraoficiais se tornaram extremamente importantes, pois foram palco dos primeiros contatos e trocas. Os cafés da manhã e almoços eram regados a muita conversa, e as

confraternizações e horas livres pré ou pós solenidades não eram diferentes. Esses múltiplos espaços e momentos de contato me permitiram conhecer e me aproximar de algumas das mulheres que ali estavam junto de seus namorados e maridos.

De fato, os primeiros registros que tenho no diário de campo já apontam para as mulheres ali presentes. Em um desses momentos extra programação oficial, quando acabávamos de nos acomodar nos alojamentos, uma discussão sobre a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero ocorrera na varanda de um dos chalés próximos ao qual eu fiquei hospedada e fora protagonizada por uma mulher, companheira de um dos homens trans presentes. Naquele momento, ela explicou e tirou dúvidas de muitos homens trans e suas companheiras participantes do evento. Essa mulher é Prepona⁵, e posteriormente seria uma das interlocutoras deste estudo.

No segundo dia do encontro, registrei no meu diário a existência de uma roda de diálogo que seria exclusiva para as mulheres que se relacionam com homens trans, enquanto seus companheiros estariam em uma mesa só para eles. A existência desse espaço de comunicação, de um momento reservado exclusivamente para as mulheres, ilustra uma necessidade de fala e de trocas entre elas, evidenciando que elas possuem suas próprias demandas.

A abertura dessa possibilidade de diálogo com pessoas que vivem experiências análogas pode proporcionar uma espécie de espaço de “zona de conforto” entre elas, como relatado por Vecanto (2017), a partir do estudo feito sobre as conjugalidades de mulheres que se relacionam com *crossdressers*. A autora aponta que partir do momento em que essas mulheres reconhecem a importância de ter relações com pessoas que passam por experiências semelhantes às suas, elas podem criar um espaço de autocompreensão e de partilha de angústias, livre do peso das sanções sociais.

Mesmo com algumas dificuldades de conviver com a prática do *crossdressing*, reconhecem que é importante a relação com outras pessoas que têm experiências análogas às suas para a auto compreensão e para dividir suas angústias. Esse compartilhamento também gera uma espécie de “zona de conforto”, em que podem compartilhar informações e receios com menos medo de possíveis sanções sociais. (VECANTO, 2017, p. 153)

Deste modo, esse primeiro espaço de fala e troca coletiva para as mulheres inseridas em relacionamentos com homens trans que presenciei me despertou para a aparente

⁵ Todos os nomes atribuídos às interlocutoras são fictícios e se referem a borboletas.

necessidade de ter com quem partilhar as novas experiências que passam a ser vividas, sobretudo para mulheres que já estavam nesses relacionamentos antes da “questão da transexualidade”, ou seja, antes que seus parceiros se entendessem enquanto homens trans.

Para além disso, um espaço reservado exclusivamente para elas pode, por um lado, simplesmente indicar que a realidade da maioria das parcerias realizadas pelos homens trans ali presentes eram com mulheres. Por outro, essa exclusividade pressupõe uma única possibilidade de orientação do desejo, ou seja, que as únicas pessoas ali presentes, para além dos homens trans, seriam suas namoradas/esposas. Esse recorte possibilita o reforço do mecanismo da heterossexualidade compulsória, e assim invisibiliza as demais possibilidades de exercício da sexualidade destes homens.

E, de fato, existiam pessoas que não se encaixavam em nenhuma das mesas exclusivas, como amigos cis⁶ que foram acompanhar os homens trans, pesquisadoras(es), pessoas do movimento LGBTQ+. De modo que a roda de conversa acabou sendo aberta, a fim de contemplar todos os presentes.

Esse movimento de ampliar o público da roda de diálogo, de certa forma, inibiu a fala das mulheres que gostariam de partilhar suas experiências. Contudo, mesmo não estando em uma “zona de conforto” entre mulheres, timidamente algumas partilhas aconteceram, e foi a partir naquele momento que presenciei os primeiros relatos pessoais de mulheres que questionavam sua sexualidade e percepções de si diante do arranjo conjugal em que se encontravam.

Trago a existência desses registros em meu diário de campo com o intuito de ilustrar os meus trânsitos, por onde fluí e as interações que venho tendo com essas mulheres que tecem relações com homens trans, até chegar ao grupo e às mulheres que contribuíram para a realização deste trabalho.

Os contatos estabelecidos naquele encontro se prolongaram para as redes sociais, e foi por meio do evento e das mulheres ali presentes com quem dialoguei que tive acesso ao meu primeiro grupo de Whatsapp⁷ destinado a mulheres que se relacionam com homens trans. Estar em contato com um grupo online de mulheres, de diferentes localidades, idades e, principalmente, tendo diferentes noções sobre sua sexualidade, identidade e como enxergam

⁶ Cis refere-se à cisgênero, pessoa cujo gênero que performa e/ou se identifica é o mesmo que o designado biologicamente.

⁷Aplicativo de comunicação via mensagens de texto, onde também se faz possível o compartilhamento de vídeos, áudios e imagens.

sua relação afetivo-sexual, me fez perceber o quão plural era aquele ambiente virtual e como seria interessante pensar as trocas que elas faziam naquele espaço, o ciberespaço, ambiente central deste trabalho. Entretanto, é importante pontuar que o contato com uma das interlocutoras aqui presentes ocorreu fora dele.

O fazer e o pensar uma etnografia no ciberespaço (e agora também em aplicativos de telefone celular) foram pautas de discussão na antropologia desde os anos 90. Como indica Silva (2008), o desenvolvimento dessa nova forma de tecnologia baseada na interligação global de computadores acarretou em diversos questionamentos para os estudos antropológicos, de forma que a sua metodologia devesse ser repensada a fim de se adequar às novas demandas, uma vez que não se tratava mais de “uma realidade material, física e baseada em contatos face a face (considerados durante muito tempo o índice de legitimidades das incursões etnográficas)” (SILVA, 2008, p. 1).

A metodologia conhecida como fazer etnográfico em antropologia possui sua legitimidade instituída a partir do contato face a face, do “estar lá”. Advém da tradição fundada por Malinowski, ainda no início do século XX, quando sistematizou o método da pesquisa de campo, instituindo como fazer o recolhimento de dados etnográficos e a escrita do texto antropológico. Trouxe, assim, ares de profissão à antropologia, legitimando-a enquanto ciência empírica. Deste modo, o fazer etnográfico:

[...] deveria se realizar com base na observação participante, através da qual o etnógrafo emerge temporariamente (e esse tempo de permanência em campo é bem variável) em seu campo, buscando dados que reunidos revelarão a totalidade da sociedade em estudo. Esses dados devem ser registrados em um diário de campo e a partir dali passam a contar como informações etnográficas. E, acima de tudo, o apanhado de todos estes dados se baseia em contatos face a face, travados a partir do deslocamento – geográfico e simbólico - do pesquisador para o campo de estudo. (SILVA, 2008, p. 26)

Esse modelo, que deu início à nossa tradição do fazer antropológico, vem sendo (re)pensado, (re)significado ao longo da história da própria antropologia, de forma que realizar pesquisas online vem ganhando espaço e reconhecimento ao poucos, e a cibercultura⁸ passou a ser um campo legítimo do fazer etnográfico.

⁸“Cibercultura é uma noção problemática e, como salientamos em outro lugar, ‘ao invés de definições apriorísticas de ciberespaço, cibercultura, etc., que poderiam se confundir com um nominalismo, retomamos as interrogações básicas sobre como se dão as interações nesse espaço.’” (RIFOTIS, 2010, p. 17, apud RIFOTIS, 2016, p. 95).

Rifiotis (2016) indica que os questionamentos sobre a possibilidade de se fazer etnografia no campo da cibercultura aqui no Brasil estão diretamente ligados com a forma com que a antropologia brasileira adentrou o ciberespaço: em um movimento pendular que oscilava entre desconfiança e revelação. As desconfianças giravam em torno da validade da observação de um campo online, sobre a pesquisa com avatares, tendo como contraponto, em termos absolutos, as pesquisas realizadas offline, cara a cara.

Por outro lado, havia a revelação, uma percepção exatamente oposta àquela da desconfiança, na qual se transformava a própria experiência de nativos do ciberespaço em campo de pesquisa, percebendo-se talvez como uma espécie de argonautas do ciberespaço. A dupla condição, de nativo e de pesquisador, certamente nos colocava desafios teórico-metodológicos, mas ela funcionou, sobretudo, como uma condição favorável para a construção de uma “autoridade etnográfica”, adotando aqui os termos de Clifford (1998). De fato, à medida que se multiplicavam rapidamente as experiências dos próprios pesquisadores com o ciberespaço, incluindo no seu dia a dia *e-mails*, *blogs* e redes sociais, a sua identificação particular com esse campo atuou positivamente na produção de objetividade e validação de suas próprias pesquisas. (RIFIOTIS, 2016, p. 86)

Deste modo, a familiarização com o ciberespaço, devido às nossas interações diárias com ele por meio de aplicativos, plataformas, sites e redes sociais, permitiu e facilitou sua validação enquanto lócus da ação humana propício para a investigação e reflexão antropológica.

Com isso, pesquisar de maneira online tem se tornado uma via comum do fazer antropológico, seja como meio de se manter contato, como ferramenta complementar ao contato offline ou para se chegar até ele, como no estudo acerca dos T-lovers realizado por Larissa Pelúcio (2006a). Ou ainda, como um lócus de pesquisa, tem permitido e possibilitado contatar grupos que não “encontram” espaços offline para compartilhar suas vivências, histórias e demandas, seja devido ao “silenciamento” da temática, como o caso de jovens que praticam a automutilação (SILVA, 2017), ou devido a sua “recente emergência”, como é caso desta pesquisa com mulheres que se relacionam com homens trans.

Pensando a familiaridade das interações que estabelecemos com e no ciberespaço, me pergunto até que ponto não podemos também estranhá-las e, assim, perceber o quão desconhecido e, porque não, “distante” o ciberespaço pode “estar”. A metodologia que utilizamos para estudá-lo estaria tão longe assim dos princípios que Malinowski nos ensinou? Obviamente que não existe o contato face a face (talvez um contato avatar a avatar?), em se tratando de uma pesquisa exclusivamente online, mas o deslocamento simbólico e geográfico

se faz presente, quando nos propomos a estudar grupos que estão além do nosso alcance e contato cotidiano. Ou, ainda, mesmo o pesquisador estando sentado de frente ao computador, é possível ele ter contato com pessoas de diferentes partes do seu país e do mundo.

Ao me debruçar sobre o Facebook e o Whatsapp enquanto pesquisadora, o uso que faço é distinto do que realizo enquanto usuária, enquanto nativa. Além disso, por mais que os laços tecidos por meio da pesquisa, entre interlocutoras e pesquisadora, possam se entrelaçar na vida pessoal, a preocupação de fazer a imersão no campo, de se manter sempre atualizada sobre as conversas e postagens, fica a cargo exclusivo da pesquisadora.

Ao lutar pela legitimidade do seu campo cibernético, o antropólogo não está contra um tipo de antropologia clássica. O que acontece é que, quando ele cria o seu nativo (ou inventa, no sentido de Wagner, 2010), seu campo e seus instrumentos de pesquisa, o que acontece é um enriquecimento da antropologia e ao mesmo tempo um retorno à reflexão sobre conceitos que, em certo sentido de tão usados já estavam se tornando lugar comum, sendo necessário sempre, nesta ciência, uma espécie de retorno à discussão de seus conceitos mais básicos com vistas à sua atualização. (SILVA, 2017, p. 53)

Deste modo, quando atrelo o diário de campo e a pesquisa no ciberespaço, ao meu ver, efetivo uma possibilidade, uma das formas do fluir e do fazer antropológico que (re)pensa e (re)itera a sua metodologia, onde os registros sobre as incursões nas redes sociais e aplicativos de comunicação se tornam tão válidos quanto os relatos dos deslocamentos para as ilhas distantes. Assim, me desloquei até os grupos onde estão as mulheres que se relacionam com homens trans, eles foram minha praia tropical. E o primeiro barco que tomei rumo a essa praia foi o já citado Primeiro Encontro Paraibano de Homens Trans.

Como mencionei anteriormente, foi a partir de uma das mulheres lá presentes que tive acesso ao primeiro grupo de Whatsapp que participei destinado a mulheres que se relacionam com homens trans. Nele, apenas observei as dinâmicas por cerca de um mês, e logo as interações foram diminuindo até que cessaram⁹.

Perceber essa movimentação de esvaziamento me motivou a procurar novos grupos. Como o acesso aos grupos de Whatsapp se dá por intermédio da indicação de alguém, ou de algum link que te redirecione para ele, eu recorri a outras possibilidades de formação de agrupamentos, que não precisassem de um mediador para que eu pudesse saber de sua existência.

⁹Acontecimento também vivenciado por Silva (2017) nesse tipo de meio de interação.

Deste modo, recorri à rede social mais conhecida e que possibilita a formação de grupos e páginas, o Facebook¹⁰. Logada em meu perfil pessoal, me direcionei até o espaço de busca da plataforma, que possibilita que encontremos, pessoas, grupos, eventos, páginas. A partir de seu buscador encontrei um grupo que aparentemente possibilitava o diálogo com mulheres que tecem relações afetivo-sexuais com homens trans. Este é um grupo fechado¹¹ que existe desde 2015¹². Ser um grupo classificado como fechado indica que qualquer pessoa pode encontrá-lo e ver seus membros, ou seja, quem faz parte dele, mas apenas os membros participantes é quem têm acesso ao seu conteúdo, suas publicações, e para tornar-se membro é preciso ser aceito pelos administradores (Adm)¹³.

Assim sendo, ao solicitar minha participação, tive que ter o aval dos Adms do grupo, e naquele primeiro momento, junto ao pedido de solicitação, me apresentei como estudante de antropologia a fim de dialogar com mulheres que tecem relações afetivo-sexuais com homens trans, deixando, assim, explícita a minha intenção.

Ter o meu desejo de participação validado por um dos Adms permitiu minha conexão com o grupo, com isso pude acessar o que era nele postado. Diante do material presente no grupo, que chamarei de “Mulheres: Namoro HT¹⁴”, identifiquei que as pautas levantadas, as postagens, fotos, comentários não eram exclusivamente de/sobre mulheres, e seu conteúdo não se restringia às suas vivências e experiências afetivo-sexuais. Por meio das regras que orientam o grupo, podemos ter as primeiras indicações sobre suas dinâmicas.

“Aceito aqui MULHERES TRANS, CISGENERAS, HOMENS TRANS E "HOMENS NAMORADOS DAS TRANS". "HOMENS NAMORADOS DAS TRANS, FAVOR CHAMAR NO INBOX PRA SER ACEITO". Não será aceito nenhum tipo de discriminação, falta de respeito, brigas. Aqui não é permitido divulgação de grupos de whats, grupos de facebook, páginas que eu não aprove, qualquer tipo de venda, divulgação de eventos. Quem quiser parceria me procure. Aqui não é bagunça. Administração tome nota. Aqui poderá ser falado sobre tudo, desde HORMÔNIOS, DÚVIDAS sobre qualquer assunto que se sinta à vontade. Aqui é um espaço livre de qualquer preconceito. Se respeitem e viva a

¹⁰ Rede social onde as pessoas postam algo sobre si ou sobre o que pensam, seja escrevendo ou por meio de imagens e vídeos. Além disso, esta rede permite a formação de grupos fechados e abertos e também tem a opção do chat para quem queira conversas particulares. O Facebook é a mais popular rede social com mais de um bilhão de usuários. (SILVA, 2017, p. 18)

¹¹ Fechado, aberto, secreto são categorias que dizem respeito à acessibilidade do conteúdo do grupo.

¹² Atualmente, o grupo “ampliou” sua proposta de diálogo, sendo voltado agora para as demandas das pessoas LGBTQ+ como um todo.

¹³ Adm, vc, hj, entre outras são contrações usadas nos diálogos realizados no ciberespaço a fim de agilizar a troca instantânea de mensagens. Ou, ainda segundo Silva (2008, p. 11), “[...] o Orkut, o *Messenger* e outros programas da internet utilizam uma linguagem bem peculiar. Muitas das palavras apresentam abreviadas ou com a grafia modificada (você=vc; porque=pq; aqui=aki; mesmo=msm;hoje=hj).[...].

¹⁴ Contração utilizada nos grupos para denominar homem transexuais.

vida” (Texto retirado do grupo do Facebook - Os destaques em maiúsculo foram feitos pela autora do texto).

Diante disso, o que encontramos na página são discussões que perpassam a transexualidade e o relacionamento com/entre pessoas trans. Deste modo, encontramos fotos de casais, relatos sobre a hormonização com fotos de antes e depois, notícias midiáticas que falam sobre transexualidade, relatos sobre como é namorar um homem trans, homens trans perguntando sobre a orientação sexual das mulheres ali presentes, postagens narrando a dificuldade de alguns deles em estabelecer relações afetivo-sexuais após a transição, links para outros grupos (aprovados pelos administradores), dentre vários outros assuntos.

Ao fazer uma leitura um pouco mais atenta das regras, é possível perceber uma tendência a heteronormatizar os relacionamentos ali presentes, por meio do aviso para que os homens que namorem as trans, as mulheres trans, chamem “inbox” para serem aceitos, ou seja, eles precisam se direcionar a algum administrador para se identificar, após solicitar a participação do grupo. Com isso, o texto parece ilustrar que os relacionamentos, sobretudo os das pessoas ali presentes, apenas se dão em pares de opostos homem e mulher, de forma que a solicitação da entrada de homens que não são trans (como indicado no texto), apenas se dá pelo fato de serem namorados das mulheres trans. Essa inclinação também se faz presente no próximo grupo que me inserir a partir deste, o qual denomino “Só para elas”.

Ainda sobre o grupo do Facebook “Mulheres: namoro HT”, durante algumas semanas, acompanhei diariamente as postagens realizadas ali, buscando perceber quem interagia e como eram essas trocas. Esse foi um tempo de ‘contaminação’ com o local, como denomina Brandão (2007, p. 14), onde experimentei o primeiro nível do sentir: “sentir como o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver”.

Assim sendo, as conversas que de alguma forma abordassem as mulheres falando sobre sua sexualidade e sobre como ela se (re)configurava ou não, a partir de suas interações afetivo-sexuais com homens trans, iam sendo armazenadas através de *print screens*, de capturas da tela do computador, e classificadas em arquivos e/ou pastas de acordo com a temática tratada, visando, assim, identificar as potencialidades daquele ambiente para o desenvolvimento desta dissertação.

Após essas semanas tateando, sentindo e percebendo o “Mulheres: namoro HT”, em abril de 2017, me apresentei para todo o grupo através de uma postagem, na qual expus o meu desejo de dialogar com mulheres que tecem relações afetivo-sexuais com homens trans.

Naquele momento, por meio dessa publicação, três mulheres responderam ao meu chamado ali mesmo e vieram falar diretamente comigo (inbox). Esse contanto resultou em algumas interações iniciais com essas mulheres, onde apresentei os caminhos por onde poderíamos seguir dialogando. Entretanto, apenas essa forma de contato não proporcionava uma ampliação da minha visão. Ou seja, me ater exclusivamente às entrevistas e conversar individuais com as interlocutoras não me permitiria ver essas mulheres interagindo entre elas, dialogando sobre identificações, percepções de si, de sua sexualidade, seus medos, dúvidas e questões acerca de seus relacionamentos.

Deste modo, continuei acompanhando o “Mulheres: namoro HT”, e ainda em abril de 2017 me deparei com a postagem que anunciava a existência de um grupo de Whatsapp exclusivo para mulheres que estabelecem relações afetivo-sexuais com homens, um grupo “Só para elas”¹⁵.

Para ter acesso a ele foi necessário deixar o meu número de telefone celular, para que uma das administradoras (Adm) me adicionasse. Ao entrar no grupo, fui convidada a me apresentar, e as regras daquele espaço me foram apresentadas: “*Bem vinda; Pfv se apresentem com foto e se namora apresente seu relacionamento para todas nós; Sintam se em casa; Aqui esclarecemos muitas dúvidas, e a regra principal é que o que acontece aqui, morre aqui. Meninos nem pensar; o espaço é só nosso. Ou seja, se vc namorar, nada do namoradinho olhar o grupo. Por enquanto é só RS #Adm.*”

O grupo “Só para elas” nasceu um mês depois do grupo “Mulheres: namoro HT” no Facebook¹⁶, como um desdobramento deste. No momento em que a imersão da pesquisa ocorreu, ele possuía cerca de oitenta participantes, entretanto, esse número não é fixo, uma vez que o fluxo de entrada e saída é constante. As mulheres ali presentes são de todas as regiões do país, de diferentes idades, indo da adolescência até a fase adulta.

Por se tratar de um grupo online, cujos principais assuntos giravam em torno de seus afetos, relacionamentos, sexualidade, as questões de cunho socioeconômico, quando apareciam, eram sempre em segundo plano. Estes tinham majoritariamente como tema relatos de mulheres falando sobre sua dupla jornada de trabalho, ou compartilhado as angústias por

¹⁵ Junto aos comentários de muitas meninas informando o número do seu celular, havia um rapaz que questionava a restrição do grupo, uma vez que ele era namorado de um homem trans e também gostaria de dialogar sobre sua experiência. Neste primeiro momento busquei dialogar com ele, mas nunca obtive resposta na minha tentativa de contato.

¹⁶ Em 2017 foi criada uma página no Facebook classificada como blog de cunho pessoal, onde notícias sobre transexualidade são postadas. Essa página e os demais grupos foram criados pela mesma pessoa.

elas e/ou seus parceiros estarem desempregados. Atentei a tais comentários uma vez que estes poderiam me dar algumas indicações sobre marcadores sociais acionados por essas mulheres. Entretanto, como não possuo dados objetivos acerca do assunto, essa pesquisa não adentrará nestas questões.

Deste modo, como em qualquer outra pesquisa, esta tem seus recortes e alcance delimitados pelo lócus, tempo, tipo de interação e interesse da pesquisa. E como, de fato, o foco aqui era estabelecido a partir das falas das mulheres sobre suas performances sexuais, percepções de si e seu relacionamento afetivo-sexual com os homens trans, as questões de cunho socioeconômico não foram averiguadas.

Todavia, existe a compreensão de que o recorte de classe influencia as elaborações realizadas pelos indivíduos sobre suas formas de perceber e habitar o/no mundo e como enxergam e vivenciam seus arranjos conjugais. Assim, em alguns momentos e sob a luz de um olhar mais atento, é possível identificar alguns traços a esse respeito, sobretudo a partir de certos contextos de falas e vivências apresentados pelas interlocutoras.

Pensado a proposta inicial do “Só para elas”, ele surge a partir do desejo de sua fundadora de “*ajudar mais pessoas*” a obter informações sobre a transexualidade e como se relacionar com homens trans, pois, como indicado por ela, o início do relacionamento com seu marido, que é um homem trans, foi bastante difícil por conta da falta de informação. Ela não sabia como se colocar diante dessa nova relação e, com isso, relata ter sofrido muito, “*até preconceito e julgamento de outras pessoas trans*”. O grupo nasce desse desejo de auxiliar, de disseminar informações sobre as transmasculinidades e acerca das interações afetivo-sexuais com homens trans.

Dito isto, o grupo funciona como espaço de trocas tanto de experiências e vivências afetivo-sexuais quanto de “modos de ser” e performar roteiros sexuais, formas e instruções de como se referir ao namorado, à relação e sua sexualidade, como também meio de circulação de informações sobre hormônios, médicos, direitos das pessoas trans, ambulatórios e clínicas.

Sua dinâmica se dá da seguinte maneira: existem sempre assuntos em pauta levantados por alguma participante, como sexo, ciúmes, família, hormônios, crises no relacionamento, animais de estimação, tatuagens, cortes e tons de cabelo etc., e quem estiver online e disponível acaba interagindo, aconselhando e informando, a depender da demanda.

A mim competiu acompanhar as falas sobre as sexualidades, como percebiam a si mesmas, as demandas e prazeres associados aos seus relacionamentos afetivo-sexuais, que eram as temáticas que despertavam meu interesse e tinham meu foco.

Para poder acompanhar e arquivar a grande quantidade de mensagens geradas pelo grupo, fui desenvolvendo algumas formas a fim de armazenar todo esse conteúdo que transbordava em algum momentos de interação, chegando a mais de mil mensagens por dia. O método que desenvolvi foi realizar *printscreens*, “fotografias” da tela do celular ou do computador, registrando o que era falado, por quem e quando, e depois catalogar as imagens das conversas por temática, realizando transcrições dos áudios quando necessário.

Esse árduo trabalho de acompanhar diariamente e armazenar os conteúdos a partir de suas categorizações ocorreu de abril a agosto de 2017, e desde então o meu contato com o grupo tornou-se mais esporádico, tanto pela evasão das mulheres que se tornaram minhas interlocutoras diretas quando pela repetição de temáticas. Isso me deu indícios de que já havia armazenado conteúdo suficiente sobre as questões mais gerais discutidas em grupo, bem como já havia captado as impressões mais imediatas de seu papel na vida das mulheres ali presentes.

Além desse trabalho, sobretudo, de observação e registro do “Só para elas”, após me ‘contaminar’ por um tempo, novamente usando o termo de Brandão (2007), realizei um convite para as mulheres ali presentes que quisessem dialogar, no primeiro momento, sobre as experiências afetivo-sexuais vivenciadas ao namorar um homem trans, buscando identificar se houve mudanças em suas práticas sexuais e percepções de sua sexualidade diante do atual relacionamento. Este convite foi feito abertamente no grupo e/ou de forma direcionada¹⁷. Seis mulheres se interessaram e se dispuseram a dialogar comigo. Entretanto, ao longo do percurso de um ano de pesquisa, o número de mulheres com as quais estabeleci laços e contato direto por intermédio do grupo tornou-se quatro.

As quatro mulheres advindas do grupo, com as quais segui dialogando através de mensagens de texto e áudios via Whatsapp e outras redes sociais que possibilitavam a interação através de mensagens de texto, possuíam entre 19 e 26 anos e residiam nas regiões Norte e Sudeste do país.

Flambeau era moradora do estado do Amazonas, trabalhava como recepcionista em um hotel em Manaus e tinha 26 anos. Com ela extravasei o vínculo pesquisadora/pesquisada,

¹⁷ Foi o caso de Restinga, mulher trans que convidei diretamente pra fazer parte da pesquisa.

construindo um contanto para além da pesquisa. Nos falávamos com frequência, e desde as primeiras interações ela me “apelidou” de seu diário, uma vez que era comigo com quem dizia poder se expressar, conversar sobre suas percepções de si, de sua sexualidade e do seu atual relacionamento.

Nossa eu que agradeço, poder falar sobre esse novo mundo que estou vivendo é muito bom. A maioria dos meus amigos me viraram as costas quando assumi meu relacionamento, minha melhor amiga me abandonou, e não tinha com quem falar a não ser o grupo e que digamos elas não tão muito afim de ouvir as histórias **RS** [...] Vc tem sido meu diario ©. (Flambeau, 28 de junho de 2017)

Manacá era paraense e estudante de serviço social. Tinha 19 anos de idade, sempre se mostrou muito aberta para o diálogo, contudo, nossas conversas eram mais pontuais, sobre a pesquisa em si e o que girava em torno dela.

Restinga e Samuelis eram residentes no estado de Minas Gerais e, respectivamente, tinham 26 e 24 anos de idade e estudavam pedagogia e psicologia. Restinga se mostrou mais questionadora sobre o processo acadêmico no qual eu e, a partir de então, ela estaríamos inseridas, sempre procurando saber sobre a pesquisa e a pesquisadora. Nosso contato se deu mais sob a atmosfera da pesquisa em si. Samuelis, por desenvolver sua monografia com homens trans, disse que trocaríamos figurinhas. Apesar de ser um tanto concisa em alguns momentos de fala, sempre se mostrou disponível e atenta ao diálogo. Nosso contato também ultrapassou a relação da pesquisa. Neste momento, nos acompanhamos nas redes sociais e conversamos sobre temas que extrapolam a pesquisa.

No tocante aos seus relacionamentos, seus engajamentos amorosos e sexuais, a maior parte delas conheceu seu parceiro antes que eles se entendessem enquanto homens trans, com exceção de Restinga e Flambeau, onde a primeira sabia da transexualidade do parceiro e a segunda não. Flambeau, Restinga e Samuelis tiveram os primeiros contatos com seus parceiros intermediados pela internet, através do Facebook, grupos do Whatsapp e aplicativos de relacionamento, o que evidencia as diversas possibilidades de acesso e formas de contato que o ciberespaço proporciona. Sobre o tempo dos relacionamentos, está entre um e cinco anos, e apenas Samuelis mora com o parceiro.

Por se tratar de um ambiente online, o acesso que tenho às interlocutoras são as informações fornecidas por elas, de modo que não tenho como analisar questões para além disso. Desse modo, o que vejo e sobre o que teço reflexões se dá a partir do recorte que elas escolhem me mostrar delas mesmas e de seus relacionamentos. Assim, produzo as minhas

interpretações a partir das interpretações delas sobre suas experiências. O que de forma nenhuma invalida essa pesquisa antropológica, muito pelo contrário, segundo Geertz (1989) isso caracteriza o fazer antropológico, uma vez que, os nossos dados são construções das construções de pessoas, de forma que “os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. [...]” (p. 25).

Entretanto, para não ficar no enquadramento exclusivo do que as interlocutoras poderiam me fornecer, utilizei alguns dos assuntos levantados pelo grupo para buscar expandir esse panorama, bem como para aliviar as tensões delas e minhas das primeiras interações entre pesquisadora e pesquisadas.

Deste modo, acompanhar o grupo me permitiu ter acesso aos seus conteúdos, assim como foi porta de entrada, o meio pelo qual eu pude realizar diálogos, conversas e entrevistas de forma individualizada com minhas interlocutoras. Através das possibilidades abertas por ele, tive acesso a diferentes prismas das temáticas abordadas, talvez de uma forma mais crua e espontânea por se tratar de uma conversa entre pares.

Por outro lado, nos grupos pude perceber, por exemplo, os distintos movimentos realizados pelas mulheres ali presentes diante desse “novo” relacionamento afetivo-sexual no tocante ao “desconforto e/ou confusão inicial” que, principalmente, as recém-chegadas ao grupo apresentavam, no sentido de ter que atribuir alguma nomenclatura a sua sexualidade. Diferentemente da maioria das minhas interlocutoras, que já tinha isso mais definido.

O grupo também me permitiu acessar conteúdos que, talvez, eu não tivesse conseguido ter contato tão abertamente com as interlocutoras, como as práticas sexuais. Nele, as trocas sobre a temática eram mais espontâneas e muito mais detalhadas, sobre o que gostavam ou não na hora de transar, por exemplo.

Falar sobre sexualidade muitas vezes foi um tabu, provavelmente mais para mim do que para elas. Perguntar sobre a prática sexual do casal, se suas performances haviam mudado ou não após o anúncio do parceiro sobre sua transexualidade, gerava certa tensão em mim, pois elas poderiam me censurar e vedar meu acesso ao grupo, devido ao meu “excesso de intimidade” ou por eu ter sido “muito invasiva”. Essa saia justa me acompanhou ao longo de todos os diálogos que perpassavam a temática, exceto na única entrevista realizada pessoalmente, pois naquela interação imediata face a face foi mais fácil interpretar como a pessoa recebia as perguntas.

Perguntas muito diretas, às vezes, geravam pausas assustadoras para mim; em outros momentos geravam risos e *emojis*¹⁸ que expressavam a timidez (rosthinhos com carinhas tímidas). As pausas, em um diálogo virtual, tomam outra proporção, nelas cabem muitas interpretações e angústias, pois não ver o rosto e, na maioria das vezes, sequer ouvir a entonação da voz é ficar no escuro e não saber como a pergunta foi recebida.

O campo online proporciona esse jogo de longas pausas entre os diálogos e/ou conversas que duram um dia inteiro, onde a intimidade, a proximidade e o nível de abertura são constantemente negociados. A comunicação individual e direta com as interlocutoras foi o espaço onde esse jogo foi vivenciado.

Para além do “Só para elas” e das mulheres que conheci por meio dele, dialoguei, ainda de maneira online, com a interlocutora com a qual tracei os primeiros contatos de maneira offline a partir do I Encontro Paraibano de Homens Trans. Prepona, 34 anos, moradora da capital paraibana, formada em Ciências Sociais e com especialização em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça. Os diálogos com ela sempre se deram acerca das temáticas da pesquisa, mas também sobre política e militância, devido à sua formação e postura mais politizada, bem como pelo fato de trabalhar na área de direitos humanos. Também devido a isso, Prepona possui um vocabulário, compreensão e uma capacidade reflexiva bastante elaborados e acadêmicos, o que possibilitou, por exemplo, a elaboração de categorias próprias para enquadrar seu relacionamento.

A última e tão importante quanto todas as demais é Morpho, que surgiu como interlocutora já na fase da escrita deste trabalho, mas que o acompanha e se fez presente em minha vida antes de todas as mulheres que compõem esta dissertação. Ela tinha 25 anos, era estudante da área de Humanas e também moradora da capital paraibana. Morpho foi a única com quem fiz uma entrevista nos moldes “padrões” da antropologia, com o contato face a face acompanhado do velho e bom gravador, o que, segundo Beaud e Weber (2007, p. 137), garante a profundidade da entrevista: “não há boa entrevista aprofundada sem gravação”.

Uma entrevista face a face possibilita leituras outras, a depender do local onde ela aconteça e da interação entre o(a) pesquisador(a) e a pessoa pesquisada, como, por exemplo, o

¹⁸“os *emojis* são imagens com cara de desenho animado. Criados em 1995, o público-alvo dos *emojis* eram os jovens japoneses, que frequentemente usavam SMS e e-mails. A popularização dos *emojis* nos Estados Unidos aconteceu em 2011, quando a Apple inseriu os ícones em seu sistema operacional móvel. Como o objetivo da empresa era atrair os adolescentes japoneses e não os norte-americanos, a grande maioria dos *emojis* refere-se à cultura japonesa” (REIS, 2013, p. 13).

recorte socioeconômico ou, ainda, as expressões, entonações e linguagem corporal que envolvem a temática enunciada.

Utilizou-se aqui também, como método, forma, meio de chegar e compreender os processos de percepções de si que as interlocutoras passam a desenvolver sobre elas mesmas ao longo de suas vivências amorosas e sexuais, as suas trajetórias afetivo-sexuais. A partir de Heilborn (1998), podemos compreender as trajetórias como uma sequência de experiências vividas, circunscritas em um dado tempo e espaço, que possuem consequências e desdobramentos que valorizam o calendário amoroso sexual experimentado pelos sujeitos. Elas passam a ser construídas a partir de seu campo de possibilidades, como as relações de gênero presentes no universo em que habitam, origem e classe social, história familiar, momento, fase da vida em que se encontram. Ou seja, os marcadores sociais nos quais se encontram inseridos promovem e produzem seus roteiros sexuais.

Dito de outro modo, “o desenrolar dos eventos – traduzem-se em roteiros sexuais, delineados sobre um pano de fundo onde se combinam as diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades dos indivíduos [...]”. (HEILBORN, 1999, p. 41).

Ainda segundo Heilborn (1998), todos esses elementos fundam as balizas para o processo de construção das subjetividades, compreendidas aqui a partir da conjuntura social e biográfica que configuram o sentido do eu. Com isso, a razão de se usar as trajetórias e roteiros sexuais para se pensar as construções de subjetividade e percepções de si do sujeito se dá diante de seu objetivo em descrever a maneira como

[...] o sexual integra a constituição da imagem de si desses sujeitos, qual a sua relevância para a percepção enquanto homens e ainda de que maneira esta esfera se articula com valores e sistemas de atitudes referentes a outras dimensões de suas vidas. Adota-se por pressuposto que a sexualidade é um domínio da vida social, que como outros, importa em socialização, em interpretação de regras e significados, em constituição de um sistema de atitudes, em suma, na existência de um contexto cultural. (HEILBORN, 1998, p. 395)

Assim, foi por meio das trajetórias afetivo-sexuais das mulheres que participaram deste trabalho, que busquei compreender como elas (re)configuram suas percepções de si, de sua sexualidade, de suas práticas e performances sexuais ao longo de suas carreiras amorosas sexuais.

Isso se fez possível por meio da pergunta norteadora apresentada a elas: “Como foram suas descobertas, seus caminhos afetivo-sexuais, trilhados até hoje, ao se encontrar

namorando um homem trans?” Diante disso, pude ter acesso, em maior ou menor medida, ao desenrolar dos eventos de suas carreiras, de forma mais ou menos detalhada, a depender da interlocutora e da negociação de intimidade e abertura estabelecidas durante os diálogos, que ocorreu em diferentes momentos ao longo do tempo de pesquisa.

Heilborn (1999), ao analisar carreiras afetivo-sexuais, com foco nas iniciações amorosa e sexual de homens e mulheres de classe média e populares na cidade do Rio de Janeiro, explana sobre a potência de ouvir os relatos de vida que têm como foco as carreiras sexuais amorosas, onde indica que, por meio deles, é possível recuperar um percurso de experiências no âmbito dos afetos e contatos físicos com pessoas.

O mérito desse procedimento é poder cotejar trajetórias e cenários sexuais distintos, seja pelo prisma de classe, seja pelo de gênero. O relato de vida coloca em relevo determinados eventos, entre eles a iniciação amorosa/sexual. O privilegiamento das circunstâncias e datas funciona como um catalisador de reminiscências que promove a rememoração da trajetória de vida nesse âmbito. A solicitação de um discurso sobre o primeiro relacionamento pode incorporar, segundo o sistema de relevância do entrevistado (Schutz, 1979), elementos que o informante considera significativos para a explicação desse evento. Lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, à socialização do gênero e às redes sociais que abrigam essa trajetória, constituem aquilo que Simon e Gagnon (1973) denominam roteiros sexuais. (HEILBORN, 1999, p. 41)

Segundo Gagnon (2006, p. 409) a teoria dos roteiros foi criada na tentativa de ter um recurso que pudesse “descrever o modo como as pessoas praticam o sexo socialmente e para demonstrar a importância dos elementos sociais na prática sexual”.

Deste modo, os roteiros se relacionam com a aprendizagem do significado dos estados, das percepções internas na organização das sequências de atos especificamente sexuais, na capacidade de decifrar novas situações potencialmente sexuais, no estabelecimento de limites para as respostas sexuais e na vinculação de sentidos advindos de aspectos não sexuais da vida à experiência especificamente sexual (GAGNON, 2006).

Ou ainda, o roteiro sexual pode ser entendido enquanto a organização de um esquema cognitivo, necessário para que os atores possam reconhecer quando se trata de uma situação potencialmente sexual. Esse reconhecimento envolve interações entre as pessoas e o contexto acerca da conduta sexual na qual estão inseridos.

Dito isso, os roteiros sexuais se subdividem em três níveis distintos: os interpessoais (interface entre a vida de interação e a vida mental), que podem ser entendidos enquanto padrões de comportamento instituídos no nível da interação social, que institucionalizam as

interações sociais cotidianas. “Nesse caso, o indivíduo é um ator que atende às expectativas de outras pessoas e norteia sua conduta em termos da conduta alheia” (GAGNON, 2006, p. 225).

Os roteiros intrapsíquicos (interface entre a vida mental e o cenário cultural) “são detalhes que o indivíduo utiliza em seu diálogo interno com as expectativas culturais e sociais de comportamentos” (SIMON E GAGNON, 1986, p. 98-104, apud GAGNON, 2006, p. 21).

Representam o conteúdo da vida mental, em parte resultante do conteúdo dos cenários culturais e das demandas de interação e, em parte, independente destes. [...] O indivíduo, nesse caso, é um dramaturgo que roteiriza sua própria conduta, a fim de lidar com a natureza problemática da interação. (GAGNON, 2006, p. 226)

Por fim estão os roteiros no nível cultural, o panorama cultural, ou ainda cenários culturais que podem ser entendidos como guias de instruções existentes no plano da vida coletiva, onde práticas e papéis específicos são fornecidos e designados para cada ator. No tocante à sexualidade, ele forneceria instruções sobre como as pessoas teriam ou não que se portar sexualmente “Nesse caso, o indivíduo pode ser tratado com um membro mais ou menos ativo da platéia a que se destinam as instruções sociais [...]” (GAGNON, 2006, p. 226).

Diante dos três contextos que são e formam os roteiros sexuais, é importante perceber que essa separação, que essa disposição entre roteiros é uma forma teórica e, com isso, mais estática de percebê-los e apresentá-los a fim de distingui-los. Entretanto, na prática, a vida social, cultural e mental é dinâmica e seus roteiros são interativos.

Na prática da vida social, cultural e mental, os níveis de roteirização têm uma interação dinâmica. Na interface da cultura e da vida mental, o indivíduo é platéia, crítico e revisor, à medida que o material dos cenários culturais é importado para os roteiros intrapsíquicos. Na interface entre a interação e a vida mental, o indivíduo é ator, crítico e dramaturgo. No mundo privado da vida mental, ele funciona como fantasista, memorialista e utopista (ou antiutopista) trabalhando com os materiais da interação e da cultura a fim de criar alternativas inovadoras para os cenários culturais dados e os padrões contemporâneos de interação. [...] É importante assinalar que não há interface direta entre a cultura e a interação; esses efeitos são inteiramente mediados pela vida mental (ou pelo intrapsíquico). (GAGNON, 2006, p. 226)

Assim sendo, ao apresentar a proposta de Gagnon e Simon, tem-se o intuito apenas de situá-la enquanto pano de fundo ao se pensar as trajetórias das mulheres aqui presentes, de modo a pontuar o papel das circunstâncias, dos contextos sociais no processo de constituição de suas subjetividades a partir de suas carreiras afetivo-sexuais.

Diante de todo o percurso metodológico exposto, o que gostaria de ressaltar, inspirada e sob a luz de Sandra Harding (1993), é que o processo de construção de teorias a partir de um “objeto vivo” é um desafio, e achar que eu poderia abarcá-lo completamente, a partir de metodologias e categorias analíticas, é uma mera ilusão, um evidente delírio, pois a vida social está em constante movimento de construção e (re)significação. Compreendo que muitas leituras se faziam e se fazem possíveis diante das trajetórias afetivo-sexuais de mulheres que se encontram em relações afetivo-sexuais com homens trans. Todavia esses são os caminhos que trilhei e pude trilhar, tendo em mente que buscar estruturar uma dissertação pautada em “teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais” (HARDING, 1993, p. 11).

Diante disso, agora me volto para algumas teorias que me ajudaram a compreender teoricamente o que tem sido vivido por essas mulheres, dentro de suas práticas, roteiros e carreiras afetivo-sexuais, sem a pretensão de categorizar essas experiências diante ou por meio de qualquer teoria. De modo que me aproximo destas teorias apenas para empreender uma leitura antropológica possível dessas experiências e dos significados e “caixinhas”, categorias que essas mulheres buscam ou não se classificar e se perceber pertencentes.

2 UM HOMEM NÃO TE DEFINE, SUA CARNE NÃO TE DEFINE, VOCÊ É SEU PRÓPRIO LAR: CONTORNOS E BORRÕES ACERCA DAS SEXUALIDADES E CONJUGALIDADES

Com este texto não pretendo fazer um apanhado histórico, tampouco esgotar o debate sobre a sexualidade. Sua intenção é realizar uma breve contextualização deste estudo e demonstrar modos como as sexualidades e subjetividades das mulheres que o compõem podem ser enxergadas a partir de teorias que têm como luz norteadora um discurso e inclinação que flertam com o construtivismo histórico. Com isso, busca-se dialogar e perceber a partir de autoras, autores e teorias que, ao refletir sobre as sexualidades no ocidente moderno e contemporâneo, percebem-nas enquanto fluxo, performance, momento.

Deste modo, ao realizar uma pesquisa para a dissertação na antropologia, que teve como intuito compreender as vivências dessas mulheres, as quais eu chego pelo fato de estarem em relacionamentos que me inquietaram, por serem relacionamentos com homens trans, perpasso aqui e busco me apropriar da maneira como a antropologia percebe a

sexualidade, sem a mínima pretensão de esgotar o debate levantado por ela e/ou apontar todo o percurso desta ciência nesse campo. Almejo, por outro lado, compreender como esse campo se configura na antropologia, para então poder perceber como e até que ponto tais teorias me ajudam a compreender essas mulheres.

Dito isso, busquei me aproximar de teorias que dialogassem com o meu campo, um campo que contempla mulheres que percebem sua sexualidade fluir, se deslocar em algum(ns) momento(s) de suas vidas. Com isso, as teorias que procuro trazer aqui e ao longo de toda a dissertação visualizam as sexualidades enquanto movimento, impermanência, enquanto um caleidoscópio por onde os corpos e os desejos se encontram de diversas formas, criando múltiplas possibilidades.

Assim, ao me debruçar sobre a antropologia e as ciências sociais, pude perceber que pensar o sexo, o desejo, a sexualidade e, com isso, as subjetividades tem sido um trabalho que cada uma dessas ciências vêm desenvolvendo ao longo de sua história. Em antropologia, nas etnografias clássicas, as práticas sexuais das ditas sociedades primitivas já eram investigadas e descritas, ainda no intuito de conhecer a pluralidade de organizações sociais de cada agrupamento humano. “Enquanto objeto de estudo, a sexualidade inseria-se no conjunto das regras que regulavam a reprodução biológica e social de uma dada comunidade” (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 7). Tal visão era limitada, portanto, e diferente da posição que a sexualidade ocupa nos estudos contemporâneos, onde se estabelece enquanto campo de investigação autônomo, com estatuto próprio.

Naquele contexto, ainda que de forma distinta da atual, a sexualidade já era área de investigação antropológica, assim, pensar a sexualidade neste campo é algo tão antigo quanto a própria antropologia. Portanto, vislumbrando desde as etnografias clássicas até os estudos contemporâneos, pude perceber que o debate teórico em torno da sexualidade tem sido marcado pelo enfrentamento entre as correntes teóricas classificadas como essencialismo e o construtivismo social.

Em linhas gerais, o primeiro modelo, muito acionado por parte das ciências médicas e PSI (Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise), pensa a sexualidade enquanto algo inerente à natureza humana, que se restringe da reprodução da espécie, ou ainda enquanto uma pulsão de origem psíquica que busca vazão, tal como apontado por Heilborn e Brandão (1999).

Ou, conforme as palavras de Gayle Rubin, a sexualidade a partir dessa perspectiva seria:

[...] uma força natural que existe anteriormente à vida social e que molda as instituições. [...] Talvez seja inerente aos hormônios ou à psique. Talvez seja construído como fisiológico ou psicológico. Mas dentre essas categorias etnocientíficas, a sexualidade não tem história e tampouco tem determinantes sociais significativos. (RUBIN, 1984[1994], p. 11)

Em contrapartida, o construtivismo social se caracteriza enquanto uma corrente teórica que procura problematizar essa suposta universalidade do “instinto sexual”, indicando que existem formas culturais específicas e distintas daquelas que o olhar ocidental classificaria como sexualidade. Ainda sobre o construtivismo, é importante destacar que ele possui duas vertentes distintas entre si, diferença que tem como base as interpretações feitas a partir do grau de autonomia conferido à sexualidade em relação à reprodução, como indicam Heilborn e Brandão (1999).

Essas vertentes são exploradas pela antropóloga Carole Vance (1995), no texto “A antropologia redescobre a sexualidade”, onde propõe dois modelos para classificar o construtivismo social.

Na perspectiva mais radical, a teoria construtivista está disposta a considerar que o próprio desejo sexual é construído pela cultura e pela história a partir das energias e capacidades do corpo, não existindo, portanto a idéia de “impulso” sexual, “pulsão sexual” ou “apetite sexual” essencial e indiferenciado, presente no corpo devido ao funcionamento e sensações fisiológicas. Nesse caso, uma questão construtivista importante diz respeito a origem desses impulsos, uma vez que já não se assume que eles sejam intrínsecos, nem talvez necessários. Esta posição [...] contrasta, agudamente, com a teoria construtivista mais moderada, que aceita implicitamente um desejo inerente que é construído em termos de atos, identidade, comunidade e escolha do objeto sexual. O contraste entre as posições radical e moderada deixa claro que os construtivistas têm divergências entre si, e não apenas com aqueles que trabalham segundo as tradições essencialista e de influência cultural. (VANCE, 1995, p. 17)

Ainda sobre a teoria ou modelos teóricos da construção social, Vance (1995) realiza outra divisão teórica entre o construtivismo social (radical e moderado) e o modelo de influência cultural que, segundo ela, foi o paradigma mais utilizado na antropologia dos anos 1920 aos 1990, e que ainda essencializa e naturaliza categorias como heterossexual e homossexual, sexualidade feminina e masculina, pulsão sexual, sem problematizá-las. De modo que a sexualidade, dentro dessa leitura, é vista como uma matéria básica, sobre a qual a cultura trabalha e modela, ou seja, ela permanece sendo vista como universal e biologicamente determinada com variações apenas entre as culturas, como apontado pela autora.

Resumindo, o modelo de influência cultural reconhece variações na ocorrência do comportamento sexual e nas atitudes culturais que estimulam ou restringem o comportamento, mas não as reconhece no significado do próprio comportamento. (VANCE, 1995, p. 21)

No mesmo sentido, Gayle Rubin (1984[1994]) define, em linhas gerais, a proposta das teorias do construtivismo social como um novo saber acerca do comportamento sexual que evidenciou a sua historicidade, de modo que a sexualidade passa a ser compreendida enquanto uma construção sociohistórica e não uma ordenação biológica, em contraponto às teorias essencialistas. Entretanto, isso não implica em dizer que as competências biológicas não sejam um pré-requisito para a sexualidade humana e sim que a compreensão da sexualidade humana não se dá exclusivamente através de fatos puramente biológicos.

Organismos humanos com cérebros humanos são necessários para as culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes pode explicar a natureza e variedade dos sistemas sociais humanos. A fome na barriga não dá pistas sobre a complexidade da culinária. O corpo, o cérebro, os genitais, e a capacidade para a linguagem são necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam seus conteúdos, suas experiências e suas formas institucionais. (RUBIN, 1984[1994]. p. 12)

É importante apontar que, mesmo a antropologia e as ciências sociais tendo se debruçado sobre as questões afins à sexualidade, esse processo de deu de forma lenta e gradual, como apontam Vance (1995) e Loyola (1999). Por se tratar de uma área de estudo que não era vista como inteiramente legítima, colocou-se tanto a pesquisa quando o caráter e motivos do pesquisador em dúvida.

À luz desses desencorajamentos, talvez não seja surpreendente que o recente desenvolvimento de um discurso mais cultural e não essencialista sobre a sexualidade não tenha surgido do centro da Antropologia, mas na sua periferia, de outras disciplinas (especialmente a História) e do pensamento teóricos de grupos marginais. (VANCE, 1995, p. 21)

Heilborn e Brandão (1999, p. 08) indicam que, ao acompanharmos a trajetória dos estudos sobre a sexualidade, não podemos deixar passar despercebida a ligação destes com os estudos de gênero, uma vez que é a partir deles que o campo da sexualidade passa a se disseminar. Com isso, “o campo da sexualidade mantém uma relação íntima com o de gênero, cujo desenvolvimento está estreitamente ligado aos movimentos sociais, como o feminista e o de liberação homossexual”.

Segundo Heilborn (1999), ao observarmos essa produção de literatura, podemos identificar notáveis mudanças a partir das transformações das relações entre os gêneros, como a entrada expressiva das mulheres no mercado de trabalho, seu maior nível de escolarização e direito ao voto. Destaca-se a separação entre sexualidade e reprodução sexual mediada pelos avanços da medicina e, em decorrência disso, a transformação no âmbito da sexualidade, sobretudo a feminina. Deste modo, a sexualidade, tida anteriormente como privada e íntima, passa a adentrar o campo do debate público, “seja como campo atravessado por relações de poder, obra empreendida pelo movimento feminista, seja como esfera de construção de identidades, por intermédio do movimento homossexual” (Ibid., p. 54).

Diante disso, o movimento de legitimação do campo dos estudos sobre a sexualidade, na sociedade ocidental do final do século XX, além de ter presente em seu campo teórico o embate entre essencialismo e construtivismo social e suas vertentes moderadas ou radicais, teve como contexto uma série de acontecimentos (bio)políticos impulsionados pelo feminismo e o movimento gay (hoje LGBTQ+), mediados pelo processo de desvinculação entre sexualidade e reprodução biológica, que teve como grande marco o desenvolvimento dos métodos contraceptivos, nos anos sessenta. Momento no qual o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero começaram a ganhar espaço e a se tornar cada vez mais acalorados, sendo impulsionado, sobretudo, pelos movimentos feminista, gays e de lésbicas, e sendo sustentado, também, por todos que se sentiam ameaçados por essas manifestações, como apontado por Louro (2000).

Posteriormente, a epidemia do HIV/Aids na década de oitenta e os mecanismos gerados e expandidos a partir dela acabam por promover as pesquisas e, mais do que isso, financiar os estudos acerca das práticas sexuais e suas representações sociais ligadas à sexualidade, possibilitando, assim, que estas fossem desvinculadas das reflexões e teorias sobre a reprodução da espécie. Toda essa movimentação promoveu a validação e deu autonomia a esse campo de investigação, como apontam Heilborn e Brandão (1999).

Relegados durante muitos anos a ocupar um estatuto marginal no plano das ciências, notadamente das ciências sociais, os estudos empíricos sobre a sexualidade se multiplicam de forma significativa com o surgimento da Aids, a partir da década de 1980. Concebidos no interesse da medicina preventiva (e muitas vezes realizados por leigos, epidemiólogos e pelos próprios médicos), esses estudos focalizaram, principalmente, o comportamento e as práticas sexuais, sendo estas geralmente delimitadas pela noção de risco no sentido epidemiológico do termo. (LOYOLA, 1999, p. 31)

Vance (1995) e Rubin (1984[1994]) chamam a atenção para o peso simbólico e para as disputas políticas naquele momento, que envolviam os corpos e os discursos elaborados para eles (mulheres, LGBTQ+, e todas as sexualidades e performances de gênero tidas como desviantes) e a partir deles, sobretudo a disputa para legitimação de discursos acerca das sexualidades.

Os trabalhos que têm sido realizados sobre a história da construção da sexualidade na sociedade moderna mostram que a sexualidade é uma área simbólica e política ativamente disputada, em que grupos lutam para implementar formas sexuais e alterar modelos e ideologias sexuais. O crescimento do interesse estatal em regular a sexualidade (e o correspondente declínio do controle religioso) transformou, nos séculos XIX e XX, as áreas legislativa e de políticas públicas em campos particularmente atraentes para as lutas políticas e teóricas em torno da sexualidade. Como a intervenção estatal tem sido cada vez mais formulada em uma linguagem da saúde, os médicos e os cientistas tornaram-se atores importantes nos discursos reguladores que vêm sendo desenvolvidos. Além disso, participam ativamente da elaboração desses discursos como maneira de legitimar novas especialidades nesse campo de atuação. (VANCE, 1995, p. 15).

Deste modo, o sexo tornou-se objeto de disputa entre o Estado e o indivíduo, como afirma Foucault (1988), objeto de disputa pública, de discursos, de saberes. Onde, de um lado, encontra-se o Estado em conjunto com parte das ciências PSI e a medicina, que ganham a cada dia legitimidade sobre o discurso que produzem sobre os corpos, e, de outro, os corpos, sexos e sexualidades que desviam dos padrões de normalidade estabelecidos por essas ciências. Estes, bem como os discursos de inclinação construtivista fazem o contraponto nessa disputa biopolítica.

A ideologia sexual tem papel crucial na experiência sexual. Conseqüentemente as definições e avaliações da conduta sexual são objeto de amarga contestação. Os confrontos entre a inicial liberação gay e o estabelecimento psiquiátrico são o melhor exemplo desse tipo de luta, mas há combates constantes. Recorrentes batalhas tomam lugar entre os produtores primários da ideologia sexual – as igrejas, a família, os psiquiatras e a mídia – e os grupos cuja experiência eles nomeiam, distorce e põe em perigo. (RUBIN, 1984[1994], p. 32)

Monique Wittig, em “O Pensamento Hétero”, lança luz sobre essa disputa de estruturação da linguagem e dos saberes legítimos acerca das sexualidades. Problematiza a produção de saberes que se organizam em torno do que ela chama de pensamento hétero, que cria e legitima um saber branco, senhor e homem, no qual se pressupõe que todas as sociedades podem ser (devem e são) lidas a partir da heterossexualidade.

Os discursos que acima de tudo nos oprimem, lésbicas, mulheres, e homens homossexuais, são aqueles que tomam como certo que a base da sociedade, de

qualquer sociedade, é a heterossexualidade. **Estes discursos falam sobre nós e alegam dizer a verdade num campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se, no tocante a nós, pudessem existir signos politicamente insignificantes.** Estes discursos da heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impedem de falar a menos que falemos nos termos deles. Tudo quanto os põe em questão é imediatamente posto a parte como elementar. A nossa recusa da interpretação totalizante da psicanálise faz com que os teóricos digam que estamos a negligenciar a dimensão simbólica. **Estes discursos negam-nos toda a possibilidade de criar as nossas próprias categorias.** Mas a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais. (WITTIG, 1980 p. 2, grifo da autora)

A disputa entre os discursos e a sua legitimação ecoa nas construções dos sujeitos, sua sexualidade, percepções de si e lugar no mundo, sobretudo no contexto da sociedade ocidental do final do século XX. Entretanto, esse movimento de produção de discursos de verdade sobre si a partir da sexualidade advém de processos anteriores e tem suas bases fundadas na modernidade, bem como a construção social da sexualidade contemporânea.

[...] os arranjos sexuais modernos têm um caráter distinto que os separam dos sistemas preexistentes. Na Europa ocidental e nos Estados Unidos a industrialização e a urbanização remodelou o rural tradicional e as populações campestres em um novo industrial urbano e força de trabalho. Isso gerou novas formas de aparato estatal, reorganizou as relações familiares, alterou os papéis de gênero, possibilitou novas formas de identidade, produziu novas variedades de desigualdade social e criou novos formatos para o conflito ideológico e político. Também deu origem a um novo sistema sexual caracterizado por distintos tipos de personagens sexuais, populações, estratificação e conflito político. (RUBIN, 1984[1994], p. 22)

Nesse contexto, ocorre um movimento de partição do que é público e privado, do que é da rua e o que é da casa e, com isso, um processo de individualização dos sujeitos, segundo Heilborn e Brandão (1999). As famílias se tornam menores, nucleares e a sexualidade ganha um único lugar na qual se torna legítima, natural e indiscutida: o quarto do casal monogâmico e heterossexual. Tudo o que escapa disso, torna-se algo a ser corrigido, interditado, patologizado.

As práticas sexuais e seus autores que escapam, subvertem tais normas, ao longo desse processo de modernização da sociedade e sexualidades, passam por um movimento de junção, uma fusão na qual o sujeito torna-se sua própria prática; os então praticantes tornam-se espécies de sujeitos. Esse movimento pode ser percebido a partir das produções da sexologia do século XIX, onde, segundo Rubin (1984[1994]), começa a aparecer um tipo de especiação erótica, demarcada pela emergência de novos tipos de indivíduos eróticos, e uma

série de populações sexuais, como as lésbicas, os gays, os bissexuais, as pessoas transexuais, os sadistas, masoquistas, dentre muitos outros.

A homossexualidade é o melhor exemplo desse processo de especiação erótica. O comportamento homossexual está sempre presente dentre os humanos. Mas em diferentes sociedades e épocas ela será recompensada ou punida, necessária ou proibida, uma experiência temporária ou uma vocação para toda a vida. (RUBIN, 1984[1994], p. 22)

Assim sendo, o século XIX promove a confecção de um novo personagem, que culminaria em uma nova espécie: o homossexual. Que é lido como um personagem, uma vez que todos os seus roteiros (de toda a vida) são traçados (infância, caráter, uma história e forma de vida) por sua sexualidade, nada escapa a ela, como aponta Foucault (1988).

É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada - [...] - menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1988, p. 43)

Através desse processo de produção de personagens ou, ainda, especiação erótica, que produziu novos tipos de indivíduos eróticos, existe um processo de cristalização das práticas sexuais na qual as performances tornam-se identidades, que tem como base os atos, as práticas sexuais. Por meio desse movimento de tornar-se o que se faz/pratica/deseja sexualmente, existe um deslocamento da produção da verdade sobre os indivíduos. Esta que, segundo Foucault (1988), durante muito tempo repousou sobre a validação e referência de outrem, pela manifestação de vínculos com familiares, pessoas que lhes ofereciam proteção ou a quem se tinha lealdade. Passa a se alojar sobre a capacidade ou ainda a obrigação do indivíduo em produzir um discurso de verdade sobre si mesmo.

Esse discurso de verdade tem como base o seu sexo, como e com quem interage, o que pensa, sente, deseja e fantasia, ao longo de toda a interação sexual. E a confissão é o principal veículo dessa produção da verdade ou, ainda, espremer, arrancar da verdade.

[...] nossa sociedade constituiu uma *ScientiaSexualis*. Mais precisamente, atribui-se a tarefa de produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto tentando ajustar, não sem dificuldade, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico. (FOUCAULT, 1988, p. 66)

De modo que o rito da confissão é o formato ou a ferramenta mais antiga de produção da verdade, que aos poucos foi sendo desvinculado do sacramento e da penitência cristã e passou a ser incorporado na família, nas relações entre pais e filhos, professores e alunos, na pedagogia, medicina e psiquiatria.

Em todo caso, há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. (FOUCAULT, 1988, p. 66)

A sexualidade, enquanto verdade do indivíduo, ainda sob a luz de Foucault (1988), se formula a partir da *scientiasexualis*, que constrói o sexo enquanto discurso que produz a verdade sobre si. Verdade forjada a partir da técnica da confissão e discursividade científica e regulada por meio de seus mecanismos de ajustes, como a técnica da escuta, a regra da interpretação e o imperativo da medicalização. A partir disso, a sexualidade passa a ser definida como naturalmente penetrável por processos patológicos e, com isso, passível de intervenções terapêuticas e de normalização.

Dito isso, o projeto de uma ciência do sujeito começa a gravitar em torno da questão do sexo, tanto no seu sentido de interrogatório, de exigência de confissão, como no de problematização, de integração a um campo de racionalização científica. Ela se desenvolve por meio de dois processos que mutuamente se referenciam

Nós dizemos a sua verdade, decifrando o que dela ele nos diz; e ele nos diz a nossa, liberando o que estava oculto. Foi nesse jogo que se constituiu, lentamente desde vários séculos, um saber do sujeito, saber não tanto sobre sua forma, porém daquilo que o cinde, daquilo que o determina, talvez, e, sobretudo o que faz escapar a si mesmo. [...] A causalidade no sujeito, o inconsciente do sujeito, a verdade do sujeito no outro que sabe o saber, nele, daquilo que ele próprio ignora, tudo isso foi possível desenrolar-se no discurso do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanentes a tal discurso. (FOUCAULT, 1988, p. 68)

Diante da elaboração de Foucault acerca da sexualidade, como indica Meinerz (2005, p. 18), “pensada como um dispositivo de construção de subjetividade que age através da produção de práticas discursivas e não discursivas acerca do corpo e dos seus prazeres”, é possível iniciar a reflexão sobre o que a sexualidade representa na contemporaneidade, como ela é lida e o peso que ela ocupa nos ombros dos sujeitos, sobretudo uma sexualidade tida

como desviante. O sujeito moderno possui a verdade de si, circunscrita sobre as questões dedicadas à sua intimidade, vida privada e sexualidade, como indicam Heilborn e Brandão.

Tal particularidade só pode ser entendida no contexto da sociedade ocidental do final do século XX, que erigiu as questões afetas à intimidade, à vida privada, à sexualidade como centro da reflexão sobre a construção da pessoa moderna (Giddens, 1992). Assim, duas faces compõem a personagem do indivíduo moderno: uma delas refere-se à sua constituição como sujeito político, livre, autônomo, portador de direitos de cidadania (Dumont, 1993); a outra alude à sua fabricação subjetiva, por múltiplos dispositivos disciplinares, que tornam as experiências do gênero e da sexualidade centrais para a constituição das identidades. (HEILBORN e BRANDÃO, 1999, p. 7)

Sobre as construções das identidades, Heilborn (1998) assinala que a construção dos gêneros, das identidades de gênero se dá por meio da atividade sexual, que se circunscreve a partir de seu cenário cultural.

Considera-se que na construção do gênero masculino, assinalados os contornos culturais da sociedade brasileira, inserida no complexo cultural mediterrâneo e, mais longinquamente, no horizonte de cultura ocidental, o manejo da atividade sexual por parte de sujeitos é de ponto capital para a constituição de suas identidades de gênero. (HEILBORN, 1998, p. 396)

Com essa compreensão, me aproximo do meu campo, das mulheres que o compõem e me proponho a pensar como suas percepções de si vão sendo (re)construídas, (re)modeladas ao longo de suas experiências e trajetórias afetivo-sexuais. Como elas percebem a própria sexualidade e como ela é percebida dentro dos contextos em que seus corpos estão inseridos. Buscando identificar se o status que sua sexualidade ocupa se movimenta juntamente com o seu desejo, arranjos afetivo-sexuais e conjugais que acontecem ao longo de suas trajetórias. De modo que a ideia aqui é justamente perceber esses movimentos e explicar sobre como elas os percebem ao vivenciá-los ou ao analisá-los olhando para trás.

[...] a sexualidade não é fixa, de que seus significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar – não somente ao longo da história, de uma sociedade para outra e entre os diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade, mas também ao longo da vida dos indivíduos -, é importante considerar na pesquisa empírica sobre a sexualidade, a biografia ou trajetória sexual dos indivíduos, além do contexto em que elas se realizam. (LOYOLA, 1999, p. 36)

Ao longo das trajetórias e dos roteiros sexuais das interlocutoras, fui sendo apresentada de maneira mais ou menos detalhada às suas experiências, até chegar ao ponto em que todos os trajetos passam a ocupar um lugar comum, que são seus atuais relacionamentos com homens trans. Deste modo, nesse momento volto meu olhar para compreender esses

arranjos nos quais as mulheres aqui presentes encontram-se inseridas. Para isso, precisei mobilizar algumas compreensões a respeito da conjugalidade, como forma de compreender o contexto relacional em que essas mulheres se encontram.

Segundo Heilborn (2004)

[...] a conjugalidade não emerge de um fato jurídico. É, isto sim, o que expressa uma relação social que condensa um 'estilo de vida', fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra necessária. (HEILBORN, 2004, p. 11)

Buscando compreender como os arranjos conjugais aqui presentes podem ser compreendidos a partir de diferentes perspectivas teóricas, inicio trazendo algumas considerações de como essas experiências podem ser lidas a partir das ciências PSI, por meio do levantamento realizado por Milene Soares (2012) ao pensar as vivências afetivo-sexuais de homens parceiros de transexuais, tendo como guia o diálogo fenomenológico.

Soares (2012) apresenta autores como Verde e Graziottin (1997), que defendem que casais que tenham como um dos parceiros pessoas transexuais estão compartilhando de um delírio psicótico chamado de *folie à deux*, "loucura a dois", compreendido enquanto um transtorno em que existe a presença de sintomas psicóticos semelhantes em dois ou mais sujeitos, ou seja, seria este um delírio partilhado por duas ou mais pessoas ligadas muito estreitamente entre si no plano emocional. Neste, apenas uma das pessoas possuiria o delírio autêntico e a outra seria induzida a essas ideias delirantes, de modo que diante da separação ela as abandonaria.

Ainda segundo Soares (2012), os autores Huxley, Kenna e Brandon (1981), por sua vez, apontam que a essa configuração de relação afetivo sexual, existe uma relação de dominância das pessoas trans sobre seus parceiros (as), uma vez que estes

relatam que tais parceiros, por "amor", aceitam pacificamente ou compartilham a idéia dos transexuais, que acreditam ter nascido em "corpos trocados". Os autores acreditam que o grau desse compartilhamento de idéia seria expresso na intensidade do laço de afeição entre os parceiros, em suas necessidades sexuais e no padrão de dominância entre o casal. E concluem que, geralmente, o transexual exerceria uma dominância sobre seu parceiro, apesar de, na maioria das vezes, pertencerem à mesma classe social. (HUXLEY; KENNA; BRANDON, 1981, apud SOARES 2012, p, 23)

Ressalto que, em alguns momentos, o discurso que sustenta o processo de (re)avaliações, (re)configuração das percepções de si e de sua sexualidade, das mulheres aqui

presentes, por julgá-las enquanto “incompatível” diante de seus parceiros, é o amor. Esse discurso se fez presente ao longo da pesquisa, sobretudo na fala das mulheres do “Só para elas”. Entretanto, em momento algum essa leitura do amor como justificativa se fez a partir de um viés de dominação por parte de seus parceiros, como o realizado acima, pelo contrário. A partir de algumas trajetórias e desse coro de vozes que o apresentam enquanto motivo que impulsiona esses movimentos internos, surge a possibilidade da reflexão de que talvez o amor estimule o desejo, dentro da construção social do feminino, a partir de um dispositivo da amorosidade e do cuidado, de modo que o desejo não se encontra delineado exclusivamente nas questões acerca da sexualidade.

Ou, ainda, como indicado por Torres (2002), a partir dos anos sessenta, o discurso do amor, do afeto começa a ganhar espaço como alicerce das relações conjugais. “Hoje está perfeitamente adquirido, [...] que os afectos são a pedra de toque essencial do que circula no casamento e na família, embora também aí circulem e sejam geridos outros bens materiais e simbólicos” (Ibid., p. 569).

Sobre as percepções de mulheres que já se encontravam engajadas em relacionamentos quando o parceiro anuncia a transexualidade, Soares (2012) apresenta um trabalho realizado por Brown (2009).

Segundo a autora, a maioria dessas mulheres relatou que a relação afetivo-sexual foi afetada de maneira insatisfatória no período de transição física e hormonal do parceiro transexual, que passou de uma aparência feminina para uma masculina. A avaliação negativa da relação decorreria do fato de muitas dessas mulheres terem declarado orientação sexual lésbica ou possuir uma história pessoal de traumas em relacionamentos com homens. Porém, há também relatos quanto a terem sido afetadas de forma satisfatória, já que o parceiro passou a se sentir mais contente com o próprio corpo e teve um aumento da libido devido aos hormônios masculinos administrados. (BROWN, 2009, apud SOARES 2012, p. 24)

Buscar perceber como os relacionamentos afetivo-sexuais foram afetados diante da transexualidade anunciada pelo parceiro também é parte integrante deste trabalho, no sentido de desejar conhecer como eram as percepções de si das mulheres que o compõem antes desse anúncio, a fim de compreender se (re)significações ocorreram devido a isso, como no caso de mulheres que se percebiam enquanto lésbicas e permaneceram nas relações, e “em nome de quê” essa ressignificação ocorreu. É importante dizer que esta foi a minha inquietação inicial, perceber como e porque mulheres que se percebiam como lésbicas permaneciam nesses relacionamentos, como era esse movimento para elas. Todavia, ao me aproximar delas e

mergulhar no campo pesquisado, tive essa concepção alargada ao me deparar com as diversas experiências e compreensões que as mulheres têm sobre essas experiências.

Deste modo, ao pensar os arranjos conjugais que serão apresentados, mais do que buscar compreender o que fez essas mulheres permanecerem nessas relações (questão que se apresentou mais como minha do que delas), me proponho a perceber as possíveis negociações que ocorrem dentro do casal a partir do trânsito dos parceiros, os impasses sociais e como suas práticas sexuais vão sendo negociadas e (re)ajustadas, ou não. Tudo isso, a partir do olhar e das falas dessas mulheres e do nível de abertura que conseguimos estabelecer ao longo dos diálogos.

A conjugalidade se inscreve em relações e trajetórias sociais e de gênero. Logo, revela-se como a construção de uma unidade – o casal – a partir de duas personalidades em interação, com vistas a gratificações mútuas. De fato, o casal, enquanto uma unidade se percebe inundado por um forte vínculo afetivo e psicológico que se sustenta nas relações de escolha. Assim, a conjugalidade contribui para importantes esferas de produção de sentido existencial, como uma construção conjunta de ver o mundo e se vê enquanto sujeito, cumprindo aspecto importante da identidade social. (TORRES, 2000, apud SOARES, 2012, p, 32)

Nesse sentido, caminho agora em busca de trabalhos e autores que foquem seu interesse na reflexão acerca das percepções de si, sexuais, identitárias de mulheres que se encontram engajadas em relacionamentos afetivo-sexuais com homens trans, bem como os que refletem sobre essas concepções de arranjos conjugais, livre, sobretudo, de uma ótica patologizante, visando, assim, fazer ecoar as vozes dessas mulheres.

3 ESTADO DA ARTE OU QUEM SE RELACIONA COM HOMENS TRANS?

Tendo em mente o percurso que trilhei para ir ao encontro das vozes dessas mulheres, processo que se desenvolveu ao longo dos anos, por entre eventos e contatos múltiplos que perpassaram minha vida acadêmica e pessoal, hoje, mais que as ouvir, busquei fazer ecoar suas vozes. E neste momento vou ao encontro de outras vozes, de outras autoras e autores que dialoguem sobre os afetos de mulheres que estão em relacionamentos com homens trans.

A fim de conhecer e situar teoricamente as produções que abordam pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com homens transexuais, buscando, sobretudo, localizar trabalhos que estivessem em diálogo com o universo desta pesquisa, ou seja, mulheres que

estabelecem relações afetivo-sexuais com homens transexuais, iniciei a procura nos principais portais de busca brasileiros.

Nesse sentido, pesquisei no sistema de busca do Google, o Google Acadêmico –que compila produções acadêmicas de diversas fontes e bibliotecas online contemplando teses, dissertações e monografias, como também artigos de eventos e revistas –, no Catálogo de teses e dissertações da CAPES, no buscador Scielo e ainda na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações trabalhos acerca de mulheres que se relacionam com homens trans, relacionamentos com homens trans e homens trans.

A partir desse movimento de pesquisa das produções nacionais acerca das afetividades dessas mulheres, visualizei a lacuna existente sobre a temática. Até o momento da pesquisa, não foram encontrados trabalhos que tivessem como temática central as trajetórias afetivo-sexuais de mulheres que tecem relações com homens transexuais. Devido a isso, o foco das buscas teve de ser reajustado de modo a ser redirecionado aos trabalhos a respeito dos próprios homens trans, uma vez que esses são os sujeitos dos afetos das mulheres com as quais este trabalho de propõe a dialogar.

É importante ressaltar que não estou tentando pensar as mulheres a partir dos homens com os quais elas se relacionam, e sim, devido à ausência de produção científica acerca delas e da temática que venho aqui buscando refletir, utilizo a literatura produzida sobre os homens trans, com a intenção de buscar, de alguma forma, situá-las e me aproximar delas no sentido da produção acadêmica. Ao percorrer tal literatura busquei perceber como e se as afetividades dos homens trans são retratadas, sobretudo se as mulheres aparecem como foco de seus desejos e afetos.

Nesse sentido, dentre as teses, dissertações, monografias e artigos que foram encontrados sobre ou com homens trans, as produções de Grossi (2010), Nery e Maranhão (2013), Robalo (2014), Rego (2014, 2015), Oliveira (2015), Cortez (2015), Silva (2015), Almeida (2016), Ávila e Silva (2016), Amorin (2016), Brandão (2016), Pedrini (2017), Oliveira (2017) pontuam, de alguma forma, a afetividade e a presença das mulheres enquanto suas parceiras, sejam elas mencionadas enquanto fonte de apoio emocional ao longo de suas vivências ou ainda no tocante à sexualidade, enquanto fonte de desejo.

Como na dissertação de Oliveira (2015), ao relatar uma passagem no I Encontro de Homens Trans Norte e Nordeste, na qual, mesmo que o foco do texto naquele momento fosse a ação terapêutica e a terapia compulsória, a vivência proporcionada pelo espaço fez com que

ele não deixasse passar despercebida a presença das companheiras(os), ou partners, apontado pelo autor como denominação utilizado do evento.

Sem informar qual a finalidade da atividade para os participantes do evento, os homens (trans) presentes foram convidados a permanecer na sala que estavam e formar duplas. Todas as outras pessoas foram convidadas a sair. Só percebi depois que as/os partners não “obedeceram” ao pedido. [...] Ao permanecer no recinto apenas observando o desenrolar da atividade, percebi que os/as partners também não haviam deixado o espaço, localizando-se um pouco distante dos homens (trans). (OLIVEIRA, 2015, p. 53)

O trabalho de Rego (2015) também pontua a presença da companheira em muitos espaços “de apoio” aos homens trans, como nos ambulatórios, os auxiliando e acompanhando nas para-consultas. Processo este reafirmado pelo trabalho realizado por Amorim (2016) sobre as experiências dos homens trans brasileiros, ou trans homens, como prefere o autor, nas mídias virtuais.

Aqueles que já se relacionavam com alguém anteriormente ao início do processo de transição, também compartilham suas histórias explicitando os problemas e as negociações que realizaram com a/o parceira/parceiro. Em muitos desses relatos eles indicam sentirem-se angustiados, desesperados e confusos. É importante sinalizar que quando eles estão em relacionamentos estáveis também expõem mensagens de amor, dedicatórias e reconhecimento da importância da cumplicidade da/do parceira/parceiro. Alguns deles possuem companheiras/companheiros que os acompanham desde antes de iniciar a transformação corporal e são mencionados como fundamentais para a tomada de decisão e como apoio durante todo o processo. (AMORIM, 2016, p. 155)

Já os trabalhos de Bento (2009; 2012) se demoram um pouco mais sobre as percepções e performances no tocante à sexualidade desses homens. A autora questiona o modelo do “verdadeiro transexual” forjado pelas ciências PSI (psicologia, psiquiatria e psicanálise), que os desenha e designa como seres assexuados, impondo-lhes uma total negação e repulsa do próprio corpo e do que nele é atribuído socialmente ao feminino (no caso dos homens trans). Com isso coloca em evidência as negociações que eles realizam, seja com eles mesmos e os espaços que ocupam, com as percepções de si, como também no que diz respeito ao desejo ou não de contato corpóreo, seja o autocontato e/ou do toque alheio.

A rejeição aos órgãos genitais significa que não se pode obter prazer com o seu toque? O transexual produzido pela ciência médica-psi não pode tocá-los, seja para a obtenção de prazer e nem tampouco para realização da higiene: é uma relação do total abjeção. No entanto, quando Marcela diz: “acho o pênis algo podre, horrível”, não se pode deduzir do que foi dito, “eu não o toco, eu não o masturbo”. (BENTO, 2012, p. 2661)

Berenice Bento, assim, evidencia como essa produção do “verdadeiro transexual” é de fato uma produção médica e hierarquizada, acionada e que ecoa nos ambientes hospitalares, uma vez que é o meio por onde o “tratamento” é realizado. De modo que, para ter acesso legalmente aos hormônios e às cirurgias, como as fornecidas pelo processo transexualizador no SUS, torna-se necessário acionar esse discurso de repulsa pela própria genitália, pelos seios e por tudo que é lido socialmente enquanto feminino, no caso dos homens trans.

Dito isso, as produções da autora trabalham no sentido de alertar sobre a relação de abjeção ao corpo produzido pelo discurso médico e a demanda de seu acionamento em dados espaços e locais, como aqueles que possibilitam o acesso às intervenções corporais, tais como os hospitais, ambulatório e consultórios PSI. Entretanto, é a partir disso que ela expõe a pluralidade de vivências e relações que as pessoas trans têm com seus próprios corpos; a despeito do saber PSI, elas sentem prazer e se masturbam, e isso em nada se relaciona com ser ou não transexual “de verdade”.

Vale ressaltar que, por vezes, esse discurso medicalizador e patologizante acaba de fato sendo reproduzido e verdadeiramente incorporado, tornando-se parte do corpo, da fala, da sexualidade de alguns transexuais, como pude perceber ao longo das pesquisas que realizei e acompanhei. De modo que a relação com o próprio corpo se transforma: para se enquadrar, uma masculinidade se edifica a partir de peitos que devem ser amarrados e bucetas que não podem mais ser tocadas, pois o “feminino” desse corpo tem que ser reprimido para que o masculino possa emergir.

Com isso, não pretendo dizer que esse é um caminho comum entre os homens trans, e sim que é um caminho existente. As percepções de si, do corpo e as relações estabelecidas com ele são plurais, como poderemos verificar a partir da visão das mulheres que se relacionam e interagem com esses corpos, por meio de algumas falas realizadas no grupo “Só para elas”, ou ainda quando se discuti questões sobre conjugalidade, que pontuam algumas questões sobre essas interações.

Ainda a respeito das negociações e interações com o corpo e de suas práticas sexuais, Bento (2012) indica que a relação que as pessoas trans estabelecem com seus corpos está mais ligada à liberdade de ser quem se é e ser reconhecido como tal, do que ser ou não um verdadeiro transexual.

As respostas e formas de se relacionar com os órgãos genitais e sexualidades são diversas. No entanto, quando perguntava por que queriam realizar as cirurgias as respostas se repetiam: “Eu quero ser livre.” Ninguém respondeu: “Eu quero a cirurgia e ser penetrado ou de penetrar, para atingir o orgasmo.” Entre os homens trans a mastectomia é a cirurgia que lhe dará maior liberdade. É o desejo de ser socialmente reconhecido como um membro do gênero que os leva a demandá-la. (BENTO, 2012, p. 2662)

Ávila (2014), ao pensar as transmasculinidades brasileiras, no tocante às sexualidades dos homens trans ou transhomens¹⁹ que buscam mulheres para se relacionar, observa que:

As dificuldades de se relacionar afetiva e sexualmente com as mulheres, para alguns transhomens heterossexuais, são devidas à idealização de um corpo masculino, uma vez que preferem iniciar um relacionamento mais estável quando se sentem mais seguros de sua masculinidade. Destaco que alguns interlocutores heterossexuais têm companheiras que os aceitam como são. Algumas os acompanham há muito tempo e os ajudaram a tomar a decisão em relação aos caminhos que foram ou estão sendo percorridos para a transição, tanto oficial quanto informal. Por outro lado, alguns só iniciaram relacionamentos sexuais e afetivos mais estáveis após se sentirem mais seguros quanto à construção de sua masculinidade, o que mostra que na transição de gêneros de transhomens está implicado o desejo por corpos considerados masculinos por potenciais parceiras sexuais e /ou afetivas. (ÁVILA, 2014, p. 214)

Diante disso, ao pensar as relações afetivo-sexuais dos homens trans, torna-se evidente que o campo do desejo é zona de negociação, de como ele vê e pensa a si mesmo e de como seu corpo ao desejar outros corpos, sobretudo “corpos femininos”, aciona e performa a masculinidade.

A autobiografia de João W. Nery (2012) é uma obra que nos proporciona essa reflexão. Nela encontramos o que a maioria dos trabalhos sobre homens trans contempla, só que narrado em primeira pessoa e livre dos debates teóricos de cada área do saber específica que se propõe a dialogar sobre as transmasculinidades. A infância, o processo de autorreconhecimento, as primeiras experiências sexuais, “o processo transexualizador”, mudança de documentos, acesso ao mercado de trabalho, paternidade e “o que é ser um

¹⁹ Consciente da controvérsia da nomenclatura e da ausência de um consenso sobre ela, optei por usar a categoria transhomem por três razões: a) por ser uma tradução do francês *transhomme*, utilizado pela teórica *queer* francesa Marie-Hélène Bourcier, uma das autoras a qual me apoiou teoricamente; b) desta forma “transhomem” se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se “qualifica”, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos “masculino” ou “feminino” após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ao usar “transexual” após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual) estamos qualificando o sujeito; c) porque em uma lógica “polissexual”, me parece adequado fugir dos binarismos já conhecidos, como por exemplo, homem/mulher, masculino/feminino[...] (ÁVILA, 2014, p. 32).

homem trans”. Tudo isso em uma época e momento histórico em que a transexualidade não era um assunto em pauta, muito menos as transmasculinidades.

Buscando refletir a sexualidade e especialmente as relações afetivo-sexuais vivenciadas pelo autor, ao realizar a leitura dessa obra o foco se deteve sobre os momentos e espaços ocupados pelas mulheres com as quais o autor teceu esse tipo de relação, como isso foi vivido com cada parceira em cada fase da vida, as negociações de sua masculinidade com elas, a partir das percepções de si, de seu corpo e lugar no mundo.

O primeiro momento em que o desejo pelas mulheres aparece na narrativa de Nery é ainda na infância, tido como o primeiro amor, e esse fluxo de desejo e as mulheres como centro dele seguem aparecendo ao longo de todo o livro, de toda a sua vida, em relações e formas de intimidade distintas. Na obra, as mulheres se fazem efetivamente presentes, são notadas e problematizadas, e, com isso, as afetividades entre mulheres e homens trans são efetivamente contempladas, diferentemente do que ocorre nas produções acadêmicas até então encontradas.

Por se tratar de uma autobiografia, a presença do afeto, do desejo e a percepção da relação se dá a partir da ótica do autor. Todavia, as experiências e negociações vividas são abordadas de uma forma mais ampla, assim como as percepções que ele tem de cada uma delas, contribuindo, assim, para se pensar esse contexto afetivo sexual.

Um exemplo disso é o relacionamento com Dolores, com quem teve as primeiras relações sexuais e que foi palco dos dilemas do autor de como encarar e viver a própria sexualidade com um corpo dito feminino. Mais do que isso, esse relacionamento inaugura a saga pelo desejo de saber como era visto e reconhecido por suas companheiras.

À medida que mais me envolvia, surgiu a necessidade de querer me certificar de como era visto por ela. O velho problema de talvez a estar atraindo não como homem, mas pelo meu deformado corpo de mulher. De uma forma ou de outra, sondava essa dúvida. Não queria uma mulher homossexual, mas alguém tão hetero a ponto de desejar somente homens, que fosse capaz de ter a ilusão, até física, de estar diante de um. Essa necessidade foi se tornando cada vez mais primordial e talvez tenha sido a minha maior cruz e burrice na vida. Naquela época, ainda não dimensionava o perigo e a loucura dessa exigência emocional a que denominei “coito perceptivo”. (NERY, 2012, p. 74)

Ou Mercedes, com quem teve seu primeiro casamento e que considerava uma incentivadora no processo de construção de sua masculinidade, ao lhe comprar roupas lidas como masculinas e lhe dar um apelido “neutro” para que esta pudesse ser assegurada em

público. O autor ainda relata que, sustentado por essas ações, com o passar do tempo eles se tornaram um casal “bem enquadrado nos moldes vigentes”, palavras dele. Ou seja, passaram a ser lidos socialmente enquanto um casal heterossexual e cisgênero. Isso repercutiu em sua autoimagem e possibilitou um movimento de segurança e ampliação do desejo e práticas sexuais com a companheira. “O fato de Mercedes me tratar cada vez mais como seu marido dava-me segurança para me expandir sexualmente” (NERY, 2012, p. 91).

Amanda foi sua companheira e fonte de apoio no percurso de descoberta do “processo transexualizador” e todos os processos cirúrgicos que ele realizou

[...] Agora era ter paciência para esperar e saber o que Amanda iria achar de tudo isso.

Assim que cheguei em casa, contei-lhe a novidade. Perguntei sua opinião.

— O que estiver bom para você, estará para mim. É você quem tem que decidir. Não vou interferir. Ainda mais numa coisa tão séria assim!

— Fico contente quando diz que sou eu quem deve resolver. Mas gostaria de saber como realmente se sente diante de tal perspectiva. Afinal de contas, você é a mulher que amo e seria muito doloroso realizar meu sonho, mas perder você.

Abraçou-me.

— Seu bobo... Já o vejo como um homem! Sem dúvida, essa operação vai nos ajudar a resolver alguns problemas. Meu único receio é o risco de morte que você pode correr. Ainda mais que, pelo visto, não será apenas uma cirurgia. Mas estou do seu lado. Ficarei muito feliz de ver você realizado. (NERY, 2012, p. 145)

Gina foi com quem conheceu “[...] as delícias da passividade. Podia, enfim, sentir uma mulher em cima de mim, me provando, me provocando [...] Tornou-se desimportante o “coito perceptivo”, a certeza de que minha parceira me percebia como um homem para que eu chegasse ao orgasmo. Aprendi a não me torturar com minha possível imagem” (NERY, 2012, p. 266). Ou ainda Sandra, que se tornou a mãe de seu único filho, gerado através de uma relação extraconjugal vivenciada por ela.

Ao trazer essas mulheres, algumas das quais o autor apresenta em seu texto, é possível ver melhor como elas se fazem presentes, como o reconhecimento e o apoio delas aparecem como fundamentais para Nery, assim como para muitos homens trans. E, ainda, como a negociação da sexualidade é algo constante a cada parceria, e como as questões com o próprio corpo e a produção de masculinidade que deseja performar altera as possíveis interações entre ele e suas parceiras.

Deste modo, a obra de João W. Nery retrata amplamente a presença das mulheres enquanto companheiras, namoradas, esposas dos homens trans, a partir de sua vivência e compreensão, obviamente. Entretanto e justamente por ser a fala de um “nativo”, possibilita que seja feita uma leitura acerca do que ele aciona ao longo de sua narrativa sobre sua carreira amorosa sexual. Por exemplo, o que o autor chama de “coito perceptivo” também pode ser compreendido como o desejo de ser lido, visto, reconhecido enquanto homem por suas parceiras durante as práticas sexuais, o que evidencia como os discursos de fabricação da verdade estão centrados na sexualidade do sujeito. Além de acionar a masculinidade a partir de suas performances, utilizando suas parceiras como contraponto, o autor também evidencia a sua virilidade em relações que buscam, de alguma maneira, se adequar ao padrão heteronormativo, embora perpassadas, graças ao exercício retrospectivo das memórias, de profunda reflexividade.

Ao mesmo tempo em que vai contra os padrões heteronormativos ao se entregar às “delícias da passividade” com Gina, como indica Lomando e Nardi (2013)

João Nery rearranja léxicos da sexualidade e do gênero para além da heteronorma e do ‘coito perceptivo’ quando se concebe como um homem transexual que pode ser passivo na cama, e, também, quando renomeia seu órgão genital, batizando-o de ‘pau minúsculo’. Um verdadeiro exercício de criatividade singular e conjugal que oportuniza exercícios de saúde emocional e o retira do ciclo da tortura e do sofrimento mental que a heteronorma impõe. (LOMANDO; NARDI, 2013, p. 501)

Torna-se evidente, assim, a importância de conhecer essas negociações e as percepções por parte das mulheres que estão nelas circunscritas, as reflexões que fazem sobre sua própria sexualidade, como elas pensam a si mesmas, como esses e outros dilemas levantados pelo autor são visto e vivenciados por elas.

É importante registrar que os afetos não foram a temática principal de nenhum trabalho encontrado sobre homens trans. Essa realidade é completamente avessa à das mulheres transexuais e travestis, que possuem suas afetividades diretamente acionadas e abordadas na literatura brasileira, como o clássico trabalho de Larissa Pelúcio (2006a) sobre os T-lovers²⁰, onde reflete sobre a construção das masculinidades de um grupo de homens que

²⁰ O termo *t-lover* chegou ao Brasil via rede mundial de computadores, nascido na onda dos movimentos identitários que ganharam força nos anos 80, sobretudo depois do surgimento da aids. Segundo um dos *t-lovers* pioneiros, o carioca Alex Jungle, o termo derivou de *t-girl*, usado por algumas ONG norte-americanas para se referirem a transgêneros. Assim, os homens que se relacionavam com as *t-girls* (tgs) eram, conseqüentemente, os *t-lovers*. Um de meus informantes *t-lovers*, que reside nos Estados Unidos, me diz, porém, que esse termo é pouco usado por lá e vincula-se estreitamente ao universo homossexual. Diferentemente do que vem ocorrendo no Brasil, onde os *t-lovers* estão fortemente identificados com a heteronormatividade, trabalham e reforçam a

se relacionam com travestis, ou ainda “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem” (2006b), também da autora, no qual além da sexualidade, a conjugalidade também é refletida.

Nessas obras, Pelúcio dialoga sobre e com os homens que tecem relações afetivo-sexuais com travestis, refletindo sobre os dilemas que são acionados nessas vivências, principalmente no tocante à masculinidade, como essa construção é edificada por eles e vista e classificada por elas.

Ao não romperem com os imperativos da masculinidade hegemônica e, ao contrário, agirem no sentido de reforçar esse tipo de masculinidade, esvaziam a possibilidade de reconceitualização dos referências de gênero, de práticas sexuais e, mesmo, de como encaram as travestis. Seu assentimento às amarras heteronormativas os lança na categoria dos invisíveis. Como homens que gostam de travestis estão obrigados a andar na margem e na sombra, sob o risco de terem sua masculinidade colocada em xeque quando expostos à luz. Ser um *t-lover* ainda é ser clandestino. Limitados pelos seus próprios temores, que friso, não são infundados, os *t-lovers* abortam seu potencial de subversão. (PELÚCIO, 2006, p. 31)

Lomando (2013), em seu artigo sobre conjugalidade trans, realiza um levantamento das produções nacionais sobre a temática. As obras de Don Kulick (2008), Fernanda Cardoso (2007), Márcio Ornet (2008), Fernando Seffner e Magnor Muller (2012), Rafael Galli (2013) e Larissa Pelúcio (2006b, 2009) promovem o diálogo sobre a afetividade e sexualidade das travestis e mulheres trans, tendo como contraponto apenas a obra de João W. Nery. Temos ainda as obras de Soares (2012), Soares e Bruns (2010), Amaral (2017) que também dialogam sobre as afetividades das mulheres trans e sobre/com seus parceiros.

Longe de pretender esgotar o debate e ou elencar todas as produções nacionais que retratem a vida afetivo sexual das mulheres transexuais e travestis, aponto apenas algumas produções que dialogam diretamente com a temática no sentido de ilustrar a lacuna existente com relação a afetividade dos homens trans e, especialmente, trabalhos que dialoguem com e sobre as mulheres que se relacionam com estes homens.

Dito isso, não existe a intenção de comparar e ou homogeneizar as vivências de homens e mulheres trans e travestis, pois se faz claro as particularidades de cada sujeito e as distintas negociações entre as travestis e mulheres trans e seus parceiros e os homens trans e

masculinidade enquanto valor simbólico, associando-a sempre à “normalidade”, em oposição à homossexualidade, tida como “desvio”. [...] (PELÚCIO, 2006, p. 02).

suas companheiras (pensando aqui o recorte pretendido pela pesquisa, mas tendo ciência que as sexualidades são plurais e permitem uma multiplicidade de relações destes sujeitos).

Neste trabalho, as experiências de mulheres que estão em relacionamentos afetivo-sexuais com homens trans são tematizadas na perspectiva de compreender as amarras e nuances que perpassam esse relacionamento, contribuindo assim para a diminuição da lacuna existente sobre o assunto. Porém, além de pensar essa experiência conjugal, este trabalho se preocupa principalmente em refletir sobre as percepções que essas mulheres têm de si mesmas, sobretudo no tocante a sua sexualidade, temáticas que serão refletidas na seção seguinte.

PARTE II – ETNOGRAFANDO MULHERES QUE SE RELACIONAM COM HOMENS TRANS

Neste espaço, a ideia é traçar um diálogo entre as vivências, dúvidas e “conselhos” compartilhados no grupo de Whatsapp “Só para elas”, local e meio por onde tive acesso à maior parte das interlocutoras que compõem este trabalho, e as vivências das próprias interlocutoras, compartilhadas comigo de forma direta. Todo esse conteúdo será visto sob a luz das teorias que me aproximei e venho colocando em diálogo ao longo do percurso que busquei aqui ilustrar.

4 ELAS E O “SÓ PARA ELAS”

A chegada ao grupo de Whatsapp “Só para elas”, como já exposto no percurso metodológico, foi intermediada pelo grupo do Facebook que tinha como temática principal namorar/se relacionar com homens trans, o grupo que eu chamei de “Mulheres: namoro HTs”. A maior parte das interlocutoras chegou até esse primeiro grupo por intermédio de seus parceiros, uma vez que eles já conheciam e já estavam inseridos nele. A migração deste para o grupo de Whatsapp se dava por meio de uma postagem que anunciava o grupo exclusivo para mulheres; um grupo só para elas, mulheres que se relacionam/estão em relacionamentos com homens trans. Para ser inserida nele, bastava deixar o seu número de telefone celular.

Estando no “Só para elas”, busquei entender o sentido do grupo na vida das mulheres que participavam dele. Para tanto, perguntei para as interlocutoras que conheci naquele espaço o que fundamentalmente as motivara a buscar um grupo de mulheres que se relacionam com homens trans. Segundo elas, os principais objetivos foram ter mais conhecimento sobre a transexualidade, assim como ter com quem partilhar a experiência que passou a ser vivenciada e saber de outras vivências. De uma maneira geral, elas afirmaram ter encontrado isso no grupo. Mesmo que exista uma pluralidade de posturas e discursos sobre esses assuntos, o espaço promoveria a possibilidade de trocas de saberes e vivências acerca dessa experiência.

Diante disso, as temáticas que me guiaram e me direcionaram através das interações realizadas no grupo se relacionam com as demandas que levaram as interlocutoras a adentrarem ao grupo. Ou seja, assim como elas, busquei perceber que trocas ali eram

realizadas, a partir de experiências de mulheres que passaram a se relacionar com homens transexuais. Procurei compreender, diante dessa partilha em grupo, como eram as experiências afetivo-sexuais dessas mulheres, como percebem a si, a sua sexualidade, seus desejos e como isso se configura dentro de uma relação afetivo-sexual com homens trans.

Nesse sentido, as trocas no “Só para elas” eram muitas e se davam de formas diversas. Dúvidas sobre as possíveis mudanças de humor devido ao uso de testosterona, endereço de médicos, de lojas que vendiam *packers*²¹, *binders*²², entre outros “acessórios” para “homens trans”, eram compartilhadas. As dificuldades e chateações vivenciadas na relação também eram pauta, questões que iam desde a aceitação familiar até os impasses vividos pelo casal.

Entretanto, as trocas sobre as experiências afetivo-sexuais com homens trans, os processos de adequação ao novo corpo que passou a ser construído, as reinvenções das percepções de si e do próprio desejo, foram os principais temas que detiveram o meu olhar.

Ao observar essas interações e trocas no grupo, dentre outras coisas, pude perceber a existência de um movimento de “ensinar”, de pedagogizar as mulheres recém-chegadas, tanto no tocante a como sua sexualidade deveria ser percebida quanto sobre a percepção de sua relação afetivo-sexual e da pessoa com a qual ela se relaciona. De modo que as ingressantes que ainda sentiam dificuldade em tratar o companheiro no masculino, ou ainda as que não percebiam a sua sexualidade enquanto fluida, ou enquadrada em alguma “caixinha” que poderia contemplar seu atual relacionamento como bi, pan ou heterossexual (categorias acionadas no grupo), ou seja, mulheres que se percebiam enquanto lésbicas, iam sendo ensinadas a como se referir à sua relação, à pessoa com a qual se relacionavam e a si mesmas.

Mônica Monteiro Peixoto e Maria Luiza Heilborn (2016), no texto “Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento”, apontam para esse processo de mudança de comportamento e de percepção de si em mulheres que se inserem em um grupo onde partilham experiências análogas.

A partir do momento em que uma mulher se aceita como *Mada* e ingressa no grupo, ela inicia uma trajetória que progressivamente transformará sua maneira de julgar a si própria e aos outros. Em outros termos, ela adquire um novo referencial de valores, com os quais passa a ressignificar seu passado, presente e futuro – no sentido conferido pelo conceito de “carreira moral” de Erving Goffman –

²¹ Falos construídos artificialmente, prioritariamente a partir de *cyberskin* ou silicone, que possuem diversas funções a depender do modelo, podendo proporcionar um “volume” que visualmente se assemelha a um pênis não ereto, a possibilidade de penetração, de sentir prazer ao penetrar, de urinar em pé e ainda masturbar-se.

²² Faixas ou coletes que têm a função de dissimular o volume dos seios.

permitindo-a modificar a percepção de suas experiências de conjugalidade. (PEIXOTO; HEILBORN, 2016, p. 48)

Mesmo se tratando de grupos com temáticas distintas, essa trajetória progressiva de transformação das percepções de si e do outro ocorre de maneira semelhante no “Só para elas”. Trago aqui alguns processos vivenciados e partilhados no grupo em que a forma como a mulher se percebe ou ainda como ela trata o outro e questões acerca da conjugalidade vão sendo ensinadas, conduzidas, moldadas a fim de criar uma coerência quase que linear entre as percepções de si, da sexualidade e os corpos que se deseja.

Assim sendo, refletir sobre as percepções de si, de sua sexualidade, se não foi algo feito até o momento da chegada no grupo, é nele, em seu espaço, que este “convite” será feito e esses movimentos podem ocorrer. Essa incitação das reflexões e novas percepções, ou ainda ressignificações de si e de outro, se dá de forma muito visível no “Só para elas”, e ilustro aqui esse movimento a partir das falas de umas das integrantes que acompanhei no decorrer das conversas ao longo dos dias de julho de 2017, que chamarei de Atalanta.

Atalanta solicitou sua entrada no grupo, a partir de uma suspeita com relação à pessoa com quem namora: acredita que ela seja um homem trans, mesmo que nos diálogos entre elas essa afirmação nunca tenha ocorrido ou fora confirmada por ela. Colocado isso em grupo, as demais integrantes afirmaram ser esse um processo comum, as dúvidas iniciais e o processo de se afirmar e começar a transição faziam parte do processo de “aceitação de cada um”. Deste modo, Atalanta torna-se uma mulher em um relacionamento com um homem trans, mesmo que o suposto homem trans não tenha afirmado sua transexualidade para si ou para qualquer outra pessoa.

A partir disso, o primeiro “ajuste” é feito, Atalanta entra no grupo a fim de dialogar sobre o seu relacionamento, que até o momento era uma relação entre duas mulheres. Mas, ao conhecer a transexualidade e reconhecer em sua companheira muitas características ditas “comuns” entre os homens trans, principalmente as questões sobre não se sentir à vontade com o próprio corpo, ela assume essa possibilidade e adentra ao grupo a fim de saber o quão real isso poderia ser. Ao ouvir que esse era um percurso comum no tocante ao processo de reconhecimento dos homens trans, a transexualidade é confirmada pelo grupo, mas não por sua companheira.

Entretanto, o que acho interessante destacar é a mudança de postura que Atalanta passa a adotar ao longo dos dias. Nas primeiras interações, ao falar sobre seu relacionamento

ela elaborava as frases sempre no feminino, se dizendo casada com uma mulher e assim a tratando no feminino. Depois dessa primeira instrução e algumas correções, sempre que ela se referia à pessoa com quem se relacionava no feminino ela era corrigida; o “ela” era corrigido por “ele”, mesmo que a transmasculinidade nunca tenha sido afirmada por quem supostamente iria vivê-la.

Esse movimento inicialmente partia das administradoras do grupo, e depois foi se estendendo às integrantes mais velhas, as que estavam há mais tempo ali. Diante disso, Atalanta passa a falar de uma forma mais “neutra”, não usando artigos e sim a letra “x” no lugar e um apelido “neutro”.

Entao... eu comecei com x L[...] sendo lesbica...mesmo assim elx abomina oral..em dois anos de relacionamento elx deixou fazer umas 5 vexes ..agora se comecar a transição (pq elx ainda nao se aceita) eu fico com medo da minha reacao ao ver um pau nela mas pequeno..[...] de boa..mas na hora ainda tenho um pouco de nojo e medo. (Atalanta, 20/07/2017)

A partir da fala de Atalanta, é possível perceber um movimento de pedagogização das experiências e corpos ali presentes, no sentido de alinhá-los de modo que a percepção de si, de sua sexualidade e desejo estejam sempre em diálogo com a pessoa com a qual estas mulheres se relacionam de forma afetivo-sexual, de modo que se ela está em um grupo destinado a mulheres que se relacionam com homens trans, a pessoa com a qual ela se relaciona deve ser um homem trans e ela deve tratá-lo no masculino. A utilização do “x” pode ser lida como esse momento de aprendizado, de transição para uma possível forma de tratamento, caso sua companheira “torne-se” seu companheiro. Ao mesmo tempo, pode ser lido como uma resistência a reforçar o binarismo.

Em sua fala também é possível perceber os possíveis dilemas acerca das mudanças corporais e de performances acionadas por alguns homens trans. Para mulheres que não se sentem à vontade ou não manifestam desejo por contornos e volumes fâlicos ou por interações com dildos, permanecer em um relacionamento onde seu parceiro deseja acionar essas performances torna-se um desafio. Desse modo, o discurso de Atalanta também diz respeito a questões de desejo, de como acomodar esse desejo num processo de transição.

Quando Atalanta levou essa questão para o grupo, dois tipos de comentários surgiram. O primeiro foi de uma mulher que afirmou não poder auxiliá-la naquele momento, pois para ela as primeiras interações sexuais, após o início da ingestão de testosterona (T) pelo seu

parceiro, teriam sido difíceis. Os comentários seguintes foram no sentido de tranquilizá-la e de incentivá-la a se permitir viver aquele momento:

Acho q se vcs se gostam e tem química, so vá. Ter medo, insegurança, vc vai ter msm, mas só saberá, tentando. (Grupo “Só Para Elas”, 21 de julho de 2017)

E ainda:

Se solta mulher, deixa as coisas acontecerem e assim acho que ele tbm senti vontade que vc faça, fecha os olhos e deixa as coisas acontecerem. (Grupo “Só Para Elas”, 21 de julho de 2017)

Em experiências nas quais a flexibilização das práticas sexuais é possível, a presença de um falo ou mesmo as mudanças corporais experimentadas pelos parceiros podem ser surpreendentes gatilhos de desejo, como apontado por Morpho.

Morpho: Quando Ingá começou a usar o packer no começo né? [...] ali mais ou menos pela época que ele começou a tomar testosterona, foi bem ali pelo comezinho mesmo, (um amigo) deu para ele um packer, [...] só packer mesmo, sem o uso sexual né?

Eu: De volume?

Morpho: De volume, e aí... quando eu vi aquele volume, meu amor, eu disse: ‘hum... gosto’ (risos) sério, foi assim nunca isso tinha me chamado atenção, tipo e nem quando eu olhava para os outros rapazes, nunca o volume da calça era uma coisa que me chamava atenção entendeu? Mas naquele momento ali, quando Ingá botou o negócio, eu disse: “então... vamos então ver se esse negócio dá certo” (risos) E aí eu disse: ‘vamos experimentar’, estou o que? Aberta a novas experiências com certeza né? (Morpho, 26 de março de 2018)

As falas de Atalanta e de Morpho versam sobre a presença de um falo, incorporando a performance de masculinidade acionada por sua parceira, seu parceiro. Morpho relata uma experiência vivida em que demonstra surpresa ao sentir desejo por um “volume” que passava despercebido em outros meninos, até ser incorporado e acionado por seu parceiro, de modo que esse volume se torna objeto de seu desejo, ampliando seu repertório de gatilhos e atrações sexuais. Já Atalanta relata ter medo e nojo a partir da possibilidade desse acionamento por parte de sua parceira, em um primeiro momento se mostrando resistente ou ainda receosa diante dessa possibilidade, ao mesmo tempo em que é estimulada por outras meninas do grupo a “tentar”.

Nessas interações se pode perceber a pluralidade de posturas perante as mudanças corporais ou na possibilidade dessas mudanças, bem como a introdução de um dildo, um

packer nas práticas sexuais. Estar mais ou menos aberta a essas experiências passa pelo crivo do desejo, roteiros sexuais e subjetividades dessas mulheres.

Ainda refletindo sobre o que ocorreu no grupo, em alguns momentos ele se tornava um local que extravasava a função de espaço de trocas de experiências sobre a sexualidade, tornando-se um mecanismo que as legitimava ou a interditava, a depender da capacidade de cada participante em deixar suas vivências coerentes, sobretudo, a partir de seu arranjo conjugal.

Caso esse alinhamento entre percepção de si, de sua sexualidade e seu arranjo conjugal (ilustrado pelo processo que passou a ser desenvolvido com Atalanta) não fosse feito, ou ainda a abertura para esse aprendizado e reflexão não ocorresse, a participante estava sujeita a sofrer sanções. Seu comportamento poderia ser encarado como transfóbico, uma vez que a percepção que tinha de sua sexualidade não estava em diálogo com a pessoa com a qual ela se relacionava afetivo-sexualmente naquele momento, no caso um homem trans.

Essa questão toma uma proporção diferente do que ocorre em relacionamentos entre homens ou entre mulheres cis, que não se enquadram ou não desejam acionar identidades fixas diante de suas expressões e práticas sexuais como gay e lésbica. Ou seja, preferem nomenclaturas mais abertas ou nenhuma categorização, uma vez que são casais cujo “discurso acentua que estão no momento vivendo com uma pessoa do mesmo sexo, mas isto não define suas identidades”, como no apontado por Heilborn (1996, p. 140). O fato de envolver uma pessoa trans pode abrir possibilidades de leituras como as feitas pelo grupo, de se tratar de uma postura transfóbica, uma vez que a identidade sexual acionada pela participante em questão não contemplava a expressão ou a identidade de gênero de seu parceiro.

Este foi o caso de uma garota recém-chegada ao grupo em julho de 2017, que se apresentou como lésbica e foi corrigida por uma das administradoras: “*então você é bi!*”, ao que retrucou, permanecendo com a mesma postura: “*Não, sou lésbica e estou vivendo uma experiência, pois conheci quando menina*”. Ela foi reprimida, corrigida e sua questão foi exposta no grupo do Facebook “Mulheres: namoro HTs”, onde o número de participantes é bem maior e não se restringe a parceiras trocando experiências e tirando dúvidas. Após esse episódio de exposição, repressão e rechaço em ambos os grupos, ela se retirou daqueles espaços.

É importante ressaltar que no “Só para elas” existiram posicionamentos outros, que tinham como intuito acolher as demandas da garota que se entendia enquanto lésbica, não no

sentido de apoiar um comportamento transfóbico, mas compreender que ela entrou no grupo justamente para poder refletir sobre as questões acerca de sua sexualidade e possíveis experiências a partir desse novo arranjo conjugal, bem como para ouvir sobre as vivências de mulheres que já haviam passado por aquele momento.

No grupo “Mulheres: namoro HTs”, mesmo sem ter a identidade revelada, a “inflexibilidade” de manter a percepção de si e de sua sexualidade enquanto lésbica desencadeou uma série de comentários, em que sua postura foi altamente questionada, no sentido de ser transfóbica. A partir disso, se iniciou toda uma discussão sobre se relacionar com genitálias e não com pessoas, até chegar a comentários do tipo “*Nem todo homem trans tem buceta*”, que foi respondido por uma das administradoras de ambos os grupos: “*na verdade NENHUM HOMEM TRANS tem buceta, homem tem Pau, pinto, rola e que rola *.**”.

A partir desses comentários é possível perceber como a percepção de masculinidade, para alguns homens trans e suas companheiras, se dá em um completo deslocamento de extremos, onde de um lado se encontram a mulher que tem buceta e do outro o homem que tem pau. Com isso, não digo que todas as pessoas trans e suas companheiras e companheiros se percebem dessa forma e defendem tal postura, que acaba por flertar com a heteronormatividade, falo apenas da realidade a que tive acesso e que se fazia coro nos grupos visitados e pesquisados.

De modo que, diante desses discursos, a linearidade entre sexo, gênero e sexualidade mais uma vez é aqui acionada. A partir disso, surgem algumas reflexões. Por um lado, ao pensar os corpos transexuais essa linearidade é desvinculada, demonstrando sua artificialidade e, com isso, fluidez, onde esses três elementos (sexo, gênero, sexualidade) podem dançar uns com os outros, gerando uma série de possibilidades. Ao mesmo tempo, diante da postura levantada pelo grupo “Mulheres: namoro HTs”, esse sexo/corpo que subverte, essa verdade tida como natural e imutável e que o ressignifica, produzindo verdades outras nele e sobre ele, acaba sendo engessado novamente, ao se tornar mais uma vez o lugar que emite verdades sobre o sujeito; uma verdade que deslegitima e exclui homens de buceta e mulheres de pau.

Entretanto, existiam algumas interlocutoras e participantes dos grupos que, por dialogarem com movimentos sociais e LGBTQ+, tinham uma flexibilidade mais plural e menos engessada sobre essas questões, e que estavam cientes de que esse tipo de postura heteronormalizadora poderia se fazer presente nesses espaços. Como Samuelis, que apontou para isso de forma breve, ao se referir ao seu propósito de adentrar o grupo.

Acho o grupo necessário, acredito que tem algumas meninas meio viajadas, mas num geral ele é bom quando nos referimos a troca de experiências. O que me levou a ele foi justamente a necessidade de troca de experiências pela necessidade de saber que eu não estava sozinha. Mas como fonte de informação aprofundada sobre a transmaculindade eu sabia que no grupo poderiam surgir questões estereotipadas, então não fui muito com esse intuito. (Samuelis, 12/07/2017)

Ainda sobre a integrante que se afirmava lésbica e vivendo uma experiência, na referida publicação do grupo do Facebook “Mulheres: namoro HTs” uma das ADMs dos grupos afirmou que a pessoa pode ter a *“vivência lésbica a vida inteira, mas se está com um homem trans, que é HOMEM, esquece o trans, então você está em um relacionamento HÉTERO, mas se ainda sente atração por mulheres então tu quem te se tornar BI!”*.

Pensar o relacionamento enquanto heterossexual parece ser uma postura bem comum entre as mulheres presentes no grupo. Ao mesmo tempo em que ter essa postura é uma forma de afirmar a performance ou ainda identidade de gênero de seu companheiro, me questiono até que ponto se dizer um casal heterossexual não invisibiliza as transmasculinidades? Até que ponto esquecer o trans, como defendeu a administradora dos grupos, não reforça as amarras da heteronorma, que quer unificar as experiências a partir das dualidades homem/mulher, masculino/feminino, pau/buceta, opostos que só fazem sentido por se complementarem a partir da sentença sexo, gênero, sexualidade: buceta, mulher, heterossexual.

Lomando (2014), ao se debruçar sobre a literatura norte-americana acerca das conjugalidades trans, aponta essa sendo uma característica recorrente, pois:

nota-se uma tendência a rigidez desses aspectos tanto em homens e mulheres transexuais quanto em seus parceiros/as cisgêneros, provavelmente pela relação marginal com a lógica binária. Enrijecer as fronteiras de gênero poderia conferir uma situação de pertencimento a um determinado sexo/gênero, mas expõe os participantes aos riscos dessa estereotipia, como exaustão, isolamento, fusão emocional, conflitos, rompimento da relação até infecção pelo HIV por facilitar o sexo desprotegido como sinônimo de amor. (LOMANDO, 2014, p. 88)

Prepona realizou um diálogo bastante interessante sobre a construção dessas categorias para nomear as experiências vividas entre um casal que se constitui entre uma mulher cis bissexual e um homem trans heterossexual, de modo que ela diz se perceber enquanto “uma pessoa bissexual, que vive um relacionamento transheterossexual”.

[...] este é um termo que eu mesma aplico a meu relacionamento, que é um homem trans e uma mulher cis, que para o olhar externo seria heterossexual... mas se trata de um homem trans e não de um cis e uma mulher cis, sendo assim penso que é uma

nomenclatura nova, uma realidade diferente, e não acho justo "enquadrar" uma relação diferente em conceitos que não me representam". (Prepona, 4 de agosto de 2017)

Como indica Heilborn (1998, p. 397), “a escolaridade desempenha um papel significativo não só na data de ingresso na sexualidade adulta como no modo de discursar sobre a mesma”. Essa capacidade de elaboração sobre os discursos sobre a sexualidade aparece refletido na postura escolhida e elabora por Prepona, que além de estar engajada em movimentos sociais e LGBTQ+, também tem graduação e trabalha na área em que identidades/performances de gênero, representatividade, políticas públicas, dentre outras são questões ativamente refletidas. Posição distinta da maior parte das mulheres presente no “Só para elas”.

Ainda sobre o “Só para elas”, neste momento, apenas uma das quatro interlocutoras com as quais iniciei o contato por meio dele ainda permanece no grupo. A “falta de tempo” para acompanhar o grande número de mensagens parece ser o motivo principal para saída das demais. Entretanto, quando ainda estavam ativas no grupo, este foi o caminho que utilizei para realizar perguntas mais diretas sobre as (re)elaborações sexuais com seus parceiros, uma vez que esse foi um assunto arduamente discutido no grupo.

Packers, sexo oral, como (re)descobrir o desejo e o prazer em um corpo cambiante e as “delícias” de se abrir para as mudanças por muitas vezes aqueceram noites inteiras no “Só para elas”, e mais uma vez eram as mais experientes que orientavam e davam as dicas. Nessa pedagogia, elas iam ensinando o que tocar, como tocar aquele novo corpo, que poderia ter suas áreas de prazer deslocadas ou não, a depender de cada homem trans, de modo que enquanto alguns deles não gostariam de ter seus seios e genitálias manuseadas, outros não teriam problemas com isso; sobretudo, que o importante era ir entendendo, redescobindo o prazer a dois para os dois.

É importante ressaltar esse investimento que as mulheres fazem com relação aos seus parceiros, como lança luz Heilborn (1999), a partir de diálogos realizados com mulheres no contexto de conversas no âmbito de um programa educativo sobre sexualidade e Aids empreendido nas duas comunidades.

O discurso sobre o sexo [...] registra uma grande preocupação com o prazer do homem por parte das mulheres. Observa-se que as perguntas às técnicas assinalam uma preocupação em adquirir conhecimento sobre os sentimentos e prazeres masculinos. A própria sexualidade não é objeto de inquietação; o interesse é compreender atitudes e desejos dos companheiros. O conhecimento (reivindicado)

sobre o sexo representa um quesito do papel feminino nessa ordenação conjugal, integrando as obrigações na família. Isso estampa como as relações de gênero articulam-se com o modo de experimentar a sexualidade. (HEILBORN, 1999, p. 52)

Nessa linha, o uso do packer era um assunto bastante discutido, momento nos quais o “medo” e os tabus das mais novas, que ainda não haviam tido experiências com dildos, eram dissolvidos ou atenuados com os incentivos e a partilha das vivências das mais experientes, que as incentivavam a se abrirem para essa possibilidade.

A partir daí algumas participantes relatavam as mudanças vividas sexualmente após a autoafirmação de seus parceiros enquanto homens trans, as novas formas de acariciar esse corpo cambiante, que muda, sobretudo com o uso da testosterona. Uma delas partilhou que quando seu companheiro iniciou a transição ele não quis mais receber sexo oral, e que essa prática só voltou a ser realizada quando ela passou a ressignificar o ato: “*N podemos chupar como se fosse uma bu.... e sim como se fosse um pau.*”

A esse respeito, Lomando (2014), a partir do levantamento feito acerca da literatura produzida sobre as conjugalidades trans, indica que tal produção:

[...] aponta para os desafios sexuais enfrentados pelos casais. As negociações sexuais tanto pré/pós transição, seja localizada no corpo, seja no discurso foram caracterizadas como importantes à satisfação sexual. Aspectos como a aparência de ambos os/as parceiros na redescoberta dos corpos modificados pelos hormônios e CRS²³, a revelação das modificações corporais aos novos/as parceiros, a reflexão sobre as definições da orientação sexual dos parceiros cisgêneros após a transição os parceiros possibilitando neologismos (heteroflexível, lésbica situacional) e as mudanças na linguagem ao referir às áreas eróticas pré/pós modificações ([mini] pênis – [super] clitóris/ peito - seios) são exemplos desses desafios que demandam processos conjugais flexíveis para seu enfrentamento criativo (Pinto, 2008; Brown, 2010; Soares, 2012; Alegria, 2013). (LOMANDO, 2014, p. 88).

Nesse processo, o próprio corpo do parceiro vai sendo ressignificado, através de palavras, toques e performances. Diante disso, perguntei para as minhas interlocutoras se isso era uma experiência comum para elas, como para as meninas que partilhavam isso no grupo. Diferente disso, as mulheres com as quais dialoguei de forma direta afirmaram que a relação sexual em si não mudou muito; alguns fizeram alguns ajustes sobre não haver penetração em seus parceiros, mas isso não pareceu ser algo indesejado da parte delas. Desse modo, a masculinidade dos homens trans e em cada casal parece se instituir de forma distinta e plural,

²³ Cirurgia de Resignação Sexual.

assim, essa padronização de ler bucetas como paus é uma dinâmica que se (re)cria ou não dentro de cada relação conjugal.

Neste ponto, dos prazeres localizados nos corpos, a voz da medicina e das ciências PSI pode se ouvir ecoar, muitas das interdições de áreas corporais realizadas por muitos parceiros é justificada ou ainda nomeada a partir de sua disforia de gênero. Com isso não digo que os parceiros dessas mulheres não possam ter incômodos com seus próprios corpos, principalmente nas áreas que foram classificadas como femininas. Apenas registro o fato das nomenclaturas e classificações médicas que se fazem presentes e são incorporadas nas vivências, discursos e negociações dos casais.

É importante ressaltar que, apesar de todo esse movimento de ensinar as novatas a “aceitarem” e se enquadrarem na relação que estavam, essa pedagogia, por vezes coercitiva, tinha como norte o “fazer valer” e “respeitar” a identidade de gênero/performance da pessoa com a qual as mulheres em questão passavam a se relacionar. Mesmo que esse movimento pudesse permear a heteronorma, ele não alimentava a submissão dessas mulheres à relacionamentos abusivos, infelizes e/ou desgastados, em nenhum momento observei qualquer discurso ou incentivo nesse sentido.

De modo que os grupos, e em especial o “Só para elas”, acabam por se tornar uma ferramenta de formação, pedagogização das percepções de si, da sexualidade e da conjugalidade, na qual ao mesmo tempo em que ele contempla a fluidez das práticas sexuais, diante das performances das mulheres, as engessa ao se tratar das relações conjugais.

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou "jeitos de viver" sua sexualidade e seu gênero. (LOURO, 2000, p. 19)

5 TRAJETÓRIAS AFETIVO-SEXUAIS: “VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO”

Neste espaço se tem a intenção de apresentar a trajetória afetivo-sexual de cada interlocutora e, de forma mais breve e secundária, o diálogo entre as trajetórias e seus atuais relacionamentos, como elas os percebem e como esse relacionamento é percebido pela família e sociedade.

Destaco que os relatos se dão com maior ou menor detalhe, com base no grau de interação e abertura durante os diálogos realizados ao longo da pesquisa. Deste modo, existem falas mais abrangentes de como a interlocutora percebe sua sexualidade ao longo de sua carreira amorosa sexual e falas mais sucintas, ou ainda mais centradas no atual relacionamento.

Dito isso, aqui não existe a pretensão de comparar ou nivelar de qualquer forma as trajetórias das interlocutoras, e sim indicar a pluralidade de vivências possíveis diante de uma vivência atual em comum, que é ter como parceiro um homem trans.

Compreendo ainda que:

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas. (HEILBORN, 1999, p. 40)

Vale ainda ressaltar que, por mais que algumas definições no tocante à sexualidade apareçam, elas não são o foco da análise que aqui se pretende fazer. Elas se fazem presentes uma vez que são acionadas por algumas das interlocutoras, de modo que o foco nelas só se dá diante da classificação da própria sexualidade que as mulheres trazem para si, a fim de que possam ter inteligibilidade nesse sentido.

Entretanto, o que se busca aqui é perceber o fluxo que o desejo percorre e, ao longo desse fluxo, como estas mulheres se percebem, percebem sua própria sexualidade diante dos engajamentos afetivo-sexuais e dos corpos que aparecem nesse caminho. Nessa trilha, por vezes, algumas categorias são acionadas, como meio de enunciar como as interlocutoras gostariam de ter sua sexualidade lida. Percebo, porém, que tal necessidade de categorização se deu muito mais da minha parte do que delas, pois, inicialmente, me pareceu uma maneira de saber como elas iam se percebendo ao longo de suas trajetórias afetivo-sexuais. Contudo, para

a maior parte delas o importante era a vivência em si, de modo que a categorização do vivido se dava em segundo, terceiro ou em plano algum.

Como indica Meinerz (2005) sob a inspiração de Bozon (1995), acerca do trabalho de campo na área da sexualidade, devemos nos voltar com ouvidos atentos para as falas do(a)s interlocutores(as), ou ainda atores sociais, uma vez que é a partir da fala dele(a)s que o nosso trabalho se baseia

Uma das principais especificidades do trabalho de campo na área de sexualidade, como caracteriza Bozon (1995), é a tarefa de observar o inobservável. Ou seja, a observação participante, técnica essencial para o desenvolvimento da etnografia, recai sobre um objeto que não é passível de observação, qual seja, as práticas sexuais. Frente a isso, a abordagem da sexualidade passa a depender da descrição que os atores sociais fazem delas. Assim, a fala do outro sobre sexo torna-se um elemento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. (MEINERZ, 2005, p. 62)

Isso dito, passemos para as falas das interlocutoras, a fim de compreender como elas se percebem ao longo de sua trajetória afetivo-sexual, e que questões são ou não acionadas a partir de seu atual engajamento conjugal.

5.1 **Flambeau: “A Flambeau liberta”**

Flambeau, 26 anos, possuía o ensino médio completo e trabalhava como recepcionista em um hotel de Manaus, cidade onde nasceu. Naquele momento morava sozinha e não definia a sua orientação sexual. Essa indefinição ou não definição será abordada ao longo do texto, nas ocasiões em que as autonegociações e reflexões realizadas diante de algumas categorias acerca das sexualidades ocorreram, de modo que a interlocutora acionou tais categorias para depois refutá-las.

Flambeau estava noiva, e inserida naquele relacionamento havia pouco mais de um ano. Os primeiros contatos entre ela e seu noivo foram estabelecidos através da internet. Esse é o seu primeiro relacionamento com um homem trans, e ela não sabia da transexualidade de seu parceiro quando se apaixonou por ele, pois, como indicado por ela, ele não é um homem trans “assumido” e até aquele momento não fazia uso de hormônios.

Segundo ela, a paixão se iniciou por meio do Facebook, respondendo a um modelo de “amor à primeira vista” nos tempos de internet. Ao visualizar a foto do seu perfil que apareceu como sugestão de amizade em sua timeline, Flambeau disse ter passado meses apenas observando aquela miniatura de foto, sem ao menos visitar o perfil completo de seu

noivo. Em alguns áudios enviados, ela contou todo o início do seu relacionamento, a partir do despertar do seu desejo por aquela foto. Os contatos iniciais ocorreram após ela ouvir sua irmã citar o nome de Maracujá, momento em que ela tem coragem de abrir o perfil dele no Facebook e adicioná-lo. Quando o fez percebeu que eles possuíam vários parentes como amigos em comum, e após perguntar para sua irmã quem era Maracujá, ela respondeu ser “prima” delas.

Maracujá não revelou ser transexual para a família e não fazia uso de hormônios. Desse modo, nem Flambeau nem sua irmã sabiam, e o tratavam no feminino. É interessante notar durante a narrativa as autocorreções que Flambeau realizou ao contar o início de sua história, de que ela é consciente: *“espero que tu não tenha problema de eu chamar ele e ela de vez em quando porque o começo da nossa história foi assim eu chamando ele de ela”*. E com uma voz mais aliviada passou a narrar livremente os contatos iniciais.

Flambeau: Conheci o que hoje é meu noivo, só que eu conheci por uma foto que passou na minha time e era uma menina, porque o Facebook dele tá uma menina e eu me apaixonei na hora, não sabia quem era eu só vi o nome e não tive nem coragem de abrir o facebook dele, só fiz ver a foto e tipo bateu, eu bati o olho me apaixonei por ela, eu quero uma menina, eu me apaixonei por uma menina aí enfim, fiquei mais ou menos 6 meses admirando uma única foto porque eu não tinha coragem de abrir o Facebook dela. (Flambeau, 21 de Junho de 2016)

É interessante perceber esse movimento realizado por Flambeau. Ao mesmo tempo em que ela se esforça pra corrigir a forma de se referir a Maracujá no início da relação deles, por não saber da transexualidade do noivo, após narrar a revelação do fato, essa dificuldade inicial some, de modo a ilustrar tanto que o “medo” de falar errado era mais de ser julgada por mim, por ela estar errando o pronome de tratamento ao se referir ao seu parceiro, do que pelo fato de fazê-lo em si. Esse mesmo fato aponta o movimento de adequação, de trânsito vivido por ela dentro dessa relação, de modo que falar sobre ele no feminino se restringe apenas às interações iniciais.

Voltando a atenção agora para os seus primeiros contatos afetivo-sexuais, Flambeau inicia falando sobre o seu casamento, que ocorreu aos dezesseis anos de idade, com um “rapaz da igreja”, relacionamento que manteve por volta de sete anos.

Flambeau: Bom como eu disse na primeira mensagem eu fui casada um bom tempo com um homem cis e... nos últimos anos é tipo algo tava faltando entendeu? eu me sentia estranha aí terminou o relacionamento e tal. (Flambeau, 22 de junho de 2017)

A utilização da categoria homem cis se faz bastante presente na fala das mulheres que se relacionam com homens trans, sobretudo no grupo “Só para elas”. Assim, em distinção das travestis e mulheres trans, onde a categoria “mulher de verdade” é muito acionada ao se referir a mulheres cujo sexo atribuído ao nascer sustenta o gênero performado. Ou ainda, os termos “nascer mulher”, “gg”, “mulher genética” e “mulher biológica”, como os acionados pelas *crossdressers* estudadas por Vecanto (2017), no estudo realizados sobre conjugalidades de mulheres que se relacionam com *crossdressers*. Aqui, no grupo e na fala das interlocutoras, esse “contraponto” se faz através das categorias homens trans e cis, categoria que é aprendida e utilizada diante desse novo percurso afetivo-sexual que passa a ser desenvolvido. Deste modo, quando Flambeau classificou o seu parceiro de casamento enquanto homem cis, ela o fez conforme seu lugar de fala de hoje, cuja carreira afetivo-sexual contempla uma experiência e socialização com um homem trans.

Ao ser uma categoria utilizada pelas interlocutoras e grupos pesquisados, o termo cis será acionado nesta dissertação para indicar sujeitos que reiteram o gênero que tem como base o sexo que foi determinado ao nascer, assim como feito por Lomando (2014)

Aqueles que não se compreendem/subjetivam marcadamente a partir desses conflitos de gênero, opta-se por uma nomenclatura mais contemporânea: homem e mulher ‘cisgênero’ (Ansara; Hegarty, 2011), para não repetir o vício binário de adjetivar somente aqueles que ‘desviam’ das normas. (LOMANDO, 2014, p. 85)

Entretanto, se tem consciência da crítica e análise desenvolvida por Viviane Vergueiro (2015) acerca da e sobre o conceito da cisgeneridade.

A partir deste conceito, utilizado fundamentalmente para se pensarem formações corporais e identidades de gênero naturalizadas e idealizadas, é que se pretende caracterizar uma normatividade de gênero – a cisnormatividade, ou normatividade cisgênera – que exerce, através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero que, de diversas formas e em diferentes graus, não estejam em conformidade com seus preceitos normativos. (VERGUEIRO, 2015, p. 44)

Diante disso, Bagagli (2017, p. 145) indica que Vergueiro (2015) entende a cisgeneridade como “uma matriz de práticas repetidas que todas as pessoas são impelidas para performar na produção de coerências e evidências acerca do sexo”. Podemos ver, diante dessa definição, um paralelo feito com o conceito de gênero elaborado por Butler (2003).

O funcionamento desta matriz, argumenta Vergueiro (2015) , exige com que certos tipos de identidade não possam existir ou então serem tidos como inviáveis. Desta

forma, há uma relação intrínseca entre a produção de coerências por esta matriz cisnormativa e a exclusão (constitutiva) das transgeneridades, relação esta que produz efeitos de abjeção e subalternidade sobre as identidades ininteligíveis. As contribuições teóricas de Vergueiro, que dialoga com Butler (2003), nos permitem compreender como a cisnormatividade e heteronormatividade se sustentam mutuamente em seus efeitos nas produções das identidades inteligíveis nos campos, respectivamente, da identidade de gênero e orientação sexual. (BAGAGLI, 2017, p. 146)

É importante, também, apontar a origem social e permeada pelo ativismo trans para o desenvolvimento desse conceito analítico

[...] como forma de resistência às instâncias teóricas unitárias e coloniais. Segundo a autora, a cisgeneridade como norma se fundamenta através de três eixos naturalizados e interdependentes entre si acerca das identidades e corpos: pré-discursividade, binariedade e permanência. (BAGAGLI, 2017, p. 146)

Diante de toda essa complexidade analítica ilustrada por Viviane Vergueiro (2015), aponto que aqui o termo cis se dá de forma mais rasa. Entretanto ainda assim tem todas essas questões imbricadas em seu acionamento nos discursos elaborados pelo grupo, que vai levando a nomenclatura para as experiências das mulheres ali presentes.

Por mais que essas categorias cis e trans possam parecer pares de opostos, ou ainda estabelecer uma relação de “contraponto”, diante dos discursos acionados a partir e no grupo “Só para elas” utilizo as aspas justamente para indicar que elas, essas categorias, se dão neste trabalho apenas com o intuito de representar as diferentes experiências de socialização vividas por sujeitos que tiveram ou não conflitos com a definição de gênero compulsoriamente atribuída a eles, e não para reforçar binarismos que estruturam discursos heteronormativos.

Voltando e refletindo ainda sobre essa primeira fala de Flambeau, quando ela se refere ao seu casamento aos dezesseis anos com “um rapaz da igreja”, pensar esse arranjo conjugal possibilita a interpretação de uma trajetória semelhante às garotas de grupos populares estudadas por (HEILBORN. et al., 2002, p. 32) a partir da pesquisa do GRAVAD sobre gravidez na adolescência. Nesse trabalho, o casamento pode ser lido como o desejo de sair da casa dos pais ou, a partir dos autores, “as adolescentes populares constituem o grupamento que, comparativamente aos outros, tem mais estímulos para querer deixar a casa paterna e/ou para assumir mais plenamente o status de *adultas*”.

Entretanto, ao se inserirem nessa experiência, o sentimento de “decepção” aparece, como no caso citado pelos autores de uma jovem que, a partir do terceiro mês de casamento, percebeu que apenas havia trocado “a prisão que era sua mãe” para uma ainda pior, o

casamento que controlava ainda mais a sua circulação, seu “ir e vir”. Deste modo, mesmo que este trabalho não se proponha a pensar o recorte social, como já relatado, ao observar as trajetórias de algumas das interlocutoras esses traços de classe, ou ainda outros marcadores sociais da diferença, se fazem presentes como pano de fundo às suas carreiras afetivo-sexuais, como no caso de Flambeau.

Ao estabelecer a relação conjugal, Flambeau relatou um desconforto crescente ao longo dos últimos anos do casamento, sensação que ela chama de “*tudo estar fora do lugar*”. Ao questioná-la se isso havia iniciado no casamento, ela explicou que não, que era uma sensação existente desde a infância, “*Eu nunca fui menininha*”, mas que se tornou mais acentuada no casamento.

A partir disso, a interlocutora começou a apontar seu desconforto perante as normas de gênero associadas ao “ser mulher”, “*eu odiava usar saia, vestido e arrumar o cabelo, rum, era uma briga*”, onde o estar “bonita e arrumada” era uma performance frequentemente acionada para e por algumas mulheres. Flambeau passou a acionar uma insatisfação com as normas que impunham sobre ela esse dever e, mais do que isso, além de questionar as estruturas de gênero que a escreviam enquanto mulher, ela passou a questionar não só sua performance de gênero como também sua sexualidade.

Flambeau: Eu fui criada pra ser hetero e não vou dizer que achei tuuuudo ruim, mas era estranho. Bom, eu cresci numa família sem histórico gay (pelo menos a parte da mãe que foi a família que me criou) então esse mundo era só na tv. Como desde criança fui da igreja e era bem ativa na igreja fui doutrinada e ensinada a ser uma mulher do lar esposa de um homem pq é o "certo". Então segui o roteiro. Como me casei cedo e com um rapaz da igreja esse mundo ficou ainda mais distante. Porém tinha algo errado. Apesar de fazer o balacubaco eu tinha muito nojo, e era algo mecânico, eu nem gostava que ele visse meu corpo e também não gostava de ver o dele, apesar de ser muito assanhada. Mas não era o corpo que me incomodava. Era o 🐣, Rs. E toda essa ideia de ser dona de casa, mulherzinha e Amélia, kkk[...] E mesmo com tudo fora do lugar não me via com uma menina e muito menos com um homem Trans, porém quando isso aconteceu tive aquela sensação de ... Agora sim. Tá tudo no seu devido lugar, tudo se encaixando. (Flambeau, 19 de outubro de 2017).

Toda essa ideia do encaixe e desencaixe de Flambeau, primeiro, pode nos mostrar que ela está nos falando o que Wittig (1980) diz a respeito das lésbicas não serem mulheres, que vai no sentido de uma negação ou não adequação a um modelo de feminilidade atrelado à heterossexualidade. Não se trata, portanto, somente de sexualidade, mas também e talvez sobretudo, de gênero. Por outro lado, a ideia do encaixe também nos fala de como esse deslocamento faz sentido e permite uma coerência das experiências.

Ao relatar seu desconforto e sensação de estar algo errado, a interlocutora apresenta a falta de interesse pelo corpo de seu parceiro e, mais do que isso, repulsa com relação a sua genitália como fator fundamental para o estranhamento das suas percepções de si e de sua sexualidade. Isso, em conjunto com as atribuições que vieram com o casamento, o ser “Amélia”, o processo de *internalidade feminina* (HEILBORN. et al., 2002, p. 31), entendido enquanto a “precocidade do status adulto pelo desempenho de funções na casa”, dão indícios à interlocutora que a configuração vivida até aquele momento já não a satisfazia mais.

Sensação esta que foi recuperada por meio do atual relacionamento. Como indicado por Flambeau, ela não sabia o que estava fora do lugar, mas quando iniciou o relacionamento com Maracujá tudo passou a se encaixar. Entretanto, esse processo de compreender que seu desejo não se fixava exclusivamente em homens cis, como classificado por ela, se deu não sem conflitos e questionamentos da percepção que ela tinha de si mesma, bem como de sua sexualidade.

Flambeau: Pq era um mundo novo pra mim. Eu ficava pensando. Como assim? Eu me apaixonando por uma mulher. Sentindo coisas no meu corpo e essas coisas estavam sendo despertadas por uma mulher. Isso era estranho. Mas no dia de ele me tocou pela primeira vez que foi no nosso primeiro abraço. Foi como se ele tivesse juntado todos os meus pedaços com um só abraço. (Flambeau, 19 de outubro de 2017)

Flambeau, ao narrar sua história com Maracujá, usou duas formas de tratá-lo, como anteriormente comentado e exemplificado na fala acima. O que marcou essa divisão foi justamente o momento em que ela passou a saber da transexualidade de seu parceiro. Contudo, como a interlocutora se apaixonou por ele o lendo enquanto uma “lésbica bofinho”, os conflitos de percepção do desejo em relação a ele se deram a priori pelo fato de ela ter saído de uma trajetória marcada pela heterossexualidade.

Sobre sua trajetória heterossexual, Flambeau relatou que, naquele momento, ao olhar e refletir sobre seu casamento, se arrependeu de ter se casado tão cedo, que se não o tivesse feito as coisas poderiam ser diferentes, tanto com relação à forma como ela percebia a sua sexualidade como nos contextos sociais nos quais ela se encontrava inserida.

Flambeau: Pq se eu pudesse voltar e mudar alguma coisa séria o fato de ter me casado cedo de mais.

Eu: tu se arrepende?

Flambeau: Dê certo modo sim, pq talvez se eu não tivesse casado e me descoberto lésbica cedo, minha vida não teria virado oq virou. Não teriam os julgamentos, que é o que mais dói.

Eu: julgamentos de quem?

Flambeau: Amigos e familiares. Tô sem ninguém, sem ninguém que eu possa confiar. Todos somem depois que veem pessoalmente que estou com uma ‘menina’ (se referindo ao parceiro). É como se fosse brincadeira, que eu tô só zoando nas redes sociais, e quando eu enfim confio pra apresentar pessoalmente elas somem. (Flambeau, 23 de novembro de 2017)

A interlocutora, ao criar um novo roteiro que a distancia da heteronormatividade, subverte o contexto cultural ao qual pertencia, pautado na hetero(normalidade). Deste modo, as suas performances, agora distintas da rota seguida ao longo de sua adolescência e início da vida adulta, promovem conflitos nas relações no contexto social no qual estava circunscrita. O fato de namorar um homem trans “não assumido”, e que, devido a isso, não utiliza hormônios que lhe trariam traços atribuídos ao masculino, ao “ser homem”, faz com que a leitura feita pelo social seja a de que Flambeau está com uma menina masculina.

A heteronormatividade, ou seja, a heterossexualidade como padrão de normalidade, se sustenta, fundamentalmente, nos discursos dominantes estabelecidos como naturais, que legitimam a autoridade ou mesmo a superioridade moral de algumas identidades sexuais e de gênero em detrimento de outras. Nos dizeres de Lima (2009), as regras da heteronormatividade são uma construção da própria sociedade, servindo para controlar e normatizar as condutas sexuais dos sujeitos, estruturando seus desejos, subjetividades e práticas sexuais de um único modo, estabelecidas como corretas e sadias. (SOARES, 2012, p. 30)

A dificuldade apresentada pela interlocutora quando passa a contemplar uma trajetória e práticas afetivo-sexuais que não dialogam mais com a heteronorma é advir de um contexto onde esta era altamente valorizada, de modo que a sua trajetória até ali estava enquadrada, estava em conformidade com as normas de gênero socialmente estabelecidas. Sair deste lugar de establishment para o local de exercício de uma sexualidade classificada como abjeta lhe fez sentir a coerção promovida pela heteronorma. Ter estado dentro dos padrões da norma não aparece em sua fala como algo ideal, que facilitaria as suas novas performances, pois estaria inserida em um contexto onde, em tese, esses conflitos não existiriam. Pelo contrário, ter correspondido à norma para depois se afastar dela emerge como um fator que dificulta a aceitação social de um relacionamento que é visto, de fora, como sendo lésbico.

Gayle Rubin (1984), ao se debruçar sobre o sistema de valor sexual, a partir de uma visão geral e ilustrada através de um diagrama, argumenta sobre a divisão entre a sexualidade “boa” e a “má”, o que pode nos ajudar a compreender um pouco mais sobre os deslocamentos vivenciados por Flambeau, sobretudo as dificuldades de ainda estar inserida em um cenário

cultural no qual “não pertence mais”, onde sua sexualidade não é bem vista, bem-vinda ou desejada.

De acordo com esse sistema, a sexualidade que é “boa”, “normal”, e “natural” deve idealmente ser heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial. Deveria ser em casal, relacional, na mesma geração, e acontecer em casa. Não deveria envolver pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais de qualquer tipo, ou outros papéis que não o masculino e feminino. Qualquer sexo que viole as regras é “mal”, “anormal” ou “não natural”. O sexo mal pode ser o homossexual, fora do casamento, promíscuo, não-procriativo, ou comercial. Pode ser masturbatório ou se localizar em orgias, pode ser casual, pode cruzar linhas geracionais, e pode se localizar em lugares “públicos”, ou ao menos em moitas ou saunas. Pode envolver o uso de pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais, ou papéis pouco usuais [...]. (RUBIN, 1984[1994], p. 17)

No tocante à percepção de sua sexualidade, a interlocutora, por momentos, acionou categorias para depois descartá-las. Nesse sentido, no decorrer da pesquisa, Flambeau utilizou a categoria lésbica algumas vezes, entretanto, quando eu perguntava se agora seria assim que ela percebia a sua sexualidade, ela negava, bem como o fazia com a categoria heterossexual. Perguntei sobre como ela se percebia, como percebia sua carreira afetivo-sexual, onde a heterossexualidade era acionada como roteiro que inaugurava sua carreira e, em alguns momentos, ser lésbica também existia em seu discurso. Busquei perceber e compreender como ela percebia esse fluxo.

Eu: Então tu sempre se viu como hetero? Hj vc continua se vendo assim? Como é isso?

Flambeau: *Sim. Hoje eu me vejo uma pessoa que gosta de pessoas, sem rótulos sem frescura. As pessoas são oq elas quiserem ser, e sou apaixonada por pessoas.* (Flambeau, 22 de junho de 2017)

Por afirmar sempre ter se visto como hétero, questionei como foi esse processo de se perceber hétero e em dado momento sentir seu desejo pulsar por uma figura que, em algum momento, foi lida enquanto uma mulher. Flambeau se voltou para o passado para compreender os caminhos que seu desejo percorre na atualidade.

Flambeau: Assim. Eu sempre me achei diferente. Mesmo sendo magra (a meus 15 anos rs) e tendo certeza de que eu gostava de meninos (pq pra mim só existia... homem, mulher, gay, lésbica e travesti) eu não gostava de usar roupas coladas ou muito femininas, comecei a usar roupa mais feminina por conta da igreja, mas sempre gostei de andar com um Stilo mais masculino. Então... Eu já havia sentido desejo por outras meninas, na adolescência até beijei uma amiga, mas não passou de uma brincadeira. Quando eu me apaixonei pelx Maracujá²⁴ eu fugi muito, muito mesmo. Eu achava aquilo fora de cogitação, que era coisa da minha cabeça pq eu

²⁴ O nome dos companheiros de cada interlocutora foi substituído por nomes de frutos, árvores e frutas com as quais cada borboleta gosta de pousar e/ou de se alimentar.

tava toda bagunçada. Eu fugi de verdade, e por longos 6 meses eu fugi do q tava sentindo pq era estranho pra mim, mas quando me deixei envolver foi algo tão natural, tão bonito e surreal. Foi diferente de tudo que eu já tinha vivido ou sentido. Foi como se uma pecinha tivesse se encaixado. (Flambeau, 23 de julho de 2017)

Diante das falas de Flambeau é possível perceber que o seu desconforto e sua interrogação sobre suas percepções de si e de sua sexualidade estabelecem um diálogo entre elas, a forma de performar o “ser mulher” e o seu desejo inclinado para aos homens. Entretanto, nessa passagem a interlocutora revelou já ter sentido desejo por meninas e o fato de ter beijado uma. É interessante perceber, ao logo de toda a trajetória contada por Flambeau, as contradições, os questionamentos e dúvidas que parecem se dissolver diante do atual relacionamento.

Para estabelecer alguma linearidade sobre as percepções de si e trajetórias afetivo-sexuais de Flambeau, questionei esse desejo por meninas acionado por ela, a fim de perceber se em algum momento isso poderia trazer alguma definição, classificação para sua sexualidade.

Eu: hoje tu se vê como lésbica ?

Flambeau: Não, nunca me vi na verdade. Eu nem sabia de rótulos, mas eu me via gostando de uma menina, (seu parceiro atual) mas nunca me senti lésbica. É estranho isso né. Passei boa parte da minha vida com homem e me vi gostando de uma menina. Eu só senti e foi e é tão verdadeiro que eu não me sinto errada e nem me senti na época. Não senti vontade de me esconder e nem vergonha de dizer que estava na época com uma menina.

Eu: e o que é se sentir lésbica? rs

Flambeau: Kkk num sei. (Flambeau, 23 de novembro de 2017)

Meses mais tarde, Flambeau acionou a categoria lésbica, ou melhor, sapatão, “*sapa*”, novamente, atrelando-a ao seu novo corte de cabelo em que um dos lados da cabeça estava raspado. Junto com a mensagem estava sua foto, cuja legenda era “*To sapa agora kkk*”.

Eu: agora tu se vê / sente como sapatão? Rs

Flambeau: Kkkk, Não, me vejo a Flambeau liberta, vestindo oq quer, fazendo oq quer. (Flambeau, 12 de maio de 2018)

Segundo Gomide (2007), em diálogo com Arlene Stein (1999), o fato de mulheres terem relações afetivo-sexuais com alguém do mesmo sexo que o seu não as torna necessariamente lésbicas, em termos identitários.

O comportamento homossexual puro e simples não é garantia do desenvolvimento de uma identidade lésbica. Tornar-se lésbica exige participar de comunidades e adotar discursos específicos, sempre de acordo com normas históricas. A identidade lésbica é aprendida e representada; trata-se de um processo no qual indivíduos lutam

para alcançar congruência entre sua identidade emergente e seu senso subjetivo do 'self'. (STEIN, 1999, apud GOMIDE, 2007, p. 407)

Assim sendo, dizer-se e, porque não, sentir-se lésbica, segundo a autora, é algo que vai além de um simples comportamento ou conjunto de práticas; está relacionado a um posicionamento político que aciona discursos e posturas diante da heteronorma, que pode se fazer presente a partir de performances e vestimentas e, sobretudo, da autoidentificação como lésbica, ou seja, com o rompimento da heteronormatividade.

A colocação de Flambeau em não se sentir lésbica, apesar de se sentir atraída por mulheres, pode estar relacionada à não autoidentificação como lésbica, ao não desejo de rompimento com a heteronormatividade ou, ainda, por não querer acionar essa identidade política a fim de evitar a coerção social que já vinha sentido, como exposto em sua fala.

Essa situação pode ser lida também como a disponibilidade de Flambeau de “fazer par com” outras mulheres, parceria essa de cunho afetivo-sexual, entretanto, que não acionaria categorias identitárias como lésbica ou homossexual, de como a borrar os contornos entre práticas sexuais e identidades. Como indica Meinerz (2005, p. 23), seria “trazer à luz a diversidade de relacionamentos sexuais e afetivos que se encontram, geralmente, subsumidos na idéia de homossexualidade feminina”.

Para além dessa interpretação, o fato de não querer acionar uma orientação pode estar ligado ao fato de não se sentir parte, ou não querer se encaixar em uma das identificações de sexo e/ou gênero estabelecidas. Nesse sentido, optar por não se enquadrar também pode ser um posicionamento político, embora não necessariamente explícito ou consciente, como indicado pela teoria queer.

[...] abandonar as definições sobre o que seja a “orientação sexual” aos discursos substancialistas (do biologismo, psicologismo ou outro) é esvaziá-la do que pode lhe render maior significado político: seu caráter de uma prática construída na pluralidade do desejo e na diversidade das experiências do prazer. Isso é válido para todas as “orientações sexuais”, e definição que serve ainda para a retirada da heterossexualidade do reino do inato, do natural, inserindo-a também no reino das práticas construídas na diversidade do desejo, situando-a na cultura e na história. (DESOUZA FILHO, 2009, p. 66)

Desse modo, quando apresentei Flambeau e disse que ela não definiu sua orientação sexual até aquele momento, não disse que ela estava confusa, que ainda não havia se encontrado, ou que ela teria que fazê-lo um dia. De outro modo, chamei a atenção para a possível fluidez das sexualidades e suas denominações. “As pessoas, de maneira geral, se

preocupam muito em classificar a si mesmas e aos outros. A consciência de que estamos em constante mutação causa certa aflição, uma sensação de insegurança” (FACCO, 2004, p. 28, apud GOMIDE, 2007, p. 418).

Ainda sobre a trajetória afetivo-sexual da interlocutora, é interessante refletir sobre esse acionamento ou não de categorias que descrevem “com quem” ela se relacionava afetivo-sexualmente, ao pensar a sua atual relação. Seu noivo era um homem trans que não fazia uso de hormônios, com isso ele “ainda” não tinha uma passabilidade masculina, ou seja, ele não era visto e reconhecido socialmente enquanto um homem. Como indica Almeida (2012):

[...] o uso da testosterona no caso dos homens trans, ao contrário do que ocorre com as mulheres trans, torna-os bastante próximos fisicamente às expectativas sociais de como deve parecer um homem, o que contribui para invisibilizá-los. Essa invisibilidade adquirida com frequência a duras penas significa para a maior parte um agradável momento de trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero. (ALMEIDA, 2012, p. 519)

Assim sendo, não ter a passabilidade, não ter a invisibilidade conferida aos homens trans com o uso dos hormônios fez com que o “objeto” do desejo de Flambeau fosse socialmente reconhecido enquanto feminino e, com isso, o seu arranjo conjugal acaba por ser julgado socialmente enquanto homoafetivo.

Flambeau: Nós ainda somos vistas como casal gay, pq ele ainda tem aparência de bofinha. Só em casa como os amigos que ele é tratado no masculino ou chamam ele de viadinho rs .Pra mim não mudou muita coisa, até pq assim como eu entrei crua num relacionamento lésbico, eu entrei no relacionamento com homem trans. (Flambeau, 23 de julho de 2017)

A mudança, ou melhor, a não mudança apontada na fala de Flambeau diz respeito a saber que seu parceiro era um homem trans, de modo que estar em um relacionamento com uma lésbica masculinizada ou com um homem trans não faria muita diferença para ela, pois ambos se constituem enquanto novos lugares onde sua trajetória afetivo-sexual passa a habitar.

Nesse sentido, sobre esse novo lugar a ser ocupado, no tocante a estar crua, livre de concepções anteriores diante desse engajamento afetivo-sexual, perguntei sobre as questões no tocante às práticas sexuais do casal, e Flambeau relatou como percebia o corpo do parceiro e como interagia com ele.

Flambeau: Eu não o vejo como um homem no corpo de um menina. Não consigo vê-lo assim. Vejo um homem que veio que entrou na fila errada e tá vivendo da melhor maneira possível com as coisinhas a mais que vieram com ele.

Eu: E como tu lida com essas coisa a mais? Com esse corpo errado e tal?

Flambeau: Assim nós dizemos que não somos um casal padrão. Tipo nenhum padrão mesmo. Ele não tem problema nenhum que eu o toque [...] Enquanto ele ainda está com esse corpo ele decidiu fazer disso uma coisa leve, então sem aquelas coisas de ‘não me toca que eu não gosto pq sou macho’ entende? Ele não gostava e não deixa ninguém o tocar e desde que começamos a namorar ele decidiu ser leve e aceitar a que a mudança não vem do dia pra noite e que se ele tá nesse corpo ele tem que viver da melhor forma possível por nós e por ele pq como disse que apaixonei por ele menina e hoje amo o homem que ele é e não o vejo mais como menina. [...] Do corpo hoje não tenho mais estranheza. Mas o sexo é muito melhor. Hoje eu faço por amor e por prazer e não só por fazer. Eu encontrei meu par. Aí vc pensa tá, mas isso tu foi (transou) com uma menina. Isso mesmo, mas no dia que elx me contou que não era lésbica e sim trans eu já tava tão apaixonada e tão envolvida que só aumentou oq eu estava sentindo. E só cresce (Flambeau, 28 de junho de 2017)

Diante das falas de Flambeau sobre essa nova experiência afetivo-sexual que passou a ser vivenciada, nota-se em sua fala a transição sobre a percepção do corpo de seu companheiro, de modo que, mesmo que o tenha conhecido enquanto uma lésbica masculina, saber que ele era um homem trans a fez ressignificar seu corpo e a experiência diante dele.

Sobre a percepção e interação entre os corpos, ela indicou que não são um casal padrão, pois seu parceiro não estabelecia fronteiras do que seria permitido ou não, do que poderia ou não ser tocado em seu corpo, enquanto indicador de masculinidade, o que indica ser o padrão juntamente o contrário, como em alguns casos enunciados no “Só pra elas”. Ainda sobre o corpo do parceiro, a interlocutora indicou não estranhar mais, de forma a estar familiarizada, e ainda que, em comparação às práticas sexuais que desenvolvia anteriormente, a atual seria muito melhor, no sentido de ter “*mais toque, mais carícias mais entrega e a duração é maior*”.

O que se assemelha com o relato de Rose, mulher que advinha de uma trajetória marcada por engajamentos cisheterossexuais e que se apaixona e passa a se relacionar com João. Uma conjugalidade explorada por Lomando (2014).

Rose percebeu que João era uma pessoa pela qual ela tinha um sentimento de aprovação geral e atração sexual. Essa última, nas palavras dela foi uma das mais prazerosas descobertas nunca antes vivenciadas na relação sexual com seus ex-parceiros cisgêneros: “Eu estou no paraíso. Eu consegui ter três orgasmos em uma noite, coisa que em quatro ou cinco anos, eu não tive tantos. Então estou muito feliz.” Da mesma forma João conseguiu relaxar um pouco em relação a sexualidade e também encontrou em Rose alguém que o apoiava nas suas decisões relacionadas à identidade. (LOMANDO, 2014, p. 98)

Outro elemento que parece sustentar mudanças e fazer com que Flambeau e a maior parte das mulheres presentes no “Só para elas”, bem como algumas das interlocutoras, permaneça na relação é o amor. Estar apaixonada aparece como um elemento fundamental nesse processo.

Flambeau: E nós fomos conversando para se conhecer ainda mais e então ele me contou que era trans e por incrível que pareça eu não fiquei surpresa é foi tipo assim ‘tá bom, é trans? Normal’, mas tipo sabe o amor que eu tava eu já sentia por ele naquele momento ele se multiplicou por que eu tava conhecendo alguém que tava te abrindo de verdade pra mim. Porque ele podia muito bem passar um tempo tempão comigo, se fazendo de menina de uma lésbica boyzinho e não me contar, até porque a gente tava se conhecendo a gente começou a namorar muito rápido, mas a gente tava se conhecendo, ele podia ter escondido isso de mim por alguns meses, mas não ele decidiu me contar logo de cara porque ele não queria ter mais uma decepção na vida dele, então quando ele me contou eu fiquei tipo alucinada por que conhecer o mundo trans porque até então eu não fazia ideia de que isso existia para mim era só gay lésbica e travesti, então eu fui atrás de pesquisar e ele me colocou, foi ele quem me indicou o grupo do Facebook eu fui atrás de vídeo, de tudo e quanto mais eu pesquisava mais eu me apaixonava por aquele homem maravilhoso que tava te mostrando para mim, que tava mostrando o mundo dele para mim e hoje eu posso dizer que eu sou completamente apaixonada e eu amo muito o meu, meu amorzinho e hoje eu não vejo ele como um homem trans ou um homem em construção eu vejo ele como um homem, vejo ele como meu noivo como meu namorado como amor da minha vida, porque eu nunca me prendi a rótulos e [...]depois de aprender mais sobre o que ele sente sobre o próprio corpo eu aprendi a amá-lo e a entender todas as fases dele. (Flambeau, 22 de junho de 2017)

Convém atentar, a partir dos relatos de Flambeau, que aceitar-se apaixonada por Maracujá foi um processo muito mais conflituoso para ela do que o fato de saber da transexualidade dele. Maracujá se posicionar enquanto homem trans para ela aparece aqui como “prova de amor”. E, em reciprocidade a isso, em sua paixão, no apaixonar-se parece haver um fascínio também pela transexualidade, pelas possibilidades existenciais por ela apresentada. Além disso, nota-se uma valorização do parceiro por ele ser trans, talvez pelo reconhecimento da “coragem de ser quem se é”, tendo em vista as dificuldades que circunscrevem os corpos trans em uma sociedade cisheteronormativa.

Flambeau, por várias vezes, aciona a paixão, o amor como forma de se engajar nesse relacionamento, o que a fez repensar suas práticas, sobretudo, sexuais, uma vez que ela vinha de trajetórias traçadas a partir de interações cishétero afetivo-sexuais.

O amor também aparece, em um primeiro momento, como motivo para ficar, para permanecer na relação na trajetória de Prepona, que veremos mais adiante, e na de Manacá, como fonte que legitima sua escolha em se manter no relacionamento perante a “desaprovação” da família.

Heilborn (1999), em seu texto sobre trajetórias e carreiras amorosas e sexuais de homens e mulheres de camadas médias e populares da sociedade, indica a centralidade do amor nas carreiras femininas:

As representações sobre o lugar do amor nos relacionamentos são unânimes: é imprescindível. Para esse conjunto de mulheres, é como se o amor validasse o sexo. [...] A expectativa, socialmente fabricada pelos roteiros de gênero, é de que a atividade sexual é um canal para afetos que devem perdurar para além do ato. (HEILBORN, 1999, p. 50)

Diante do exposto, se pode perceber que a trajetória de Flambeau flui, não sem conflitos, por entre roteiros que ela incorpora e descarta. De uma heterossexualidade compulsória, passa por uma possível lesbianidade e se encontra em um não lugar por escolha, uma vez que as percepções de si relatadas pela interlocutora não são contempladas pelos rótulos ou designações sexuais estabelecidas. No tocante ao que dita com quem ela se relaciona, o amor e o desejo parecem ser seus únicos guias ao se tratar dos corpos com os quais ela interage. Com isso, quando busquei estabelecer alguma linearidade para as percepções de si e trajetórias afetivo-sexuais de Flambeau, ela me surpreende mais uma vez, mostrando que o desejo é rio que corre e que não cabe em caixas, que não segue linhas, não é fixo.

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais. (LOURO, 2000, p. 09)

5.2 Prepona: “Na verdade permaneci na relação de fato, por ser bi”

Prepona, 35 anos de idade, se definia naquele momento como bissexual. Trabalhava na área de gestão de políticas públicas na cidade de João Pessoa e morava na capital paraibana, advinda de Olinda, sua cidade natal. “*Então eu morava com minha mãe em Olinda-PE, conheci Canela me apaixonei e vim o JP*”. Estava casada há quase três anos em um relacionamento que durava quase sete anos. Conheceu seu companheiro antes da transição e antes de ele se entender enquanto homem trans. Segundo ela, foi ela, Prepona, quem o

ajudou no processo de autorreconhecimento, que foi gradual e se iniciou desde o primeiro ano da relação. Ele não fazia uso de testosterona devido à “questões de saúde”.

Prepona: Quando me apaixonei por Canela, ele não se reconhecia como homem trans. Eu quem o ajudei a se entender e se ver como homem trans... pq eu estudava sobre o assunto... o tema da lesbianidade foi temática do meu TCC da graduação [...] (Prepona, 03 de agosto de 2017)

Pensando o início de sua vida afetivo-sexual, Prepona conta que ela se inaugurou com garotos, “*na adolescência como todas as meninas vivia a heteronormatividade compulsória.*”. Entretanto, afirmou que o primeiro relacionamento efetivo com homens cis foi aos 18 anos. Aos 20 anos de idade teve sua primeira relação afetivo-sexual com mulheres. Foi quando sua melhor amiga se declarou apaixonada por ela. Prepona disse achar que a amiga estava confundindo as coisas, até que, certa noite, enquanto uma dormia na casa da outra, a então amiga começou a tocá-la. “*Na medida em q sinto o toque dela penso... qual a diferença? Pq não? Meu corpo estava reagindo... com mais desejo ainda. Então começamos a nos beijar, fizemos amor e iniciamos um namoro*” (Prepona, 03 de agosto de 2017).

É interessante notar como Prepona vai acionando categorias e as criando, demonstrando uma familiaridade com termos teóricos bastante acadêmicos e politizados. Possui muitas vezes os mesmos referenciais teóricos utilizados de base para as discussões levantadas neste trabalho. O que é distinto, por exemplo, de Flambeau, que utiliza algumas categorias que foi aprendendo e incorporando a partir de suas vivências. Prepona vai além disso, uma vez que reflete e incorpora categorias e discursos a partir da academia. Sua formação em ciências sociais e o fato de trabalhar na área de direitos humanos propulsionam um discurso mais elaborado e pautado na linguagem mais acadêmica, gerando, assim, uma construção argumentativa bastante semelhante à de trabalhos das ciências sociais, referencial acadêmico presente em seu percurso educacional.

Quanto ao namoro que se iniciou naquela noite com sua melhor amiga, Prepona diz ter sido um relacionamento complicado, com término frequentes, e que durante os termos ela ficava com meninos.

Prepona: Não me sentia lésbica. Foi um relacionamento complicado, acabávamos sempre, quando não estava com ela... namorava meninos. (Prepona, 03 de agosto de 2017)

Heilborn e Cabral (2006), a partir da pesquisa GRAVAD, ao focar os percursos e processos da socialização dos jovens, passaram a analisar a homossexualidade em construção, o que permitiu a aproximação e o estudo das trajetórias de jovens que elas classificaram enquanto homo-bissexuais. Diante disso, as autoras apontam que ao considerar um conjunto de práticas e não as identidades acionadas, as trajetórias de jovens, sobretudo mulheres, tendem mais à bissexualidade do que à homossexualidade.

Indo de encontro com o apontado pelas autoras, a trajetória de Prepona pode ser encarada como permeada de práticas bissexuais, no sentido de sua carreira se iniciar por meio de uma heterossexualidade irrefletida, passando às práticas homoeróticas e, nos momentos de hiato desse primeiro relacionamento com uma mulher, se relacionava com garotos. Entretanto, existiu um momento em sua trajetória que estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais exclusivamente com mulheres passou a fazer mais sentido, a corresponder melhor às suas expectativas.

Prepona: E sempre me dizia não gosto de meninas... gosto desta aq, até q um dia me perguntei... Se eu gosto dela... pq não posso gostar de qualquer outra mulher. Então comecei a olhar as mulheres de forma diferente e tive uma namorada que vivemos nosso namoro como qualquer outro, tipo na sala com todo mundo em casa, de mãos dadas na rua [...] a levei na minha casa apresentei como namorada a minha família [...]. Quando este namoro acabou percebi que podia viver com mulheres sem problemas. Passei a namorar só meninas (a partir dos 22 anos)... pq percebi que os namoros com meninas correspondiam melhor as minhas expectativas, sempre gostei das meninas mais masculinizadas... me atraíam mais. (Prepona, 3 de agosto de 2017)

A experiência de Prepona se deu de maneira distinta da de Flambeau, mesmo tendo começado de forma semelhante, no que diz respeito aos relacionamentos compulsórios com homens. Aqui, entretanto, o apoio da família e do meio, que não apareceu em nenhum momento como sendo hostil, mostra-se importante. Esse apoio talvez seja devido ao fato de, como apontou a interlocutora, ter tido uma criação autônoma por parte da mãe, de modo que “*não dávamos muita satisfação do que fazíamos*”. Seja como for, a posição da família parece ter sido importante para essa aparentemente tranquila convivência com o fato de se (re)conhecer a partir de uma identificação enquanto mulher lésbica ou preferencialmente lésbica. Diante disso, Prepona passou a acionar uma identidade lésbica, de modo a deslocar suas práticas e roteiros sexuais, bem como suas percepções de si, para longe das exigências estipuladas pela heteronorma e, com isso, das expectativas atribuídas socialmente ao seu papel de gênero.

Chama a atenção na trajetória afetivo sexual de Prepona que ela se iniciou com inclinações bissexuais, depois se voltou para a homossexualidade, roteiro performado por vários anos, até que se inclinou novamente para a bissexualidade, diante do seu atual relacionamento. Segundo ela, quando seu marido se apresentou como homem trans ela passou a questionar sua identidade lésbica.

Prepona: o que é mais importante manter minha identidade que construí... ou viver uma relação de amor na qual acredito? Decidi mais uma vez me reinventar... pq percebi q não tinha problemas com homens. Assim como minha identidade lésbica foi um processo de construção, precisei passei por um processo de desconstrução desta identidade, de desapegar dela... não foi fácil, era como se a identidade lésbica fizesse parte de quem eu sou, e deixar isso foi bem difícil... sempre fui alguém que viveu no sentido de discurso e pratica de vida precisam condizer... não gosto de pregar uma coisa e viver outra, ai que comecei a questionar minha própria identidade. Uma mulher tem a identidade lésbica por que se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres, mas isso também é a mesma explicação para a orientação sexual, então o que identidade e o que é orientação? Então eu vi que eu era muito mais que uma mulher lésbica. Na universidade me envolvi com um cara, mas como disse antes, não correspondeu minhas expectativas, mas serviu p me fazer compreender que sexualmente não tinha dificuldades com homens, e de certa forma foi o que me fez refletir em não deixar de viver minha relação com meu marido. Digo que minha identidade ainda esta em processo de construção..., mas já consigo me ver como uma pessoa bissexual, que vive um relacionamento transheterossexual ²⁵. (Prepona, 04 de agosto de 2017).

O questionamento desse processo de aglutinação da identidade a orientação sexual, que caracteriza o conflito inicial de Prepona sobre aonde “termina” sua identidade e “começa” a sua orientação sexual, ou ainda, até que ponto elas podem ou não dialogar sem se sobrepor, pode ser compreendido através de Gomide (2007), ao pensar a formação da identidade lésbica.

Uma parcela da identidade de um indivíduo acaba aparecendo socialmente como uma característica dominante da personalidade, e toda uma construção social é feita sobre esses determinados atos ou características globalmente denominados ‘orientação sexual’. (GOMIDE, 2007, p. 408)

Além disso, a fala de Prepona possibilita uma conveniente reflexão acerca da relação entre amor e desejo no campo das sexualidades. A questão da sexualidade costuma ser creditada à ordem do desejo, mas talvez essas mulheres nos falem que é o amor que determina

²⁵ Como já indicado anteriormente, esta é uma denominação elaborada por ela para classificar seu relacionamento atual, onde acha imprescindível explicitar que a configuração do casal se baseia em um relacionamento entre uma mulher cis e um homem trans “*se trata de um homem trans e não de um cis e uma mulher cis, sendo assim penso que é uma nomenclatura nova, uma realidade diferente, e não acho justo “enquadrar” uma relação diferente em conceitos que não me representam*” (Prepona, 04 de agosto de 2017).

o desejo e não o contrário. Num primeiro momento, o amor é acionado como motivo e estímulo para se (re)pensar as percepções que a interlocutora tem de si.

Portanto, a fala de Prepona reflete o cenário cultural no qual ela está inserida, de forma que ela elabora para, em seguida, questionar sua orientação sexual enquanto identidade, enquanto verdade sobre si mesma. Foucault (1988) aponta isso como uma característica típica do indivíduo moderno, essa capacidade de produzir e emitir um discurso de verdade sobre si a partir do sexo. Entretanto, os movimentos de Prepona questionam essa verdade única e absoluta; talvez a fluidez por entre as sexualidades e a capacidade de reflexão sobre elas permitam que agora, para ela, essa verdade seja reinventada e plural.

Com isso, ao questionar sua orientação sexual, Prepona questiona a si mesma, suas autopercepções e os roteiros desenvolvidos e reiterados até o momento, de modo a reavaliar suas experiências passadas à luz das experiências presentes e as ressignificar. Mostra, assim, a sua capacidade reflexiva no tocante a suas performances, ou seja, o fato de poder pensar sobre as próprias escolhas e posicionamentos, não reproduzindo o que os outros, ou mesmo o que ela própria em outro momento, dizem a seu respeito.

Entretanto, essa transição de roteiros elaborada por ela não se deu de forma totalmente fluida e sem reflexões. Como ela mesma apontou, não foi fácil “desapegar” dessa identidade e a carreira amorosa sexual que elaborou e acionou durante vários anos de sua trajetória. A interlocutora trouxe falas nas quais apontou que em alguns momentos ainda se percebia enquanto lésbica, entretanto esse posicionamento era problematizado diante do seu “objeto” de afeto e desejo. *“Minha vivencia e meu discurso precisam dialogar... sendo assim, não tem como me identificar como lésbica, se a pessoa com quem eu estou não é uma mulher...”* (Prepona, 6 de setembro de 2017).

Meses mais tarde, Prepona veio até mim para partilhar uma nova elaboração que fez sobre si, sobre essa identidade que classificou como “em processo de construção”, agora a trazendo como algo mais consolidado e refletido a partir de suas vivências, e não mais tendo como condição desse roteiro o seu atual relacionamento.

Prepona: Bianca, creio que temos novos diálogos a fazer, quando tiveres on line... me avisa... estou em um processo de descoberta... e penso ser pertinente a tua pesquisa. [...] Tínhamos dialogado que eu me identificava como bissexual, a medida que meu esposo é homem trans, mais aí dialogando em um encontro sobre bissexualidades, descobri que na verdade permaneci na relação de fato, por ser bi.

Eu: Entendi, tu pode falar um pouquinho mais sobre, tipo, como percebeu isso, o que te fez perceber isso?

Prepona: Então como te disse... estava neste encontro com várias pessoas bis e ouvindo suas explicações, experiências, percebi que dialogava total comigo e me reconheci. Fiz uma reflexão com todas as relações q já tive... e vi o quando a bifobia internalizada na construção da minha identidade enquanto lésbica me distanciou da possibilidade de reconhecer minha bissexualidade, até pq todos os pejorativos negativos são atribuído a população bi foi muito interessante reconhecer o quão nocivo é a internalização das fobias, o quanto isso anula.

Eu: Entendi... tu acha que se já não fosse bi, talvez você não teria permanecido na relação com teu marido?

Prepona: penso que se não tivesse algum nível de abertura a estar com homem, a possibilidade de estar com um homem trans, seria ainda mais complicada, possibilitando realmente o não estar. Achava q era pertinente p sua pesquisa, já de certa forma, eu sou um de seus objetos de estudo, e penso que esta mudança, altera tudo. (Prepona, 26 de setembro de 2017)

Como indicou Prepona, o fato de ouvir experiências análogas à sua parece ter sido fundamental para a consolidação das percepções de si e de sua sexualidade enquanto mulher bissexual. Processo semelhante ao que ocorreu com as participantes do “Só para elas”. Desta forma, desenvolver essa reflexão, possibilitada pelo encontro de pessoas bissexuais do qual participou, a permitiu reelaborar a compreensão de que permanecer em seu relacionamento com Canela se deu de fato devido a essa abertura, essa flexibilização do seu desejo, que durante sua carreira enquanto mulher lésbica foi excluída. Ao revisitar suas trajetórias afetivo-sexuais a “figura masculina” aparece enquanto objeto de desejo, e não como elaborada anteriormente, quando disse que se flexibilizou diante da “nova” expressão de gênero do parceiro.

Sobre a constituição da relação em si diante da transexualidade de Maracujá, a interlocutora indicou que os questionamentos e reelaborações de sua identidade lésbica a partir do trânsito do parceiro e a revisita de suas trajetórias afetivo-sexuais a fizeram notar que seu problema não era com os homens e sim com o machismo.

Prepona: Não queria o machismo na minha vida. E este não estava condicionado ao fato de alguém ser homem ou mulher... até pq me envolvi com mulheres bem machistas e por isso q os relacionamentos tinham chegado ao fim. Sempre dialogamos sobre isso meu marido e eu, e digo a ele que o fato dele ser um homem trans não me impede de estar com ele... até pq ele sempre foi aquilo de masculinidade construído socialmente. Sempre falo da importância de dialogar com outros homens trans na construção de uma nova masculinidade sem machismo e sem sexismo e sem misoginia, q p ser homem não precisam reforçar o q há de mais nocivo deles. (Prepona, 03 de agosto de 2017)

Ao questionar sobre o que ela quis dizer acerca de sua fala sobre a masculinidade construída socialmente, ela indicou que

Prepona: Quis dizer que de fato ele sempre foi bem masculino... tipo nas iniciativas, na forma de falar, de se comportar, de se relacionar com as pessoas de forma geral... até a forma de pensar dele sempre foi totalmente masculina, ele foi socializado como um menino, o que não me faz entender o por que da exclusão de toda a sua família... (Prepona, 04 de agosto de 2017)

A fala de Prepona se apresentou muito no sentido de perceber que se relacionar com homens não era a questão em si, e sim se relacionar com pessoas machistas, pois, como indicado por ela, o machismo pode estar presente inclusive em relacionamentos entre duas mulheres. Deste modo, a figura masculina nunca foi uma questão para ela, pois, como indicou, a performance de Maracujá sempre foi masculina. O que ela refutava em todos os relacionamentos estabelecidos era justamente o machismo e, com isso, uma postura que inferioriza e subjuga a mulher.

No tocante à família e como ela percebia o casal, a indiferença vivida por Prepona, no tocante à carreira amorosa e sexual, no sentido em que o assunto não era discutido, ganhou outros contornos diante de seu relacionamento com Canela, quando o casal foi invisibilizado e deslegitimado enquanto casal.

Prepona: Minha mãe sempre nos criou de forma autônoma e autosuficientes, somos 5 filh@s, ou seja não dávamos muita satisfação do que fazíamos. Família p mim sempre se resumiu a mãe e irmãos/ã. Quando namorei com meninos, levei em casa, quando namorei com meninas tb levei em casa, sem muitas explicações. [...] mais em relação a dialogar, a saber como a relação está, quais os nossos desafios enquanto casal... não rola, nunca rolou em relação a nada. E eu sempre fui na minha... sou a escuta... divido pouco, só se for perguntada... pq perguntar parece querer saber... se não se pergunta, entendo que não há interesse. Tenho umas tias que promovem uns eventos no são joão no sítio dela, a três anos que participamos... mas é um embate sempre, do tipo, aquela é fulana esposa (irmão de Prepona), por exemplo, e no meu caso e de Canela, são amigas...quando ouvimos isso.... parece que deu um bum dentro dele e de mim... e ai nos metemos na conversa, dizemos q não éramos nada de amig@s... que éramos um casal, inclusive casad@s oficialmente, e ela se desculpou, perguntou como foi o casamento, e hoje só nos apresenta como casal, e agora que Canela assumiu seu nome social, só o chamam por ele. (Prepona, 04 de agosto de 2017)

Essa postura de Prepona dialoga diretamente com a postura que o casal passa a desenvolver quando se institui enquanto casal diante do “mundo externo”, conforme indicam Peixoto e Heilborn (2016):

No casamento, os parceiros devem partilhar das decisões e condutas cotidianas. Dessa forma, a identidade de um encontra-se combinada à do outro. No elenco de “outros significativos”, o parceiro se torna o privilegiado, em torno do qual as demais relações são reconfiguradas. Tensões com parentes, amigos antigos ou por convicções religiosas são compreendidas como dados objetivos, externos à relação,

e não como subjetivos, fruto desse intenso processo de mudança de identidade. (PIXOTO; HEILBORN, 2016, p. 49)

Ainda sobre o relacionamento de Prepona e Canela, quando questionei sobre as mudanças vivenciadas pelo casal a partir da nova percepção de si de Canela, a primeira resposta apontada por ela foi o afastamento ainda maior por parte de família de Canela “*a família dele se afastou ainda mais, estamos ainda mais apenas nós mesm@s*”. Assim sendo, a família aparece enquanto uma instituição ou ainda um dispositivo que proclama a heteronormatividade, de modo a classificar as conjugalidades e as performances como aceitáveis ou não.

Ao pensar o reconhecimento desse casal no âmbito social mais amplo, assim como Maracujá, pelo fato de Canela não fazer o uso de hormônios, sua invisibilidade, ou ainda, sua passabilidade masculina não ocorre em todos os lugares e/ou com todas as pessoas. Todavia, neste caso, outras questões circunscrevem essa transconjugalidade. O fato de Prepona ter acionado uma identidade lésbica por muitos anos, acionado politicamente essa performance identitária e hoje se relacionar afetivo-sexualmente com um homem trans, trouxeram algumas críticas do meio ou contexto cultural no qual estava inserida. Nesse sentido, a mudança percebida por ela diante dessa reconfiguração do casal questiona seu arranjo conjugal devido ao seu engajamento social e político no tocante as questões de gênero, sobretudo da mulher.

Prepona: E sim... mudou a forma de olharem para gente, tenho passado por alguns preconceitos, pois as pessoas confundem masculinidade com machismo, como se o fato dele reconhecer-se como homem trans, automaticamente fosse o transformar no homem mais machista, misogêno, e agressor de mulheres, como se isso fosse intrínseco a condição de homem. É como se existisse um problema me falado com outras linguagens que eu, por ser tão empoderada, não deveria estar me relacionando com um homem, e muito menos com alguém que foi socializada como mulher, que sabe o que as mulheres passam, e ainda assim, quer ser um homem... na verdade ouvi isso de uma pessoa próxima. (Prepona, 06 de setembro de 2017)

Desse modo, a elaboração das experiências e a inteligibilidade dos desejos e afetos de Prepona ocorreram em um ambiente e em meio à discussões sobre gênero, ao que tudo indica altamente intelectualizados e politizados. O que ao mesmo tempo promoveu a possibilidade de posições mais refletidas e problematizadas, por parte da interlocutora, também a colocou enquanto alvo de críticas no tocante ao seu posicionamento político diante de seus deslocamentos.

Ao longo de sua trajetória amorosa e sexual, a interlocutora acionou algumas categorias, ou ainda identidades sexuais fixas, performadas por ela, iniciando a partir de uma heterossexualidade compulsória, como indicado por ela. “Em seguida”, existiu um momento “sem classificação”, no qual indicou namorar uma menina e nos momentos de término ficava com meninos. Depois, quando percebeu que se relacionar com mulheres atendia melhor suas expectativas, passou a se relacionar exclusivamente com mulheres, momento em que acionou e se fixou em uma identidade lésbica, enquanto mulher lésbica. A possibilidade de reflexão acerca da bissexualidade se deu a partir de seu atual relacionamento, quando seu parceiro se percebeu como homem trans. O fato de ter que apresentar um discurso que dialogasse com sua prática impulsionou as reflexões de Prepona sobre ela mesma, pondo em cheque a sua identidade lésbica, como ela indicou. Essas primeiras inquietações, esse primeiro momento a levou a considerar que se entendia como bissexual, devido à transição do parceiro. Até que, em um evento de vida no qual tomou consciência de experiências análogas às suas, compreendeu que o fato de ter se fixado enquanto mulher lésbica a impossibilitava de se perceber enquanto bissexual.

Dito isso, a trajetória de Prepona fluiu por diferentes percepções do desejo. Entretanto, a interlocutora as leu e interpretou a partir de identidades fixas: heterossexual, lésbica, bissexual, mesmo que a partir da percepção de sua bissexualidade ela tenha percebido a possibilidade da exclusão, da fobia que identidades fixas possam gerar. Porém, acionar identidade é sua forma de se apresentar socialmente. Sobretudo, essa é a forma como ela se posiciona, a fim de que ela mesma e seu entorno, o recorte social no qual se insere, possa lê-la, compreende-la.

Como indica Louro (2000), a partir de uma leitura de Jeffrey Weeks (1995, p. 89, apud LOURO, 2000, p. 10)

[...] podemos reconhecer, teoricamente, que nossos desejos e interesses individuais e nossos múltiplos pertencimentos sociais possam nos "empurrar" em várias direções; no entanto, nós "tememos a incerteza, o desconhecido, a ameaça de dissolução que implica não ter uma identidade fixa"; por isso, tentamos fixar uma identidade, afirmando que o que somos agora é o que, na verdade, sempre fomos. Precisamos de algo que dê um fundamento para nossas ações e, então, construímos nossas "narrativas pessoais", nossas biografias de uma forma que lhes garanta coerência. (LOURO, 2000, p. 10)

5.3 Samuelis: “*Eu sou pan*♥”

Samuelis estudava psicologia e estava com 25 anos de idade. Ela naquele momento, se definiu como pansexual. Nasceu em São Paulo, mas anos depois se mudou para Minas Gerais com a mãe. Residia em uma pequena cidade no oeste mineiro, onde passou a morar devido ao curso de graduação que iniciou. Ela e Carvalho namoravam há três anos e estavam morando juntos, entretanto, quando se conhecerem, por meio de um aplicativo de relacionamentos, eles moravam em estados diferentes. Ao iniciar o relacionamento, Carvalho se mudou para cidade onde Samuelis residia. Naquele momento, Carvalho não havia realizado a transição nem se entendia enquanto homem trans. Ele iniciou o uso da testosterona havia cerca de um ano.

Eu: E tu quando conheceu o Carvalho, sabia que ele era trans?

Samuelis: Eu o conheci pré -T. Depois ele me disse que era não binário. E um tempinho depois ele teve essa autoconsciência que era trans, e desde sempre eu estive do lado dele, não é fácil, mas tem valido a pena.

Eu: Então tu acompanhou todo esse processo? Como foi isso pra vc?

Samuelis: Acompanhei... tá sendo.... só há 5 meses *que o Carvalho está transicionando*. (Samuelis, 21 de junho de 2017)

Como indicado pela interlocutora, o trânsito realizado por seu parceiro se deu de forma gradual, no caso dele, passando pelo não binarismo. Diante disso, Samuelis indicou as principais questões acionadas ao longo desse trânsito, no sentido de mudanças de uma performance para outra, tanto no tocante ao trato entre eles como à percepção social do casal.

Samuelis: Assim que a gente começou a se relacionar ele me disse que era não binário. Não sabia oq era, ele me explicou, eu li sobre isso é a partir dali comecei a tratá-lo tanto no masculino quanto no feminino. A medida que o tempo foi passando, eu comecei a notar que ele se sentia mais confortável em ser tratado apenas no masculino, e comecei a fazer isso. Daí um dia a gente estava conversando sobre transgeneridade, lemos algumas coisas sobre disforia e logo depois ele me disse que tinha se auto-reconhecido como trans. Então na real, não foi uma surpresa pra mim, eu meio que já sabia... Ou já esperava. Acredito que o mais difícil tenha sido na lida diária desse auto- reconhecimento. Pq mesmo antes eu só tratando ele no masculino, existiam coisas que ele não se importava como por exemplo, se alguém da rua o tratasse no feminino, ele achava normal. Quando ele se reconheceu trans ele começou a sofrer mais intensamente quando isso acontecia, então eu demorei um pouquinho para assimilar como ele estava se posicionando e quão importante era para ele que esse posicionamento fosse reconhecido. Mas isso tudo foi meio que interno, a medida que eu sentia alguma dificuldade para lidar com ele, eu ia estudando pesquisando pra conseguir lidar bem, conversava com ele e tals... Mas ao meu ver foi um processo de adaptação mútua, é muito esclarecida. Pq ambos estavam dispostos a fazer dar certo tanto em relação a transição dele quanto a nossa permanência na nossa relação a partir das nossas mudanças, sabe... (Samuelis, 12 de julho de 2017)

Diante dessa fala, se pode perceber o processo de adequação de Samuelis diante da nova realidade vivenciada pelo casal, movimento que foi percebido por ela e teve como base para o diálogo e a compreensão do que vinha sendo vivido as leituras acerca das questões de gênero e sexualidade. Esse mesmo processo se deu diante da compreensão e elaboração da percepção de Samuelis enquanto pansexual. A partir de sua vivência, a interlocutora procurou bases teóricas para sustentar e dar inteligibilidade social ao que passava a ser vivenciado.

No tocante aos primeiros contatos entre eles, indaguei como era a apresentação de Carvalho no aplicativo por onde se conheceram, a fim de compreender não só como se deu o início de seu relacionamento, mas, principalmente, como ela percebia a si, compreendia e performava sua sexualidade.

Samuelis: Como uma menina. Eu sou pan. ❤️

Eu: Como foi esse processo de vc se entender como pan?

Samuelis: Antes do Carvalho, eu tive um casinho com uma pessoa que tinha dúvidas se era ou não trans. A partir daí eu comecei a me questionar se eu era bi ou se eu era pan. Nunca tive restrições em me relacionar com pessoas as reduzindo a genitália ou rótulo. Daí surgiu o entendimento de que isso era ser pan. (Samuelis, 12 de julho de 2017)

A (re)elaboração das percepções que Samuelis tem de si se mostra impulsionada por um breve relacionamento que teve, desencadeando o entendimento da sua sexualidade enquanto pan e não mais bissexual. Entretanto, ao questionar tempos depois sobre esse processo, a interlocutora disse que naquele momento se perceber pan se deu de forma superficial e baseada no que “ouvia” através das redes sociais e no YouTube, mas que ao ter acesso a teorias de gênero essa compreensão se aprofundou.

Samuelis: Então, me entendi como pan pq comecei a perceber que eu Não compactuava com o Binarismo de gênero, uma vez pensando assim, não faria sentido ser bi, entende? Já que acredito no gênero além do Binarismo de homem e mulher.

Eu: E como foi que tu entendeu tudo isso? Teve acesso as informações que gerarem essa compreensão?

Samuelis: Sim, foi lendo sobre gênero que cheguei a essa conclusão, que não fazia sentido ser bi, já que eu acreditava em mais gêneros, lendo coisas sobre trans, gênero e teoria queer.

Eu: E como e pq vc chegou a essas teorias?

Samuelis: Pesquisando sobre o assunto. O fato de estar escrevendo sobre gênero me fez buscar esse tipo de coisa e ter acesso à essas teorias. (Samuelis, 25 de Julho de 2018)

O processo de compreensão das percepções de si e de sua sexualidade realizado por Samuelis se deu em diferentes momentos e a partir de diferentes escalas, como ela apontou.

Se relacionar com uma pessoa que possivelmente se identificaria enquanto pessoa trans a despertou para outras nuances de gêneros, percepção esta que só foi incorporada meses depois, em decorrência da reflexão feita diante de teorias que dialogavam sobre as questões de gênero.

Segundo Medeiros (2015):

[...] nos dias de hoje, encontram-se, cada vez mais, jovens dispensando rótulos ou evocando noções de pansexualidade para se definir sexualmente. Com esses enunciados pós-modernos, pôde-se apreender que a pansexualidade se caracteriza discursivamente por um rompimento com o binário masculino/feminino da bissexualidade [...] (MEDEIROS, 2015, p. 3)

Pensando o início de sua trajetória afetivo-sexual, Samuelis já a elaborava a partir de um viés mais amplo, no qual o desejo por meninos e meninas se dava de forma bastante clara, diferente de Prepona e Flambeau, que tiveram o início marcado pela heterossexualidade compulsória.

Samuelis: Eu sempre tive atração e afetividade por ambos os gêneros, entretanto, comecei minha vida de relacionamentos com meninos, depois de um tempo quando já estava na faculdade que comecei a me relacionar com meninas. Eu sempre adotava um padrão de comportamento, determinada época eu ficava majoritariamente com meninos, e outra época majoritariamente com meninas. Basicamente é isso, minha trajetória de relacionamentos não tem muitas nuances. (Samuelis, 26 de outubro de 2017)

Com isso, Samuelis iniciou sua trajetória afetivo-sexual se sentindo atraída tanto por meninos quanto por meninas, entretanto apontou que os primeiros relacionamentos foram com garotos. Ao questionar o por que das práticas bissexuais se concretizarem somente após o ingresso na faculdade, mesmo já percebendo esse fluxo de desejo desde o início de sua carreira amorosa e sexual, ela apontou como resposta o contexto que estava inserida antes desse deslocamento: *“Antes da faculdade meu meio social eram pessoas religiosas”*. E reitera: *“Na faculdade pq foi onde eu me senti mais acolhida, mais pertencente a um grupo, não me sentia deslocada lá, fui bem acolhida em relação à minha sexualidade”* (Samuelis, 26 de outubro de 2017).

A mudança de cenário, do contexto na qual estava inserida, proporcionou a Samuelis um espaço no qual ela se sentia mais acolhida para deixar fluir suas performances e desejos afetivo-sexuais, o que possibilitou o acionamento de práticas que ela identificou como

bissexuais, dando assim vazão aos desejos, já elaborados desde as suas primeiras inclinações afetivo-sexuais.

Relacionar-se com homens e mulheres fez com que as percepções sociais que Samuelis tinha em seu atual engajamento afetivo-sexual não gerassem questões para a interlocutora: “*já tô acostumada à essa visão da sociedade sobre mim... Kkk*”, disse ela. De todo modo, o casal era então percebido socialmente enquanto um casal cisheterossexual, o que silenciava qualquer tipo de contestação de sua legitimidade social. Entretanto, para se obter esses status, existiu um percurso até que o acionamento dessa percepção social pudesse ocorrer. Devido a isso, perguntei a Samuelis sobre as mudanças que ela tinha percebido ao longo desse processo, tanto externamente quanto sobre a dinâmica sexual do casal.

Samuelis: 5 meses em homonização. Mudou bastante coisa sim. Principalmente pq mudou a forma como ele se enxerga e como quer ser enxergado pelo mundo. Então a dinâmica muda. Difícil relatar especificamente cada mudança. [...] O nosso sexo não mudou. O Carvalho tem lidado bem com as mudanças do corpo e ele tem uma noção de corporiedade fora da caixinha. Então o sexo continua bem parecido. (Samuelis, 11 de agosto de 2017)

Ter a performance de gênero do parceiro reconhecida socialmente é uma questão recorrente tanto nas falas das mulheres do “Só para eles”, como na das interlocutoras, uma vez que esse processo atinge diretamente o casal. Para além disso, no tocante à dinâmica interna, das práticas sexuais, a interlocutora apontou que o fato de Carvalho ter “*tem uma noção de corporiedade fora da caixinha*” possibilitou uma maior interação com o corpo do parceiro, que não se estabeleceu de maneira muito distinta do que já ocorria antes de sua transição.

Essa “livre” interação com o corpo do parceiro, também presente na fala de Flambeau, não é um ponto recorrente ao se tratar nas conjugalidades trans, de forma que esta aparece de forma distinta na maior parte da literatura, bem como dos casais que participaram da pesquisa realizada por Lomando (2014).

Assim como descrito na literatura, as experiências sexuais foram um campo tramado por advertências, negociações e de novas possibilidades para esses casais. Todos os entrevistados transexuais relataram restrições quanto aos locais que não eram permitidos na exploração sexual. (LOMANDO, 2014, p. 106)

Diante do exposto, o que se pode perceber é que o atual relacionamento de Samuelis não a fez refletir ou reelaborar seus roteiros e práticas sexuais, tampouco suas percepções de

si, uma vez que ela já o tinha feito antes de iniciar essa relação. Conhecer alguém que possivelmente se identificava como transexual a fez questionar a binariedade de suas percepções de gênero e performance. De maneira que saber ou não da transexualidade de seu companheiro não “fez diferença” para a performance que ela acionava, pois, independentemente do trânsito por ele realizado, ele já estava incluso no campo das possibilidades dos desejos sexuais e afetivos de Samuelis.

Deste modo, as percepções sexuais que Samuelis tem e performa se dão a partir de uma

[...] prática construída na pluralidade do desejo e na diversidade das experiências do prazer. Isso é válido para todas as “orientações sexuais”, e definição que serve ainda para a retirada da heterossexualidade do reino do inato, do natural, inserindo-a também no reino das práticas construídas na diversidade do desejo, situando-a na cultura e na história. O que é politicamente insuportável nas práticas sexuais que não seguem os padrões heteronormativos é sua dissidência na escolha, a transgressão na construção de si por parte daqueles que, com outras preferências, subvertem os ditames da “heterossexualidade obrigatória” – razão pela qual se pretende domesticá-las como “orientações” naturalizadas. (DESOUZA FILHO, 2009, p. 66)

5.4 Restinga: “Acho que sou pan, mas sou heteroafetiva”

Restinga, 27 anos, estudava Pedagogia e morava com a família em uma cidade no interior de Minas Gerais. Ela milita junto ao movimento transfeminista e de transnegritude. Restinga é uma mulher trans negra e está em um relacionamento à distância há quase dois anos com Cambará. Eles se conheceram a partir de um grupo de Whatsapp voltado para o público LGBTQ+, e ambos sabiam da transexualidade um do outro.

Restinga conta que o seu primeiro namoro se deu com um rapaz trans, relacionamento que durou por volta de oito meses e foi marcado por agressões verbais e psicológicas, além de traições; “*mas foi uma experiência. Me deixei iludir pq era extremamente romantizada e bobinha inesperiente*” (Restinga, 03 de agosto de 2017).

Assim, Restinga inaugurou sua trajetória afetivo-sexual, a partir de um relacionamento com um homem trans, marcado por agressões. Contudo, mesmo sendo a pessoa que sofre a violência, Restinga de certa forma se responsabiliza por permanecer no relacionamento, por ser “romantizada e inexperiente”. O fato de Restinga ter se submetido e permanecido nesse relacionamento, permeado por situações que a violentavam e a diminuíam, se relaciona às desigualdades de gênero historicamente produzidas, nas quais o masculino vem sendo construído enquanto superior, em oposição ao feminino. Isso indica que as

hierarquias internas aos casais heteronormativos se reproduzem, mesmo quando se trata de trasconjugualidades, como indica Pelúcio (2006b).

Já Lomando(2012), sob a luz de Strey (2004), pontua:

Strey (2004) afirma que falar de gênero é falar de desigualdades, pois historicamente a construção das masculinidades vêm marcadas por uma ideia de superioridade de capacidade de transformação e construção histórica, enquanto as feminilidades ficam deslocadas à inferioridade, à proximidade com a natureza (o lar, a estabilidade) e, por isso, passíveis de submissão. (LOMANDO, 2014, p. 110)

Anterior a isso, Restinga afirmou que no início de sua transição, tinha apenas “lancinhos virtuais”, mas que nunca vingaram. Então contou de um relacionamento virtual de sete anos de amizade, no qual, ao longo desse tempo, eles se apaixonaram e houve algumas declarações por parte dele. No entanto, ela afirmou que era imatura na época e não soube lidar com tal situação. Quando ela realmente acreditou na paixão declarada pelo amigo, resolveu vivenciá-la e tomou coragem para marcar um encontro, ele descobriu que engravidou outra menina e teria que se casar com ela. Com isso, o contato foi rompido.

Restinga: Antigamente eu só tinha relacionamentos virtuais.

Eu: pq?

Restinga: Pq eu nunca tive relacionamento fidelizados corpo à corpo, pois enquanto pessoa trans as pessoas n se aproximavam de mim. E eu tbm era cheia dos medos, estava na fase de aceitação, e n me sentia confortável no corpo q tinha. (Restinga, 03 de agosto de 2017)

Como indicado por sua fala, suas interações afetivo-sexuais não perpassavam apenas a esfera do desejo. As questões afins às percepções de si, de sua identidade ou performance de gênero se ligavam diretamente às suas práticas sexuais, de modo que a insatisfação inicial com seu corpo “na fase de aceitação” dificultava suas primeiras incursões nesse sentido. Além disso, havia o fato de ser uma pessoa trans, pois, como argumentou, as pessoas não se aproximavam dela com o intuito de tecer laços afetivo-sexuais.

Sobre sua atual relação, Restinga diz estar satisfeita. Entretanto, tem medo que essa relação acabe e que, diante disso, a dificuldade de estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais volte a existir.

Restinga: Agora tenho alguém q gosta de mim, mas sinto q ficar solteira volta tudo de novo.

Eu: Pq? Como assim?

Restinga: Volta questão de preterimento, ser negra tbm é algo determinando, determinante.

Eu: Tu acha que a aproximação dos homens fica mais difícil quando se é uma mulher trans negra?

Restinga: Pra envolvimento sério e interesse nesse sentido sim. Agora para curiosidade tem, por ser trans tbm, são coeficientes, um ligado ao outro.

Eu: E como vc vem lidando com isso?

Restinga: Então, eu morro de medo de ser deixada pelo meu namorado, dele me trocar por mina branca, padrão. O meu primeiro namorado relação afetivamente corpo à corpo tbm foi um trans o tal q citei no começo q n me correspondeu, e sofreu demais.

Eu: como assim não te correspondeu?

Restinga: Fui usada, traída, sofreu agressão psicológica, física. Enfim, eu n era empoderada, eu era totalmente romantizada. Pois é mana, os traumas q tenho são muitos, tenho complexo de rejeição adquirido por tais acontecimentos. (Restinga, 03 de agosto de 2017)

Diante dessa fala de Restinga, muitas questões podem ser analisadas. Nota-se que o fato de ser uma mulher trans negra a faz perceber as dificuldades em suas possibilidades de engajamentos afetivo-sexuais, e a fim de ilustrar isso ela apresenta um primeiro relacionamento marcado por traumas e agressões – o que infelizmente é uma vivência bem comum e partilhada entre as mulheres trans e travestis brasileiras. É interessante apontar que esse relacionamento abusivo ocorreu enquanto seu parceiro era um homem trans, evidenciando, como já foi salientado, o processo heteronormativo integrado na relação onde existe uma visão hierarquizada das relações de gênero.

Olhando para essa experiência, ela pontuou ter permanecido naquele relacionamento por não ser empoderada, diferentemente de hoje. Essa mudança de postura, diálogo e consciência pode estar atrelada aos engajamentos políticos que a interlocutora passou a se inserir, como o movimento transfeminista. Este pode ser entendido, como indica Viviane Vergueiro (2015) ao trazer uma possível leitura feita por Jesus e Alves (2010), da seguinte maneira:

O feminismo transgênero ou transfeminismo é, particularmente, um movimento intelectual e político que: 1) desmantela e redefine a equiparação entre gênero e biologia; 2) reitera o caráter interacional das opressões; 3) reconhece a história de lutas das travestis e das mulheres transexuais, e as experiências pessoais da população transgênero de forma geral; e 4) é aberto, e pode ser validado por quaisquer pessoas, transgênero ou cisgênero. (JESUS; ALVES, 2010, p. 15,16, apud VERGUEIRO, 2015, p. 37)

Pela interação com conteúdos pautados no transfeminismo, a interlocutora pode ter refletido sobre a internalização das normas e hierarquias de gênero e sua reprodução, e buscado romper com isso em novos possíveis relacionamentos.

Além do que, no tocante aos engajamentos afetivo-sexuais a interlocutora apontou a dificuldade em constituir relacionamentos, pois o fato de ser uma mulher trans negra despertaria o interesse por parte dos homens mais no sentido da “curiosidade”, o que pode ser lido como sexo casual, do que com a intenção de estabelecer relacionamentos mais duradouros.

Sobre essa questão, a autora Araújo (2015, apud BAGAGLI, 2017), a partir de uma leitura do feminismo negro sobre a solidão da mulher negra, passa a refletir, por meio do transfeminismo, sobre o campo dos afetos das mulheres trans negras e travestis, e aponta a seguinte conclusão:

[...] o fato da população trans não ser vista como passível de receber afeto se imbrica com a produção de desumanização desta população e de precarização de vidas tidas como abjetas. A solidão da mulher trans e travesti, portanto, não decorre de um pretenso preterimento afetivo no nível de escolhas individuais, mas, sim, de uma estrutura que institui normas, o que impacta na forma como os indivíduos se relacionam afetivamente. (BAGAGLI, 2017, p. 151)

Isso dialoga diretamente com o medo de ser deixada, também presente na fala de Restinga. Pelúcio (2006b), ao tratar das conjugalidades das travestis, aponta que o constante risco de serem abandonadas por seus parceiros é uma concepção presente entre elas, o que faz com que elas permaneçam em relacionamentos clandestinos ou abusivos, como no caso da primeira relação de Restinga.

Reforçando essa ideia, a interlocutora argumentou seu desejo de que aquela fosse sua segunda e última relação afetivo-sexual da vida.

Eu: então essa é a sua segunda relação não virtual? E é com um homem trans tmb?
Restinga: Nesse caso q citei ai foi meu primeiro, e agora estou na minha segunda e assim espero a final, q é totalmente diferente e melhor.
Eu: E o teu atual namorado? vcs são da mesma cidade? É uma relação extra virtual?
Restinga: A distância, na minha cidade n encontro ninguém, pois o fato de ser pessoa t e conhecida as pessoas preterem mesmo, e n entendem. (Restinga, 03 de agosto de 2017)

Por morar em uma cidade pequena, no interior de Minas Gerias, e ser militante, ela era uma mulher conhecida pelas causas que militava. Diante disso, Restinga indicou a dificuldade em encontrar parceiros que desejassem se relacionar com ela em sua cidade. Dificuldade recorrente entre as mulheres trans e travestis, como indica Pelúcio (2006b) ao falar sobre os arranjos conjugais de travestis que se prostituem: “[...] nas relações entre travestis e homens, o estigma que pesa sobre elas ‘contamina’ seus parceiros, levando muitas

vezes a relações pautadas pela clandestinidade. Tudo isso torna a vida social de ambos menos previsível” (PELÚCIO, 2006, p. 524). Deste modo, namorar uma mulher trans ou travesti coloca em questão as performances e masculinidade dos homens que se relacionam com elas. Com isso, seus relacionamentos acabam, de uma forma geral, circunscritos na clandestinidade, como apontado pela autora.

Sobre o atual engajamento afetivo-sexual de Restinga, no tocante a como o casal era visto socialmente, sobretudo a partir das percepções familiares, a interlocutora indicou ter sofrido preconceito por parte da família do parceiro e da sua própria família, tanto por ser uma mulher trans como por namorar um homem trans.

Por namorar à distância, Restinga relatou ter passado as férias do final do ano de 2017 com seu namorado, que morava com os pais. Indicou não ter sido “bem recebida” pela mãe do parceiro: *“Só q n vou mais na casa dele pq a mãe n gostou de mim,[...] aliás a família me maltratou. As pessoas são muito preconceituosas”*.

A incompreensão, ou ainda a agressão, se estendia também à família dela, não só pelo fato de ser uma pessoa trans, como pelo fato de namorar um homem trans. Ela apontou que questionavam pelo fato de não entenderem o porque de ela namora “meninas”.

Restinga: Minha família discuti o pq, n entendem q namoro "mulheres".

Eu: como assim?

Restinga: Tipo minha família, questionam, n entendem transexualidade. Acha estranho namorar um homem trans

Eu: Entendi, e quanto vc? Eles questionam também? Ou é tranquilo a relação de vcs? Você com seus pais?

Restinga: Ah tipo meu pai me engoli, ele interiormente n aceita, mas engoli, E tipo vive implicando comigo. Entende, é uma relação de amor e ódio, mas eles n conseguem me tratar pelo nome q escolhi, isso é uó. Família geralmente é assim.

Como indicou Restinga, sua família não entendia a transexualidade, de forma que sua identidade ou performance de gênero não era respeitada, assim como a do parceiro. Conforme sua narrativa, eles dizem não entender seu namoro com “meninas”, de forma que a legitimação de sua performance identitária se torna ainda mais difícil diante da família, pelo fato dela se relacionar com um homem trans.

Quanto às percepções que Restinga tinha de sua sexualidade, perguntei sobre suas inclinações de desejo. Com base no até então relatado, indaguei se ele sempre se deu diante de figuras e performances masculinas.

Eu: Sua atração sempre foi por homens?

Restinga: Sempre foi, mas eu tempos atuais me vejo como bi [...] Acho que sou pan, mas sou heteroafetiva, tipo me atraio por ambos os gêneros, mas só me relaciono com homens. (Restinga, 03 de agosto de 2017)

Desse modo, naquele momento Restinga conseguia perceber sua inclinação de desejo variar entre “ambos os gêneros”, entretanto, a sua disposição para engajamentos afetivo-sexuais se dava exclusivamente com homens.

Ainda sobre esse processo de reflexão sobre os engajamentos amorosos e sexuais, a interlocutora indicou que eu fizesse um trabalho sobre as trajetórias afetivo-sexuais das mulheres trans. Isso porque, conforme defendeu, com elas a realidade seria diferente da dos homens trans, e isso precisava ser dito, fala que corrobora com os apontamentos feitos por Pelúcio (2006b) e Araújo (2015, apud BAGAGLI, 2017).

Restinga: Quando puder faça uma para mulheres trans e travestis, somos pouco escolhidas no campo afetivo, a nossa realidade é distante da dos homens trans.

Eu: Tu pode me falar mais um pouquinho sobre isso?

Restinga: Machismo né mana. Nunca namorei homem cis, como falei por machismo né. E a maioria das manas tbm, são poucas as q tem relacionamento afetivo público e apresentadas como companheiras para a sociedade. Por isso acho q se tivesse um estudo feito e mostrasse isso, e como isso impacto a saúde mental e a auto estima nossa. Com os homens trans a realidade é outra, a maioria deles vem de uma socialização do meio lésbico, com mulheres q já até foram casadas com homens cis, tiveram filhos etc. E as mulheres aceitam com mais facilidade e fluidez digamos assim [...]. (Restinga, 27 de fevereiro de 2018)

A fala da interlocutora apontou mais uma vez para uma realidade que não era apenas dela, como de muitas mulheres trans e travestis que vivem em relações clandestinas e/ou traspassadas pela transfobia, *cistema*, como indica Viviane Vergueiro (2015), que retroalimenta a dificuldade em ter como parceiros homens cis. Entretanto, ao pensar os campos das afetividades dos homens trans, a interlocutora apontou uma maior facilidade por parte das mulheres que se relacionam com eles, parte pelo fato de muitas já terem tecidos relacionamentos com homens cis, mas, sobretudo, por elas serem mais fluidas.

De fato, as trajetórias que se fazem aqui presentes demonstram essa fluidez por parte das interlocutoras. Todavia, uma leitura que se faz possível aqui acerca da aceitação da mulher pode estar ligada ao dispositivo de amorosidade, do cuidado atribuído às performances de gênero, à construção social do feminino.

Quanto à dificuldade em serem escolhidas por homens cis, como indicado por Restinga, Bagagli (2017), ao fazer leituras de Araújo (2015) retoma seus argumentos:

A autora argumenta que é pela existência da transfobia que muitos homens deixam de assumir relacionamentos tidos como “sérios” com travestis e transexuais de forma a restringir às formas de relacionamento ao “sexo casual ou relacionamentos às escondidas”. É a transfobia social e a produção de efeitos de estigmas, segundo Araújo (2015), que transforma um possível relacionamento entre homens cisgêneros e mulheres transgêneras em uma “situação vexatória” que deve, a todo custo, ser ou evitado ou mantido em segredo. (BAGAGLI, 2017, p. 151)

Desse modo, a trajetória afetivo-sexual de Restinga perpassa não somente as questões afins a sua sexualidade, os roteiros e práticas sexuais que performa. Ela também percorre questões ligadas com sua identidade ou performance de gênero e questões étnico-raciais, tornando assim sua trajetória e enlacs amorosos-sexuais diretamente ligados ao lugar em que seu corpo está no mundo e às marcas desse pertencimento.

Mesmo compreendendo que isso se dá com todas as interlocutoras e todos os sujeito, ou seja, que toda construção de desejo e performance de gênero e sexualidade está atravessada pelo tempo/espço, recorte econômico/social e de gênero que nos circunscreve, foi somente Restinga quem trouxe todos esses elementos à tona. A partir do discurso que seu corpo constrói é que a naturalização de padrões cis e heteronormativos grita em sua direção, a fim de oprimi-lo e desqualificá-lo.

5.5 Manacá: “Eu sempre digo que gosto de pessoas”

Manacá, 20 anos, morava com sua mãe e seu padrasto em Belém do Pará. Era estudante de Serviço Social e começara a estagiar na área. Namorava há cinco anos e estava noiva de seu parceiro Jasmim, que não fazia uso de hormônios pelo fato de ser menor de idade: na época tinha 17 anos. Ao iniciar o relacionamento, seu companheiro não se entendia enquanto homem trans. Manacá disse se identificar com a pansexualidade.

O diálogo realizado com Manacá, mesmo tratando e contemplando suas percepções afetivo-sexuais, acabou sendo mais centrado em seu relacionamento atual. Por se tratar de uma pesquisa que se iniciou a partir de um grupo cuja temática eram questões acerca desse relacionamento, em algumas interações a relação acabou aparecendo como referência para se pensar as percepções de si, sendo marcadas pelo antes e o depois desse relacionamento e do anúncio da transexualidade por parte do companheiro.

Eu: E como era antes dele? Tu ficava com meninas? Meninos? Os 2 ?

Manacá: Sim, sim, ficava com os dois

Eu: Então tu se vê /via como bi? Como era/é isso?

Manacá: *Me via como pan, como atualmente, sempre fui mente aberta.* (MANACÁ, 27 de junho de 2017)

Ser mente aberta, aqui, pode se referir ao fato que não estar engajada ou ainda alimentar as estruturas de gênero heteronormativas existentes, como indicam Lomando e Nardi (2013), ao abordarem o que fundamenta os estereótipos de gênero.

No tocante ao gênero e à sexualidade, suas raízes fazem parte de duas lógicas macrossociais interligadas, denominadas “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010) e “heteronormatividade” (BUTLER, 2012). De forma geral, enquanto a primeira lógica faz com que as pessoas assumam, automaticamente (compulsão), e avaliem o mundo social como sendo heterossexual, a não ser que comprovado de outra forma, a segunda mantém uma regra social (norma) binária (homem ou mulher), que afirma uma continuidade e uma congruência entre sexo/gênero/sexualidade, definindo como anormais (fora da norma) todas as narrativas, expressões e práticas que divirjam das linearidades pênis/masculino/atração-por-mulheres e vagina/feminina/atração-por-homens. (LOMANDO; NARDI, 2013, p. 497)

A fim de identificar se existiu por parte da interlocutora alguma movimentação por entre as categorias fixas que atualmente definem as sexualidades, uma vez que ela apontou sempre ter se entendido enquanto pan, questionei a Manacá sobre como se deu esse processo de classificar a percepção que tinha de sua própria sexualidade. Ou, como ela mesma apontou, “*Não é bem me classificar, mas me identifico com pansexual*”.

Eu: Tu se identificar como Pan foi antes ou depois dele se entender como trans?

Manacá: Me identifiquei antes dele, acho que por isso eu levei de boa.

Eu: Entendi:) Quando foi que tu percebeu que era Pan, como foi isso pra ti?

Manacá: Fui percebendo os poucos. Ouvia os outros falando (amigos, homens trans), e eu fiquei curiosa, quando fui saber o que era Pá! Me identifiquei, mas não me classifico assim, eu sempre digo que gosto de pessoas, em geral.

Eu: Entendi :)

Manacá: Pois é mulher. Foi algo que eu fui me identificando o passar do tempo. (MANACÁ, 24 de outubro de 2017)

A fala de Manacá aponta que a transexualidade de seu parceiro em nada alterou suas percepções de si, uma vez que sua trajetória afetivo-sexual já contemplava meninos e meninas. Deste modo, o fato de já ter elaborado e vivenciado experiências com diferentes gêneros facilitou sua compreensão com relação ao deslocamento por entre os gêneros de seu companheiro, pois ficar com meninos ou com meninas não era uma questão em si para ela. Como indicado, ela afirmou que gosta de “pessoas”, em geral.

A fim de descobrir se havia roteiros afetivo-sexuais anteriores e distintos a esse, uma vez que a interlocutora diz ter chegado até ele “aos poucos”, sugerindo esse movimento processual, indaguei sobre a existência de percepções de si diferentes que poderiam ter precedido a identificação com a pansexualidade, mesmo sendo essa uma categoria que ela se identificava, mas não elaborava ou disseminava esse discurso em seu meio social.

Eu: Tu em algum momento se identificou como lésbica?

Manacá: *Não, pq eu ficava com meninos também. Acho que inicialmente, seria mais bi.*

Eu: Entendi, e sempre foi tranquilo isso pra ti, perceber que sentia atração por meninas e meninos?

Manacá: *No começo não, pq como já sabia que a reação da minha mãe não seria boa... e sempre tive muito medo disso... sendo que ela sempre disse que nunca ia aceitar nada disso.*

Eu: Pq sabia que ela não aceitaria? E como foi decidir que queria viver isso apesar da desaprovação dela?

Manacá: *Na verdade, como disse, ela nunca aceitaria, Mas eu decidi ficar com ele pq pensei. ‘Poxa, se a minha mãe decidiu ficar com alguém pq ela gosta da Pessoa, Pq eu não posso fazer o mesmo?’ Tenho o direito de ser feliz também. (MANACÁ, 24 de outubro de 2017)*

As falas de Manacá ilustram mais uma vez a capacidade de fluxo do desejo. Mesmo que ela tenha acionado algumas categorias mais fixas como bissexual ou ainda pansexual, preferia dizer que “gosta de pessoas”. Assim sendo, mesmo que a primeira resposta de Manacá tenha apresentado uma identidade sexual fixa (bastante abrangente), com a pansexualidade, existiu um caminho a ser percorrido até que tal performance pudesse ser acionada. Ouvir de amigos sobre a pansexualidade foi um gatilho que possibilitou o despertar de novas elaborações das percepções de si da interlocutora. Como “gostar de pessoas” pareceu ser uma qualificação do ser pan, uma vez que focava na pessoa ao invés de focar no gênero, que seria secundário para o desejo, a pansexualidade apareceu como uma maneira de superar o dualismo.

Ainda é importante refletir sobre outros aspectos acionados por Manacá em sua fala sobre o exercício de suas carreiras amorosas e sexuais. Ao retratar as suas inclinações de desejo, sua mãe, aqui, apareceu enquanto figura que desejava impor a Manacá a sua (re)inserção aos padrões heteronormativos, no sentido de ela não aceitar quaisquer relacionamentos que fugissem, que fossem marginais a esse padrão.

Como aponta Soares (2012), ao citar Jacobson (2007), as questões acerca do desejo afetivo sexual ocupam lugar cativo na relação familiar.

Esta questão relativa à posição do sujeito quanto ao desejo afetivo-sexual, que participa da escolha de parcerias hetero ou homossexuais (MARRA, 2005), ocupa na relação familiar lugar cativo, já que valores e expectativas quanto a esta questão são nutridos desde cedo e participam ativamente da construção da orientação sexual. (JACOBSON, 2007, p. 37, apud SOARES, 2012, p. 32)

Ainda assim, mesmo estando em um relacionamento que ocupava um lugar de marginalidade diante do centro heteronormativo que dita as relações de gênero, a interlocutora transcendeu, não sem conflitos, o que lhe foi imposto e optou por continuar em seu relacionamento, diante da percepção de que as pessoas se engajavam em relações por amor, por gostar, para serem felizes. Algo que vai ao encontro da visão de conjugalidade presente na modernidade, como indica Heilborn (2004).

Nesse sentido, a trajetória de Manacá fluiu de uma percepção binária de desejo para uma que engloba múltiplas possibilidades: meninos e meninas, homens e mulheres cis ou trans englobavam suas experiências e indicavam suas inclinações de desejo e afeto. Com isso, ela experienciava possibilidades essas e outras, sem conflitos no tocante as suas percepções de si, de modo que estar se relacionando com um homem trans se apresentava como consequência dessa fluidez. O conflito em si apareceu de forma externa, a partir principalmente de sua família, que não aceitava ou respeitava seu atual engajamento afetivo-sexual.

5.6 **Morpho: “Eu acho que eu me apaixono por pessoas”**

Morpho tinha 25 anos. Nascida em Pernambuco, era moradora da capital paraibana há muitos anos. Estudante da área das humanidades, não classificava sua sexualidade. Estava em um relacionamento há quase oito anos e, no início dessa relação, seu companheiro, Ingá, não se entendia enquanto homem trans.

Morpho iniciou nossa entrevista dizendo que achava interessante a percepção que na época tinha sobre quem ela nutria afeto, pois, segundo ela, essa percepção indicava que seu desejo se despertava a partir do desejo do outro. Assim, contou que, até notar os olhares e desejos de uma menina que a tinha como foco, ela percebia o seu desejo fluir exclusivamente para os meninos.

Deste modo, seu primeiro relacionamento foi com uma menina, que durou cerca de cinco anos, sendo quatro deles vividos à distância. A interlocutora disse classificar atualmente

aquele relacionamento como abuso, mas que na época não o via assim. Ressaltou que nada do que foi vivenciado ocorreu de forma forçada, mas o formato do relacionamento era abusivo.

Morpho: [...] Tipo, todas as férias eu ia para lá e tal e esse foi o primeiro relacionamento assim né. Só que era muito difícil, porque ela era mais velha do que eu né? E tinha outra, ela já tava tipo na faculdade e eu ainda tava na escola, tinha isso, [...] tipo foi muito tempo e eu ainda na escola, [...]. E ela controlava em tudo a minha vida à distância, eu nem tinha celular nessa época, a gente só se falava pela internet nos fim de semana [...]e aí ela controlava tudo, ela controlava absolutamente tudo, todas as pessoas que eu adicionava no Orkut, na época do Orkut né. Ela vinha e perguntava quem era aquela pessoa de onde eu conhecia aquela pessoa, aquela coisa toda [...]. (Morpho, 26 de março de 2018)

Estar naquele relacionamento e o controle e monitoramento realizados pela namorada não impediram que Morpho se relacionasse com outras pessoas. Segundo ela, as pessoas iam aparecendo, se mostrando interessadas, demonstrando o seu desejo por ela, e ela ia se interessando e as desejando também, independentemente do gênero. Mesmo que, naquele momento, se afirmasse enquanto lésbica, por estar naquela relação.

Morpho: [...] então eu botei várias “cangaia” nela, fiquei as meninas, fique com os meninos, mas tinha esse relacionamento né? Que era uma coisa meio segredo né? Porque naquela época nós duas meninas e tipo à distância e essa diferença de idade, eram muitos tabus, assim [...], eu não saía contando para todo mundo, poucas pessoas sabiam disso. (Morpho, 26 de março de 2018)

O tabu mencionado pela interlocutora tinha relação com o sistema de valores sexuais pelo qual as sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais, como indica Rubin 1984[1994].

Heterossexuais maritais e reprodutivos estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Clamando um pouco abaixo se encontram heterossexuais monogâmicos não casados em relação conjugal, seguidos pela maioria dos heterossexuais. [...] Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que estão na base da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. (RUBIN, 1984[2012] p. 15)

Estar em um relacionamento à distância, com uma mulher anos mais velha que ela fazia com que Morpho mantivesse essa relação “em segredo”, pois era um tabu às normas do sexualmente aceito. O relacionamento não se adequava a tais normas tanto pelo fato de serem

práticas afetivo-sexuais realizadas entre mulheres como por ser uma relação marcada pela diferença de idade.

Ainda sobre esse primeiro relacionamento, a interlocutora afirmou sentir dificuldade em colocar em prática seu desejo na relação sexual com a parceira.

Morpho: [...] a relação sexual não... a criatura não, não tirava a roupa, por exemplo, era uma coisa bem esquisita assim tipo, era aquela coisa eu sou ativa e você é passiva. Tá bom então né? [...], não tinha autonomia e liberdade para questionar nada e tal e tipo, a medida que eu fui ficando mais entendida dessas coisas né, que eu tentei questionar, não, não rolou nem negociação assim, [...] e aí por essa intransigência e essas coisas todas a coisa foi se acabando mesmo e eu tava querendo viver outras coisas né [...]. (Morpho, 26 de março de 2018)

Esse engajamento afetivo-sexual experienciado por Morpho reflete um dos modos de conceitualização das relações entre sexo e gênero elaboradas por Nicole-Claude Mathieu (1990), que trago aqui, sob a luz do entendimento de Heilborn (2004), quando retoma essa análise no que concerne às relações com o mesmo sexo na sociedade brasileira.

[...] Mathieu sustenta ser a óptica corrente na sociedade ocidental no que tange a seus tradicionais, procede a uma colagem entre a representação do sexo e de gênero, sendo o primeiro termo o elemento forte do sistema. Este se ordena em torno de uma problemática de adequação entre traços pessoais psicossociais e traços biológicos. A heterossexualidade apresenta-se como expressão fixa, enraizando-se na natureza. Logicamente, a homocorporalidade é uma anomalia que se inscreve no domínio natural. Assim sendo, é necessário reencontrar o modelo de bipartição psicossocial da identidade: as relações com o mesmo sexo só podem ser entendida/experimentadas se masculino e feminino estão presentes em um casal que reúne dois homens ou duas mulheres. O comportamento sexual é parte integrante da diferenciação não dos sexos, mas dos gêneros. (HEILBORN, 2004, p. 46)

Nessa relação, é possível verem refletidos os padrões sociais hierárquicos de gênero que determinam que em uma relação deve existir “homem e mulher”, onde o primeiro é o ativo e a mulher se coloca na relação de receber, mesmo se tratando de uma lógica de relacionamento pautado na homocorporalidade, como indica a autora. Essa hierarquização, bem como ter os atos e práticas sexuais estáticas e seus desejos represados, tornaram-se gatilhos para que Morpho passasse a buscar novas experiências e possibilidades.

Morpho: [...] eu fui estudar no centro da cidade né, escola pública no centro então me soltei né querida! Não queria saber de namorada o que? que só fala final de semana menina oxe? Que história! Então eu via, por exemplo, na escola as meninas, as meninas tipo de mão dada ou às vezes ficando mesmo já cheguei a ver e tal, e ficava ‘nossa quero também!’ E aquela coisa lá me prendendo né, eu lá ‘nossa, mas eu quero também’ E aí eu fiquei ainda com algumas meninas, fiquem com alguns meninos nessa época e aí quando eu fui entrar na universidade...(pensando) foi, quando eu passei no vestibular, no dia que o resultado do vestibular saiu eu terminei

esse relacionamento a distância, por que eu disse: ‘não, a minha [...] minha vida já é inferno e vai virar um inferno pior porque eu vou conhecer pessoas novas e vou querer sair, [...] e tipo essa pessoa ta me prendendo’, ‘ah olha, sinto muito querida!’ (fazendo menção ao término da relação). (Morpho, 26 de março de 2018)

O desejo por novas interações e relações afetivo-sexuais perpassava todo o relacionamento, classificado como abusivo pela interlocutora. O fato de conhecer novas pessoas e ver outras performances afetivo-sexuais sendo executadas ao seu redor acentuava esse desejo. Entretanto, o ápice que desencadeou o rompimento da primeira relação não foi perceber essas outras possibilidades de interações e roteiros acontecendo, e sim vivê-las.

Ter vivido um “romance” com um primo durante alguns dias lhe permitiu experienciar e, a partir disso, elaborar uma nova possibilidade de performance afetivo-sexual, o que foi decisivo para que o então relacionamento abusivo de cinco anos findasse.

No tocante às percepções de si e autodefinições sobre a sua sexualidade, a interlocutora identificou a sua fluidez, livre da necessidade de classificar, enquadrar suas práticas sexuais.

Morpho: Eu achava, quando, quando eu comecei a me relacionar com essa criatura lá... com 12, 13 anos eu achava que eu era sapatão, eu comecei ali aquela coisa né, a viver aquele mundo ali e tal e eu não, ‘sou sapatão, sou lésbica com certeza e tal’ . E aí depois que acabou eu disse “hum... não sei, não sei, não sei mais se sou” (risos) E aí rolou essa coisa com o meu primo, então sempre. Na verdade a minha trajetória inteira sempre foi, sei lá vou botar na caixinha da bissexualidade, mas eu nunca me identifiquei como bissexual né? Posso um dia fazer isso por motivos políticos, mas também não tem necessidade né? Então, não, não me, não me rotulava né? (Morpho, 26 de março de 2018)

Ao olhar para trás, Morpho identificou que sua inclinação de desejo circulava por entre meninos e meninas, indicando que esse fluxo sempre correu livremente, sem precisar acionar a categoria bissexual. Isto talvez seja um indicativo de que as experiências só precisam ser nominadas para ganharem inteligibilidade social e reunir mais pessoas que se identifiquem dessa ou daquela forma diante de uma denominação. Como indicado por Morpho, se ela tivesse que categorizar, colocar em alguma caixinha identificatória, ela colocaria sua carreira afetivo-sexual na caixinha da bissexualidade, a fim de dar nome a isso devido ao nosso diálogo sobre a questão, mesmo que ela nunca a tenha acionado ao longo de sua trajetória. Entretanto, ela afirmou que, se necessário, assim o faria por questões políticas.

Ao ser questionada sobre suas percepções de si naquele momento, em que se encontrava em um relacionamento com um homem trans, a interlocutora afirmou não querer ser heterossexual.

Morpho: (Pensando) Eu não queria ser hétero (risos) não me aceito hétero (risos) não sei, não. (Pensando)

Eu: Por quê?

Morpho: Não sei, (pensando), aí porque eu acho é porque assim, não é quando a pessoa é hétero que a pessoa tem que se relacionar com qualquer homem não é verdade? E tipo assim [...] hum... não sei não se eu queria, não, ser hétero. Tanto pelo título mesmo por uma razão política, assim de não me afirmar hétero, não, não, eu não quero ser hétero, acho que se um dia eu for precisar me afirmar vou me afirmar bissexual, porque eu vou ficar mais de boa. (Morpho, 26 de março de 2018)

O fato de não querer se classificar enquanto heterossexual possibilitou a reflexão sobre os aprisionamentos identitários que não eram confortáveis para Morpho. Não querer se encaixar, se definir dizia muito sobre a que grupo ela não se via como pertencente, ou ainda sobre sua postura diante de uma sociedade repleta de vivências categorizadas. Segundo ela, seu distanciamento da heterossexualidade estava relacionado com um posicionamento político que buscava romper com o cenário cultural da sociedade ocidental moderna, no qual estava inserida, onde a heteronorma dita o que é aceitável ou não no campo das sexualidades. Nessa linha, não querer ser heterossexual seria abdicar, não querer se colocar no topo da pirâmide sexual ilustrada por Rubin 1984[1994].

Lugar esse que ela percebia ser enquadrada atualmente, quando pensava as mudanças sofridas pela percepção que ela e seu parceiro tinham socialmente.

Eu: [...] Você percebeu diferença de como as pessoas veem o casal agora, na rua?

Morpho: Uhum, Uhum...ai.. é, então eu não sei essa coisa dos outros como vem, mas pra mim, desde o começo eu tinha isso muito claro, de que com certeza era muito mais fácil tá dentro do padrão e tá dentro da norma e não ser, não perceber esse esses olhares entendeu? O que antes rolava, antes da transição eu percebia os olhares e depois ah de repente... sou hétero né? Então já que eu sou, eu to encaixado no [...] no padrão, eu. (Morpho, 26 de março de 2018)

Ou ainda, não querer ser hétero pode estar ligado ao fato de não querer se engajar em todos os tipos de práticas sexuais atribuídas às pessoas heterossexuais. Como é possível identificar na fala de Morpho, as suas práticas e desejos sexuais, naquele momento, não incluíam “qualquer homem”, ou todos os homens. Diante disso, indaguei sobre a possibilidade, vontade, desejo de tecer relações afetivo-sexuais, ou apenas sexuais, com homens cis.

Morpho: É, eu não sei, é tanto que quando eu tive a oportunidade, as duas vezes que eu tive oportunidade, não rolou, eu travei, eu disse ‘Opa, perai coisinha, né assim não, vai devagar’ e tipo, essa trava ele vem muito antes no momento, não foi o negócio aqui de repente eu disse ‘não’. Não, é tipo, estamos de roupa ainda e eu já disse que não quero entendeu? (Morpho, 26 de março de 2018)

Sobre as mudanças percebidas diante da transição de Ingá, Morpho apontou não só essa questão de passar a ser enquadrada socialmente no topo da pirâmide da hierarquia de gênero, mas também as questões corporais de seu parceiro, estimuladas pelo uso da testosterona.

Morpho: Mas tipo foi essa, sexualmente falando, foi essa a adaptação depois da transição né? “Não rola fingi que esse buraco não existe”. (Ingá indicando que não quer ser penetrado) E aí é... aí meu amor, quando a testosterona entra tudo muda né, por quê... eu não sei se alguém já falou isso para você (risos) alguma das meninas entrevistadas, se você chegou nesse nível de intimidade eu não sei, porque não sei das tuas entrevistas (risos), Mas tipo a primeira, a primeira dose de hormônio, a primeira dose de hormônio o clitóris “pá” é na primeira dose! Mas, é na primeira dose! primeira mesmo, [...] é muito louco, é muito louco, tipo na primeira semana mesmo já rola uma negócio, “epá” que bicho é esse que não tava aqui? [...] É tipo, é uma coisa considerável (risos). Estes dias inclusive Ingá tem um negócio que ele faz que é o “Pump” que é bem bom (risos) não, que dá uma substância no negócio, que rola até... um uma tentativa de, uma tentativa não, uma chegadinha ali na penetração meu amor, rola um negócio babado e é muito bom né? Quando rola esse contato assim. (Morpho, 26 de março de 2018)

Deste modo, a administração de testosterona não possibilitou apenas o reconhecimento social enquanto homem para Ingá, como também proporcionou novas possibilidades de práticas sexuais entre eles. Através disso se pode vislumbrar a potência dos fármacos enquanto possibilidade de construção dos gêneros.

No tocante as suas experiências afetivo-sexuais em si, a interlocutora contou que sua atual relação foi fundamental para que ela pudesse ressignificar as práticas sexuais anteriores.

Morpho: [...] sempre foi tipo, nossa! sempre foi muito bom, não existe, tipo assim toda coisa que eu, eu não tinha eu não tinha transado com outra pessoa... eu não tinha, na verdade eu eu hoje olhando eu considero que a minha vida sexual show com Ingá, porque assim antes as minhas experiências foram bizarras assim, essa outra menina que eu namorei logo cedo estranho, a relação sexual era estranha, olhando de hoje e... não sei assim. As que vieram depois não rolou, não tinha envolvimento entendeu? Era tipo “Ah não sei o que, tamo ficando aqui, e aí em uma coisa aqui uma besteira ali...” Nunca rolava uma coisa assim: “nossa é isso” entendeu? Não tinha rolado ainda, então isso só rolou com Ingá e... Mas assim, Ingá, apesar, mesmo antes da transição, mesmo antes da transição não, antes da transição apesar dele já ser assim bem... bem boy, ele não tinha esse negocio de ativo passivo não, meu amor vamos fazer aqui aquilo que a gente está afim de fazer e acabou

entendeu? Então isso para mim já era top (risos) e aí já abriu um mundo de possibilidades [...]. (Morpho, 26 de março de 2018).

Ao acionar e performar novas práticas afetivo-sexuais, um mundo de possibilidades se abriu para a interlocutora, do que se podia e se queria fazer. Outra questão que chamou a atenção nesse momento de reescrita e de novas possibilidades de práticas sexuais foi a negociação entre os parceiros. Morpho contou que os primeiros quinze dias desse relacionamento foram investidos na negociação das práticas sexuais.

Morpho: [...] esses 15 primeiros dias, a gente estava o que? Negociando, literalmente negociando como era que a gente ia fazer, não negociando mas tipo negociando já usando um termo que você vai usar mas, tipo pensando como era que ia ser, o que era que a gente gostava, o que era que a gente ia fazer, como a gente ia fazer, e a gente planejava literalmente. [...] a gente sempre falou muito sobre sexo e tipo quando a gente foi transar a primeira vez, a gente já tinha em mente o que a gente era que a gente deveria fazer, o que a gente podia fazer, o que a gente gostava de fazer e enfim né... (Morpho, 26 de março de 2018)

A negociação foi uma categoria que seguiu ao longo dos roteiros afetivo-sexuais dessas mulheres e das que acompanhei no grupo do Whatsapp “Só para elas”. Mesmo que a categoria não se apresentasse acionada explicitamente por Morpho, ela se fazia presente, principalmente nas primeiras interações sexuais pós auto-identificação dos parceiros enquanto homem trans.

Algumas das interlocutoras aqui presentes, que iniciaram o relacionamento sem saber que seus companheiros se entendiam enquanto homem trans – muitas vezes, sem que eles mesmos se entendessem enquanto tal –, relataram um pouco sobre essas negociações e possíveis mudanças. Entretanto, o que se faz importante neste momento, com base na fala de Morpho, é perceber que a negociação sexual não está necessariamente ligada ao trânsito por entre os gêneros de seu companheiro, tanto que na primeira interação sexual entre eles, onde nenhum dos dois tinha compreensão da transexualidade de Ingá, eles já negociavam suas preferências. Isso explicita que a mudança ou adaptações nas práticas e roteiros sexuais é algo negociado independentemente de estarem em uma relação afetivo-amorosa com homens transexuais.

Quando busquei questionar as percepções e desejos sexuais de Morpho doravante, a partir da possibilidade do término do relacionamento atual, a fim de compreender as possibilidades delimitadas no campo de seus afetos e desejos, a interlocutora afirmou que estaria aberta como anteriormente.

Morpho: Então aí... eu acredito que como antes, eu estarei aberta as coisas que aparecessem entendeu? Por que vê, esse menino que eu fiquei de Recife, [...], meu primo e esse outro cara, assim que eu tive alguma coisa que chegou mais perto... eu tipo não tipo, “não vou fazer isso porque eu sou... lésbica” entendeu? Eu nunca tive essa coisa, e tipo quando Ingá disse: ‘sou trans’ eu tipo, não pensei ‘Ah vou me separar porque eu sou...’. Então tipo, essa coisa da identidade, do rótulo que eu vou ter de acordo com a relação que eu tô tendo, não é uma... não é uma preocupação então, se hoje eu terminasse com Ingá, eu não ia deixar de ficar com outro, cara porque é um cara entendeu? Por que eu acho que eu me apaixono por pessoas. Acho que alguém já disse isso né?(Risos) é uma frase bem comum. Mas é verdade mesmo, mas é verdade mesmo de verdade, as pessoas com quem eu me relacionei... não é a coisa do ser homem e ser mulher entende? É uma atração que acontece e que aí calhou de ser um rapaz, calhou de ser uma menina às vezes entende? E aí eu me percebo flexível, demais até... nesse sentido entendeu? (Risos) muito flexível.

Eu: Porque demais? Às vezes você queria estar num quadradinho?

Morpho: Não, demais não, me sinto flexível ponto. (risos). Não, eu não queria não ta num quadrado, alias e essa coisa e dizer ‘ah não sou hétero’ é justamente de não querer me colocar neste quadrado hétero entendeu? Se é pra tá numa caixinha, vamo ta numa caixinha colorida, não na caixinha preto e branca entende? É nesse sentido que eu digo que eu não queria, não sou hétero, que eu sou bi, [...]. Mas eu tenho essa percepção de que a minha atração, ela vai muito para coisas exóticas pra coisas diferentes assim então... e aí vê, é uma coisa que não combina, se você for ver, a pessoa por quem eu me interessei, era uma pessoa, que já era uma pessoa andrógina entendeu? Uma pessoa que já não era uma menininha... quando eu olhei pra Ingá e me interessei por ele, não era uma garotinha e aí depois no relacionamento isso, começou a me incomodar e acho que justamente por perceber essa coisa do olhar do outro entende? (Pensando) hipóteses... mas, enfim eu atraio essa coisa diferente (risos). (Morpho, 26 de março de 2018)

Como Morpho indicou, seu desejo se despertou por pessoas (exóticas), de forma que nem ele nem as pessoas que ele elegeu, necessariamente, precisavam ter uma definição, uma denominação. Deste modo, acionar categorias fixas não era uma demanda apresentada pela interlocutora, uma vez que os relacionamentos que estabeleceu ora acabavam sendo com meninas, ora calhava de ser com um rapaz. Seu desejo se despertou por aquela pessoa, e continuava a ser despertado independente da performance de gênero acionada pelo sujeito.

Segundo León, o desejo que não querer atribuir para si uma identidade sexual fixa, pode ser lido enquanto um posicionamento queer.

[...] Queer é um termo indeterminado, que marca a suspensão da identidade como algo fixo, coerente e natural. Também pode ser aplicado para descrever uma situação aberta cuja característica compartilhada não é a identidade em si, mas um posicionamento anti-normativo com relação à sexualidade. Pode, assim, incluir todos aqueles cujas identificações sexuais não sejam consideradas normais ou sancionadas. (LEÓN, 2010, p. 28)

Neste sentido, estar em um quadradinho, em uma caixinha, definir sua sexualidade e com isso ilustrar suas possibilidades de interações afetivo-sexuais, não parece ser algo

necessário na e para a trajetória de Morpho. Como destacado por ela mesma, sua trajetória sempre dialogou com a bissexualidade, e se interessar por meninos ou meninas não foi gatilho para reflexões e (re)elaborações de suas autopercepções. Estar fixa, cristalizada em alguma identidade não é algo que ela acionou ou desejou acionar, ao menos que fosse por questões de posicionamento político, de enfrentamento à heteronormatividade.

Diante das trajetórias aqui apresentadas, ao conhecer os percursos dessas mulheres foi possível vislumbrar a pluralidade das percepções de si e de sexualidade que cada uma delas desenvolveu ao longo dos seus encontros consigo e com o outro. Isso evidenciou que o fato de estarem, naquele momento, engajadas em relacionamentos afetivo-sexuais com homens trans nada tinha a ver com um caminho fixo a ser criado, e sim com a capacidade, com a plasticidade de cada uma. Não existe fórmula, um padrão que designará que corpos irão ao encontro dos seus. O que dita essa interação é o desejo, circunscrito a partir de suas vivências e contextos sociais.

Percepções essas que aprendi em campo e ao longo dessa pesquisa, e que destoaram bastante da ideia inicial que fundou este trabalho e tinha como principal fonte a fala de Widdy. Com isso, a minha hipótese inicial era a de que eu iria encontrar muitas mulheres que se percebiam enquanto lésbicas e, diante disso, algumas poderiam estar em conflito com as suas percepções e performances identitárias e sexuais através desse novo arranjo afetivo-sexual reconfigurado diante do trânsito de seus companheiros. O intuito seria perceber o que fazia essas mulheres permanecerem nesse relacionamento, já que o corpo, muitas vezes principal foco de desejo, começaria a passar por mudanças – pensando os arranjos conjugais pré-transição, ou seja, quando o acionamento da transexualidade do parceiro se dava com o relacionamento já iniciado.

Contudo, a realidade que encontrei em campo não foi essa, sobretudo a das mulheres com as quais dialoguei diretamente. É importante ressaltar que tanto no “Só para elas”, como na roda de conversa que participei no Primeiro Encontro Paraibano de Homens Trans essas autorreflexões e demandas se fizeram presentes, especialmente no início do trânsito dos parceiros. Porém, essa não foi a realidade das mulheres que se tornaram interlocutoras deste trabalho.

Assim sendo, a hipótese inicial de que o trânsito do parceiro influenciaria o trânsito da companheira não foi confirmada. A vivência que mais se aproximou dessa possibilidade foi a de Prepona, que em um primeiro momento atribuiu o seu movimento ao do parceiro.

Entretanto, após uma reflexão mais aprofundada percebe-se que sua manutenção naquela relação se deu exatamente pelo fato de estar aberta para isso, de ser capaz de elaborar vivências outras, como a das demais interlocutoras. Compreende-se, assim, que o relacionamento se mantém e, sobretudo, começa devido ao fluxo livre do desejo dessas mulheres, no qual nomes e rótulos nem sempre cabem. E isso não impede que ele flua e atravesse caixinhas e corpos, e não o contrário.

Os discursos das mulheres aqui presentes vão se alinhar com o das mulheres estudadas por Heilborn (1996), que possuíram seus posicionamentos ilustrados por meio do texto “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social”. A partir deles, a autora afirma que o discurso que ilustra a etnografia presente naquele artigo

[...] se organiza em torno da afirmação de que o sexo do parceiro não é relevante para o entendimento da relação, e que a escolha sexual do presente (ou do passado) não significa reconhecer-se como essencialmente homossexual – uma vez que os caminhos do desejo são obscuros e inescrutáveis são os seus desígnios [...]. (HEILBORN, 1996, p. 139)

De forma que estar em um relacionamento com homens trans, para as interlocutoras aqui presentes, pouco influenciou em suas percepções de si. Em sua maioria, essa percepção de uma sexualidade que possui uma capacidade de desejo mais ampla se deu antes de se engajarem nesses relacionamentos, quando não, o relacionamento em si foi apenas uma fonte de estímulos para o reconhecimento desse potencial, como nos casos de Flambeau e Prepona.

[...] a sexualidade não pode ser pensada de forma fixa, já que os conteúdos a ela atribuídos e os significados que ela apresenta podem variar ao longo da história, de uma sociedade para outra, em diferentes grupos dentro de uma mesma sociedade e ao longo da vida dos indivíduos. Nessa perspectiva, para fazer pesquisa empírica sobre sexualidade, é preciso levar em conta a trajetória sexual dos indivíduos, bem como o contexto em que elas se realizam (LOYOLA, 1999, p. 14). Dessa forma, não há uma explicação ou significado permanente através do qual se pudesse pensar o sexual ou a sexualidade e sim, diferentes maneiras de conceber o que seja sexual, de acordo com elementos históricos, culturais e também pessoais. (MEINERZ, 2005, p. 27)

No tocante aos breves apontamentos feitos acerca dos arranjos conjugais vivenciados pelas mulheres que venho retratando aqui, a ideia foi apenas situar algumas das questões que se apresentaram ao casal diante do trânsito realizado por parte dos parceiros, tendo foco assim os relacionamentos que já existiam antes desse movimento.

Estar em um relacionamento antes de saber ou sabendo da transexualidade dos parceiros me remeteu ao estudo realizado por Franch e Perussi (2011), com casais

sorodiscordantes para o HIV/Aids, sem fazer nenhum paralelo entre transexualidade e doença e longe de entrar nessa discussão. A lembrança se remete ao fato de haver uma questão, situação de crise, ou ainda de adaptação entre os casais pré-diagnóstico, ou seja, que já eram casais antes de saber da soropositividade de um dos parceiros, o que não ocorre com casais pós-diagnóstico, que se constituem tendo consciência da diferença sorológica.

Deste modo, iniciei a pesquisa buscando perceber isso: se ter conhecimento da transexualidade do parceiro, com o relacionamento já iniciado, gerava questões para as mulheres, no tocante as suas percepções de si e de sua sexualidade, e também qual eram as implicações disso dentro do casal e que tipo de negociações eram feitas, caso elas existissem. Assim, no tocante ao casal, todo esse parecer se deu a partir da perspectiva das mulheres, partiu da visão delas, de suas versões, ou ainda de suas vozes, como prefere Analia Torres (2002). De forma que aqui não houve as duas vozes partilhando as experiências acerca do casal, e sim apenas uma, a da mulher.

A partir do que foi exposto por elas diante de seus relacionamentos, se evidenciaram duas questões externas ao casal: a percepção da família e do entorno social de como esse casal é visto e reconhecido socialmente. No tocante à família, algumas narrativas trouxeram questões sobre a dificuldade em manter a relação ou ainda incômodos, afastamentos e agressões, verbais e simbólicas.

Como indica Soares (2012), ao lançar luz sobre o dialogo estabelecido entre Miskolci (2003) e Foucault acerca do papel da família na sociedade moderna:

Miskolci (2003), dialogando com a teoria proposta por Foucault, considera que na sociedade burguesa, a família é o modelo de saúde e vida, uma união legítima amparada no consenso sobre a monogamia heterossexual. Nesse sentido, enfatizava a sexualidade infantil, a homossexualidade e a loucura como problemas que não deviam ser expulsos, mas classificados na tentativa de normalizá-los de alguma forma. Assim, a família se transformou em parâmetro de normalidade a partir do dispositivo de sexualidade e os pais e cônjuges tornaram-se agentes de tais dispositivos, sustentados pelos saberes médicos, pedagógicos e, posteriormente, psiquiátricos. (SOARES, 2012, p. 28)

Ao agir como e a favor do dispositivo da sexualidade, a instituição família coage as configurações de conjugalidade que lhe escapam, seja a partir do distanciamento relatado por Prepona com relação à família de Canela, ou as ameaças à Jasmim por parte do padrasto de Manacá, ou ainda a deslegitimação das performances de gênero de Restinga e Cambará, por ambas as famílias.

Quanto à visão da sociedade, do contexto social em que o casal se insere, as questões se dão, sobretudo, nas narrativas das interlocutoras que os parceiros não fazem uso de hormônios e não possuem uma passabilidade cem por cento masculina e, com isso, não têm sua performance ou ainda identidade de gênero reconhecida.

Esses apontamentos se tornam relevantes ao se pensar um casal, uma vez que, por um lado, assinalam questões advindas da esfera externa da conjugalidade que dizem respeito às instituições e, por outro, à esfera interna, que põe em relevo as hierarquias de gênero e outras possíveis como raça, idade, origem social etc.

[...] a conjugalidade inscreve-se em relações e trajetórias sociais e de género. Isto é, ela ocorre num dado momento do percurso pessoal de um significativo conjunto de indivíduos, percurso esse social, cultural e ideologicamente marcado de forma diferenciada, de acordo com as condições de existência e com o género, já que é diferente também o que se considera ser o comportamento adequado para os dois sexos em sectores sociais distintos. (TORRES, 2002, p. 574)

RASCUNHANDO (IN)CONCLUSÕES

Essa pesquisa nasceu a partir de uma inquietação que surgiu há cinco anos, diante do desejo de compreender a vivência de mulheres que se encontravam em relacionamentos com homens trans. Com isso não digo que elas são *mulheres de*, mas chego até elas pelo fato de estarem em relacionamentos que me inquietaram, por serem relacionamentos com homens trans.

Deste modo, essa foi a primeira luz lançada sobre elas para que eu pudesse passar a vê-las e refletir sobre elas. O fato de estar em um relacionamento com um homem trans foi o que permitiu que entrássemos em diálogo, uma vez que a primeira discussão acerca dos questionamentos das percepções de si e de sua sexualidade que pude escutar delas se deu a partir de um encontro de homens trans e, antes disso, a primeira vez que pude perceber e enxergar como as performances e categorias sexuais podem fluir de uma forma geral entre os sujeitos foi a partir de Widdy, em um documentário sobre um homem trans.

Com isso, cheguei até elas e iniciei as minhas inquietações a partir dessa relação e desse fluxo de identidades ou performances sexuais que parecem fluir de acordo com os arranjos conjugais em que elas se encontram. Todavia, ao me aproximar de uma pluralidade de vivências e percepções de si a partir dos grupos que acompanhei ao longo da pesquisa, pude perceber que essa impressão que tive inicialmente, com a fala de Widdy, seria apenas uma possibilidade, dentre muitas outras; essa não é a realidade de muitas dessas mulheres que se encontram em relacionamentos com homens trans, como as que retratei aqui.

Prepona foi a única interlocutora que em princípio atribui o trânsito de suas percepções de si e de sua sexualidade ao trânsito vivenciado por seu parceiro. Contudo, meses depois ela reelaborou essa primeira impressão e compreendeu que o trânsito de Canela possibilitou a reflexão e o reconhecimento do desejo que pulsava por homens e mulheres, e que o fato de por anos ter acionado uma identidade lésbica a fez borrar essa percepção. Em suas reflexões percebeu, ainda, que o que não queria em sua vida não era necessariamente a figura masculina e sim o machismo, que pode estar presente numa relação independente de haver ou não um homem nela.

Desse modo, o que fez essas mulheres permanecerem nesses relacionamentos, em que seus parceiros cambiaram, estava relacionado com a capacidade de cada uma de ter sua

percepção de si e de sexualidade ampla, alargada, fluida, plástica, que não necessariamente precisava ter nome, mas que existia e fluía sem se apagar fixamente às classificações e corpos com os quais interage pelo caminho.

Encontrar apoio, suporte teórico que me auxiliasse a pensar essas múltiplas possibilidades, não foi tarefa fácil. Trabalhos que retratassem e tivessem como temática principal os enlaces, o fluxo da sexualidade e do desejo de mulheres que se relacionam com homens transexuais pareciam, na época da pesquisa, inexistentes na literatura brasileira. Por isso, recorri aos textos que bordassem esse arranjo conjugal, ou ainda roteiro sexual, tendo como referência os homens trans, tendo como respaldo, sobretudo, as literaturas produzidas a partir das ciências sociais e psicologia. Estes me auxiliaram, em grande parte do trabalho, a refletir sobre o contexto da pesquisa, porém, em alguns momentos as classificações por eles defendidas pareceram insuficiente para qualificar, descrever ou encaixar a vivência das mulheres aqui retratadas.

Por esse motivo, talvez uma das grandes percepções, ao menos para mim, que esse trabalho pôde trazer é que às vezes as palavras, as classificações e os agrupamentos não dão conta de descrever, de classificar o vivido, o que se vive, e que talvez o fluxo do viver seja mais intenso, mais mutável do que as palavras dão conta de categorizar.

Diante disso, essas experiências talvez estejam nos informando que as vivências contemporâneas no campo da sexualidade passam a ser mais fluidas, mais pós-identitárias, ou que o acionamento identitário pode se estabelecer de formas estratégicas e pontuais, como para conquistar e usufruir direitos, por exemplo, na sua relação com o Estado, mas que pode não dar conta desse fluxo de desejo.

Nesse sentido, meu próprio percurso, ao longo dessa pesquisa, ilustra isso. Minha percepção das sexualidades se dava de forma mais fechada, achando que as percepções transitavam de uma caixinha para outra, concepção esta que foi desafiada, deslegitimada pelo campo. Isso me fez mudar de foco e também de compreensão acerca da sexualidade.

Desse modo, talvez falar sobre essas mulheres seja muito mais do que dar a conhecer um grupo específico, mas sim poder (re)conhecer, a partir delas e de suas experiências, uma sensibilidade sexual mais plural, generalizável, que não pode ser apreendida a partir de modelos identitários.

É importante destacar, ainda, que os enquadramentos também podem ser reconstruídos, como apresentado em campo a partir da “pedagogia das identidades” realizada

no “Só para elas”. O que ressalta a relevância de refletir esses grupos de pares enquanto lugares potentes no tocante à elaboração das experiências das pessoas ali inseridas. Assim sendo, as classificações ainda podem ser necessárias para dar sentido e legitimidade a essas experiências que são, continuam sendo, socialmente compreendidas a partir da transgressão e do desvio.

Ao longo desse percurso, fui compreendendo (e ainda estou nesse processo) a dimensão que é falar de mulheres, falar com mulheres, com o cuidado de não reforçar hierarquias de gênero presentes em suas próprias vivências, na minha própria vivência, bem como na literatura que supostamente deveriam nos ajudar a pensar sobre elas, sobre nós. Tentei aqui fazer o exercício de não colocar essas mulheres como “*mulheres de homens trans*” – mesmo que esse seja um título muito acionado nos grupos por onde passei –, e sim mulheres que se relacionam por quem se atraem, e que se permitem descobrir, reinventar novas formas de prazer, diante de novas configurações presentes numa mesma relação.

Com isso, a discussão que busquei fazer aqui sobre as percepções que essas mulheres têm delas mesmas, no tocante as suas performances identitárias, sexuais e afetivo-sexuais, foi no sentido de compreender como as identidades não são fixas, não precisam ser, que o desejo é fluxo que incorpora o que toca e que reinventa a si mesmo, aos outros e as interações diante desse encontro. O que aprendi com essas mulheres, o que elas me mostraram, foi sua maleabilidade ao pensar a si mesmas, a capacidade de ser um fluxo e de permitir que seus desejos fluam, não por estarem engajadas em algum tipo de relacionamento; pelo contrário, por serem assim é que elas se dispõem a estar em relacionamentos que podem fugir a cisheteronormatividade.

Diante disso, ainda existem outros caminhos que podem ser explorados acerca das trajetórias afetivo-sexuais dessas mulheres, como a conjugalidade em si, as questões em torno da economia diária que constitui um casal enquanto casal, ou a biotecnologia que é incorporada e se faz presente dentro desses arranjos conjugais. Mas, esse aprofundamento fica como via de futuros caminhos que esse campo pode apresentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.
- AMORIM, Alexandre de Souza. **Homens (in)visíveis: a experiência de transhomens brasileiros nas mídias virtuais**. 2016. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.
- ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.
- ÁVILA, Simone Nunes; GROSSI, Miriam Pillar. Maria, Maria João, João: reflexões sobre a transexperiência masculina. In: **Anais do Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos**, 2010, Florianópolis.
- BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. “Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas.” In: **Letras Escreve**. Macapá, v. 7, n. 1, 1º semestre, 2017. 137-164. ISSN 2238-6080. <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. “Conduzir uma entrevista.” In: BEAUD, B.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo; Produzir e Analisar Dados Etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 134-150.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Reflexões sobre como fazer trabalho de campo”. **Sociedade e Cultura**, 2007, v. 10, n. 1, p. 11-27.
- BRANDAO, Bruno Coelho. **A produção de corpos trans e suas interseções com os processos saúde-doença: Efeitos (in)desejáveis e autonomia dos corpos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2016.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Por Tadeu da Silva. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151-166.
- CORTEZ, Luarna Relva Felix. **“O que não tem governo nem nunca terá” Uma etnografia do trânsito trans**. 2015. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em ciências sociais) Universidade Federal da Paraíba. João pessoa. 2015.
- DESOUSA FILHO, Alípio. “Apontamentos: A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual.” **Bagoas**. n. 04, 2009 , p. 59-77.

EVANS-PRITCHARD, Edward. (1978). [1937]. “Apêndice IV: Algumas Reminiscências e Reflexões sobre o Trabalho de Campo”. In: **Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar.

FAVRED-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Tradução de Paula Siqueira. Revisão de Tânia Stolze Lima. **Cadernos de campo** n. 13. São Paulo, 2005, p. 155-161.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1** – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCH, Mónica; PERRUSI, Artur; ARAÚJO. A sorodiscordância em João Pessoa: conjugalidade e atendimento ao HIV/Aids. In: FRANCH, Mónica; PERRUSI, Artur; ARAÚJO, Fátima; SILVA, Luziana (Org.). **Novas abordagens para casais sorodiferentes**. João Pessoa: Grupo de Pesquisas em Saúde, Sociedade e Cultura; Editora Manufatura, 2011, p. 51-69.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

GOMIDE, Silvia. “Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer”. In: **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; Mello, Luiz (Orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p. 405-423.

HARDING, Sandra, “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista.” **Estudos Feministas** 7, n. 1/93, 1993, p. 07-31.

HEILBORN, Maria Luiza e BRANDÃO, Elaine Reis. “Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade” In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 7-17.

HEILBORN, Maria Luiz; et al. “Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência.” In: **Horizonte Antropológico**. 2002; 8(17), p. 13-45.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane S. “As trajetórias homo-bissexuais.” In: **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Heilborn M. L, Aquino E. M. L, Bozon M, Knauth DR, organizadores. Rio de Janeiro: Editora Garamond/Editora Fiocruz; 2006, p -361-397.

HEILBORN, Maria Luiza. “A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas”, In: **Revista Estudos Feministas**, vol. 6, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998, p. 394-405.

HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade.” In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social” In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina(org). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

LEÓN, Adriano Azevedo Gomes. As Artes da Tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer. **Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes** (UFCG), v. 16, 2010, p. 57-63.

LOMANDO, Eduardo; NARDI, Henrique Caetano. “Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. In: **Revista Saúde em Debate**, 37(98), 2013, p. 493-503.

LOMANDO, Eduardo. **Processos, desafios, tensões e criatividade nas conjugalidades de homens e mulheres transexuais**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da Sexualidade”, in: LOURO, Guacira Lopes. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Editora: Autêntica, 2000, p. 07-35.

LOYOLA, Maria Andréa, “A sexualidade como objeto de estudos das ciências humanas.” in: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 31-39.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução: objeto, método e alcance desta investigação”. In: **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEINERZ, Nádía Elisa. **Entre mulheres: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de porto alegre – RS**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

NERY, João W. **Viagem Solitária**. Memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Leya, 2012.

NERY, João W; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **Transhomens no ciberespaço I – Micro-políticas das resistências**. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (org.). Dossiê (In) Visibilidade Trans 2. **História Agora**, São Paulo, v. 2, n. 16, p. 29-59, 2013, p. 139-165.

OLIVEIRA, André Lucas guerreiro. **“Somos quem podemos ser”: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade**. (Mestrado em Ciências Sociais). 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

OLIVEIRA, Polianne Delmondez. **Cartografia das práticas de subjetivação em experiências trans**. 2017. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde). Universidade de Brasília, Brasília. 2017.

PEDRINI, Mateus Dias. **Homens Trans(bordados): Experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017.

PEIXOTO, Mônica Monteiro e HEILBORN, Maria Luiza. “Mulheres que amam demais: conjugalidades e narrativas de experiência de sofrimento.” **Revista Estudos Feministas**. [online]. 2016, vol. 24, n. 1, 45-62. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p45>.

PELÚCIO, Larissa. “Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis.” In: SBS – **XII Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2006a.

PELÚCIO, Larissa. “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem.” In: **Estudos feministas**, Florianópolis, 14(2): 248, maio-agosto/2006b, p. 522-534.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método.” Universidade de Brasília – **Brasil Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, jul./dez. 2014, p. 377-391.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. “Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: masculinidades e ética antropológica.” In: **29º Reunião Brasileira de Antropologia**, 2014.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do. **Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de gênero de homens trans**. (Mestrado em Antropologia Social). 2015. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2015.

RIFIOTIS, Theophilos. “Etnografia no ciberespaço como “repovoamento” e explicação.” **Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)**, vol. 31, n. 90, fevereiro/2016, p. 85-98.

ROBALO, Diego. **VOZES TRANS: Um estudo etnográfico sobre a construção da identidade de gênero das pessoas trans**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014.

RUBIN, Gayle. “Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade.” Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes e revisão de Miriam Pillar Grossi. Do original RUBIN, G. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality* [1984]. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle e HALPERIN, David. (eds.) **The Lesbian and Gay Studies Reader**. Nova York, Routledge, 1994.

SILVA, Bianca Rodrigues. **Transhomens: percepções de si, trânsitos e vivências**. 2015. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em ciências sociais) Universidade Federal da Paraíba. João pessoa. 2015.

SILVA, Carolina Pereira. **Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Everton de Lima. **Você é muito nova pra brincar de morrer, uma etnografia com jovens e adolescentes que praticam a automutilação.** 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOARES, Milene **Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). 2012. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2012.

VANCE, Carole S. “A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico.” **PHYSIS, Revista de Saúde Coletiva**, vol. 5, n. 1, 1995, p 07-31.

VENCATO, Anna Paula. “Narrativas sobre conjugalidade de mulheres que se relacionam com crossdressers.” **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(1), janeiro-abril/2017, p. 147-165.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). 2015. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.